

MARIA LUCIA SECOTI FILIZOLA

**FOTOGRAFIA E PESQUISA-AÇÃO: uma proposta
metodológica para o estudo do envelhecer de mulheres
na Vila Castelo Branco**

CAMPINAS

Unicamp

2009

MARIA LUCIA SECOTI FILIZOLA

**FOTOGRAFIA E PESQUISA-AÇÃO: uma proposta
metodológica para o estudo do envelhecer de mulheres
na Vila Castelo Branco**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de
Campinas, para obtenção do título de Mestre em Gerontologia

ORIENTADORA: PROFA. DRA. OLGA RODRIGUES MORAES VON SIMSON

CAMPINAS

Unicamp

2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

F479f Filizola, Maria Lucia Secoti
Fotografia e pesquisa – ação: uma proposta metodológica
para o estudo do envelhecer de mulheres na Vila Castelo
Branco / Maria Lucia Secoti Filizola. Campinas, SP: [s.n.], 2009.

Orientador: Olga Rodrigues Moraes von Simon
Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Fotografia. 2. Velhice. 3. Envelhecimento. 4. Gênero. I. von
Simon, Olga Rodrigues de Moraes. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

**Título em inglês: Photography and action-research: A methodological
proposal to the study of the female aging in Castelo
Branco neighborhood**

Keywords: • Photography

- Elderly
- Aging
- Gender

Titulação: Mestre em Gerontologia

Banca examinadora:

Profa. Dra. Olga Rodrigues Moraes von Simon

Profa. Dra. Margareth Brandini Park

Profa. Dra. Andréa Lopes

Data da defesa: 29-01-2009

Banca examinadora de Dissertação de Mestrado

Maria Lucia Secoti Filizola

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Olga Rodrigues De Moraes Von Simson

Olga R. de Moraes von Simson

Membros:

Professor (a) Doutor (a) Andrea Lopes

Andrea Lopes

Professor (a) Doutor (a) Margareth Brandini Park

Margareth Brandini Park

Curso de pós-graduação em Gerontologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 29/01/2009

A minha mãe,
que me alfabetizou nas letras e na vida,
mesmo “*não tendo estudo*”,
como ela diz.

Ao meu pai,
que me ensinou a ver a arte de forma simples,
nas coisas simples.

E os ensinamentos deles, de:
respeitar o outro e cultivar seus sonhos,
me trouxeram até aqui.

Ao Alexandre
por “suportar” o meu devaneio,
por ter me dado o chão para voar,
mesmo quando não parecia possível.

A Clara,
riqueza infindável na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Gratidão! É o sentimento que tenho por vocês que, próximos ou não, me ajudaram a percorrer este caminho.

A minha orientadora professora Olga Rodrigues de Moraes von Simson, a professora Margareth Brandini Park, a Fátima Gianini Novaes e Fani Gianini, Ruth Joffily. A dona Raquel Gobbo, a Regina, da Escola do Sítio, a Efigênia Mantovani, Marta Fontenele, Glauce Estefani, Cristina Rodrigues Lima, Maristela Marrano. A Samila Sathler, Fabiana Bruno. Ao professor Etienne Samain e professora Márcia Azevedo de Abreu, Lílian Alvisi, Beth Brasileiro, Zezé Castro, Willians, a Dra Heloisa Fassina, a Renata Barreiro, Aline Granjeiro e Fábio Martins. Ao sr. Cyro Baldin e sua família. A dona Fátima e Leonete, a coordenação do Progen e sua equipe, a Jose Calazans, pelo ensino gratuito, as mulheres da Castelo Branco que integraram esta pesquisa, permitindo meu aprendizado e a Deus.

Título: Fotografia e Pesquisa-Ação: Uma proposta metodológica para o estudo do envelhecer de mulheres na Vila Castelo Branco.

Utilizando-se da metodologia da pesquisa-ação e da multiplicidade de possibilidades que a oficina de fotografia e a própria imagem propiciam, esta dissertação se propõe a estudar o envelhecimento de um grupo de mulheres, cuja maioria reside na Vila Castelo Branco desde a sua inauguração. Percorremos com elas estas lembranças e vivências no que tange a construção social da velhice, através dos dados qualitativos que a História Oral permite coletar.

Descritores: Fotografia, Envelhecimento, Velhice, Gênero, Ciência - Metodologia Pesquisa, Gerontologia, Pesquisa-ação, Envelhecimento – Pesquisa.

Title:Photography and Action-Research:A methodological proposal to the study of the female aging in Castelo Branco neighborhood.

Using the Action-Research methodology and the multiplicity of possibilities that the photograph workshop and the image itself dispose,this essay aims at studying the process of aging in a group of women whose biggest part live in Castelo Branco neighborhood since its foundation.We are going to use their living experience and memories regarding the social construction of aging and old age via qualitative data which the Oral History enables us to collect.

Descriptors: Photography, Aging, Gender, Science, methodology Research, Gerontology, Action-Research, Aging-Research.

	Pág.
RESUMO.....	xi
ABSTRACT.....	xiii
MEMORIAL.....	19
INTRODUÇÃO.....	25
CAPÍTULO 1- O Contexto e a Percepção de um lugar.....	29
1.1- Vila Castelo Branco: Sua história, uma realidade.....	31
1.2- Projeto Gente Nova: PROGEN.....	38
1.2.1- Viver em Ação: As avós do Progen.....	49
CAPÍTULO 2- O Tema: Envelhecimento, Curso de Vida e Tempo Presente.....	65
2.1- Envelhecimento: Uma visão panorâmica.....	67
2.2- <i>Portraits</i>.....	77
CAPÍTULO 3- Metodologia: Pesquisa-ação.....	103
3.1- Pesquisa-ação: A construção da proposta e a justificativa metodológica.....	105
CAPÍTULO 4- Multimeios e outros espaços de construção do olhar. as fases do trabalho de campo.....	119

4.1- Fotografia: O desenvolvimento da oficina.....	121
4.1.1- Exposição: Sentido de Pertencimento.....	143
4.1.2- Exposição: Impactos.....	162
4.1.3- Sob Outra Ótica.....	167
4.2- Literatura: Uma reflexão na Castelo Branco.....	171
4.3- Audiovisual: Idéias sobre o envelhecer.....	173
4.4- Scrapbook: Memórias trabalhadas.....	176
4.5- Outros Espaços de Memória em Campinas.....	198
4.5.1- Museu da Imagem e do Som – MIS.....	198
4.5.2- Mercado Municipal de Campinas – Mercado.....	202
4.6- Avaliação e Reivindicação.....	209
CAPÍTULO 5- Apresentação dos dados.....	219
5.1- Perfil sociocultural das informantes.....	221
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	233
ANEXOS.....	245

MEMORIAL

Acredito que, no ato de viver, a descoberta de nós mesmos se faz concomitantemente com a descoberta do mundo que nos cerca; mundo que pode modelar-nos mas também pode ser por nós afetado. Deve-se estabelecer um equilíbrio entre esses dois mundos – o que está dentro de nós, e o que está fora. Em conseqüência, de um processo recíproco constante, esses dois mundos acabam formando um único. E é este mundo que devemos comunicar.

Cartier-Bresson, p.25.

Meu nome é Maria Lucia Secoti Filizola, sou professora, fotógrafa, mestranda em Gerontologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Velhice... Por quê? Assim, muitos me indagam. Minha formação acadêmica parece nada ter a ver com este caminho. E realmente, se pensarmos que sou licenciada em Letras para o atual Ensino Fundamental e Médio, pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)... Depois fiz minha formação em fotografia – básico e avançado pelo Centro de Comunicação e Artes do Senac–SP. Nesse percurso, aprendi com a fotografia – a escrita com a luz - que a gente só escreve aquilo que nos toca.

Minha vida sempre foi marcada por velhos maravilhosos que me enchem de orgulho e que norteiam minha existência e hoje, mesmo distantes, ou ausentes, direcionam minha decisão pelo Mestrado em Gerontologia. Uns, desde a minha infância, meus avós: a começar pela minha querida avó Ofêmia, (meu avô Ângelo, infelizmente, faleceu antes do meu nascimento) uma italiana de 1,80 m, que se debruçava para contar aos seus netos, sua lida nas fazendas de café, no interior de São Paulo e como criara meu pai e os meus tios à sombra dos cafezais. Minha outra querida avó Conceição, pequena só na estatura. Hoje com 101 anos, recém- completados, acompanha meus estudos, me incentiva e colabora através das nossas conversas intermináveis... a delícia de ouvir suas histórias: "... minha filha eu não tenho leitura, mas me escuta..." Histórias cheias

de detalhes - nomes, lugares, cheiros, costumes, orações, intensidade da luz. Como não escutá-las!

Viajei algumas vezes com meu avô Benedito, o qual com o seu jeito silencioso, muito me ensinou. Ele adorava viajar e eu também. Assim, sempre que podíamos lá íamos nós dois... Lembro, em especial de uma viagem que fizemos ao sul de Minas Gerais, em janeiro de 1985, locais para onde ele voltava agora, desde sua migração para o Estado do Paraná, no fim dos anos 40. Sua expressão de alegria ao voltar depois de várias décadas, aos locais onde viveu sua infância e adolescência, me marcou profundamente. Recordar – colocar de novo no coração – definição vivenciada, mas só definida vinte anos depois com minha orientadora durante sua disciplina “Memória, Velhice e Cultura”, ainda como aluna ouvinte.

A cada encontro, a cada ausência preenchida durante a viagem ele renascia, e eu não via mais o meu avô querido, de mais de noventa anos, pois nas suas feições, via sim, um menino que parecia ouvir seus pais a chamá-lo.

Pessoas queridas! Imagens tão fortes, tão presentes, tão ricas, tão envolventes que sempre me ensinaram com seu modo simples que a velhice é um processo natural dentro da nossa trajetória de vida. Outros, que encontrei no decorrer da minha vida e com igual carinho me acolheram e me orientaram. Imagens do meu mundo.

Aprendi no exercício das minhas profissões - professora e fotógrafa - a força que a fotografia apresenta quando se junta ao relato oral. Para mim, a fotografia é a agulha que fura, abre caminhos, enquanto o relato é a linha que costura, preenchendo os “buracos” deixados pela imagem, tecendo assim a história.

*As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos.
Precisam de um narrador para desdobrar seus segredos. (...)
As pequenas peles, as películas, de nossa existência. As
fotografias são confidências e memórias. (SAMAIN, 1998,
p. 112)*

Com o relato é possível construir um momento antes e um depois para o instante congelado. É possível aprofundar-se no que a imagem registra. Sendo assim, no primeiro semestre de 2004, instigada a pesquisar a Campinas que existe, além do que eu posso registrar, desenvolvi na unidade do SESC Campinas o “Projeto Imagens do Meu Mundo”, que tinha como objetivo a comemoração aos 230 anos de Campinas e consistia em: através de fotos antigas da cidade, trazidas pelos participantes, com a média de idade de 65 anos e dos relatos construídos a partir das imagens, retratar a Campinas percebida e vivida por eles. Foram elaborados “cadernos” personalizados com a história de cada um, durante as oficinas. Em agosto do mesmo ano foi realizada uma exposição com esses materiais confeccionados por eles além de alguns objetos biográficos que marcaram suas trajetórias passadas.

Em outubro de 2005, nas unidades do SESC em Birigui e em Araçatuba ministrei oficinas intergeracionais de fotografia com a elaboração de álbuns. Estas experiências ratificaram meu desejo de aprofundar-me nesta área.

Mestrado iniciado. Após cursar as disciplinas comecei o trabalho de campo. O desafio proposto pela minha orientadora era ir para uma região, até então desconhecida para mim – a Vila Castelo Branco¹ – bairro que concentra na sua maioria famílias de classe trabalhadora - e lá iniciei meu trabalho de campo, em agosto de 2007. Desconhecia a região, mas a realidade da luta pela casa própria, de viver com baixos rendimentos, num lugar que absorveu participantes das correntes migratórias dos anos 1960 e 1970, com uma infraestrutura a construir e uma grande fé em Nossa Senhora Aparecida, eu já havia vivido, outrora, na minha infância e adolescência. Um desconhecido tão próximo.

Minha aproximação com o Projeto Gente Nova (Progen) foi muito serena e ao mesmo tempo instigante. Sabia da peculiaridade do grupo. Um grupo de Terceira Idade dentro de uma instituição que tem na base de sua formação o atendimento a crianças e adolescentes, um grupo de “avós” que na maioria, mora

¹Sobre a Vila Castelo Branco, ver no Capítulo 1 sua contextualização.

na região desde a formação deste Conjunto Habitacional, um grupo de mulheres batalhadoras e participativas. Um grupo homogêneo.

O desafio seria grande! A aceitação da proposta pela direção da instituição, bem como a confiança e a liberdade para o desenvolvimento da pesquisa com certeza fizeram a diferença. Foi a minha carta de fiança.

Como ensina o grande mestre da fotografia Cartier-Bresson - “Fotografar é colocar na mesma linha de mira, a cabeça, o olho e o coração”. Este ensinamento é usado por mim como uma bússola, não só no momento da fotografia, que é decisivo como Bresson argumentava; mas, para mim, funciona também como um roteiro no meu caminhar na pesquisa do envelhecimento. Nas suas palavras: *“Em fotografia, a menor coisa pode ser um grande assunto.”*

INTRODUÇÃO

Antes do primeiro contato com o grupo de mulheres que fariam parte da minha pesquisa e com a instituição a qual elas estão vinculadas e com a realidade do local, ao planejar o trabalho de campo na Vila Castelo Branco havia delineado uma coleta de dados englobando a multiplicidade que a Fotografia nos traz quando associada à metodologia da História Oral. Assim, a estrutura da pesquisa estava centrada nestes dois suportes metodológicos.

Sempre trouxe dentro de mim o desejo de desenvolver uma pesquisa na qual a população estudada pudesse ter voz e usufruir diretamente dos resultados. Seria como uma boa leitura, daquelas que deixam o aprisionamento das páginas e tomam forma na atitude das pessoas leitoras.

Ao participar da reunião de apresentação do projeto para a coordenadora do Projeto Gente Nova (Progen) – Izabel Cristina Santos de Almeida, com o objetivo de obter a autorização para o desenvolvimento da pesquisa nessa ONG – percebi neste primeiro contato (em 09 de março de 2007), por meio das palavras acolhedoras de Izabel, a abertura necessária para esta fase vital do projeto. Disse ela: “É sempre muito enriquecedor ter a universidade próxima da gente, para juntos ampliarmos o nosso olhar”.

Retornaria em agosto para efetivamente iniciar o trabalho de campo, conforme ficou decidido ao término da explanação dos objetivos da pesquisa, e esta postura da coordenação, acrescentada às informações fornecidas por ela culminaram numa revisão da metodologia proposta para o desenvolvimento desta etapa: o trabalho de campo. A metodologia que pautou a pesquisa foi a metodologia da pesquisa-ação.

Permanecer com o grupo por treze meses, foi um prazo importante e necessário para poder vigorar a característica da pesquisa-ação, explicitada no capítulo3. Em decorrência da escolha por esta metodologia, delineou-se as atividades de intervenção do capítulo 4 – Multimeios e outros espaços de construção do olhar – as fases do trabalho de campo.

As questões na área do envelhecimento, bem como a sociedade como um todo, tem abordado o tema qualidade de vida com certa frequência. Com o declínio biológico que se dá naturalmente e sabendo que muitos indivíduos envelhecem sem uma infra-estrutura adequada, como pensar em um envelhecimento saudável dentro destas características? Como envelhece a população que se enquadra dentro deste contexto?

Assim sendo, a motivação do meu trabalho foi a de investigar, de uma forma sistemática, a partir da imagem fotográfica, a trajetória destas pessoas, dentro de uma comunidade que edificaram juntas, através do binômio fotografia e pesquisa-ação e verificar como as classes populares convivem com a velhice, como se dá a construção social da velhice neste contexto.

CAPÍTULO 1- O CONTEXTO E A PERCEPÇÃO DE UM LUGAR

1.1- Vila Castelo Branco: sua história, uma realidade



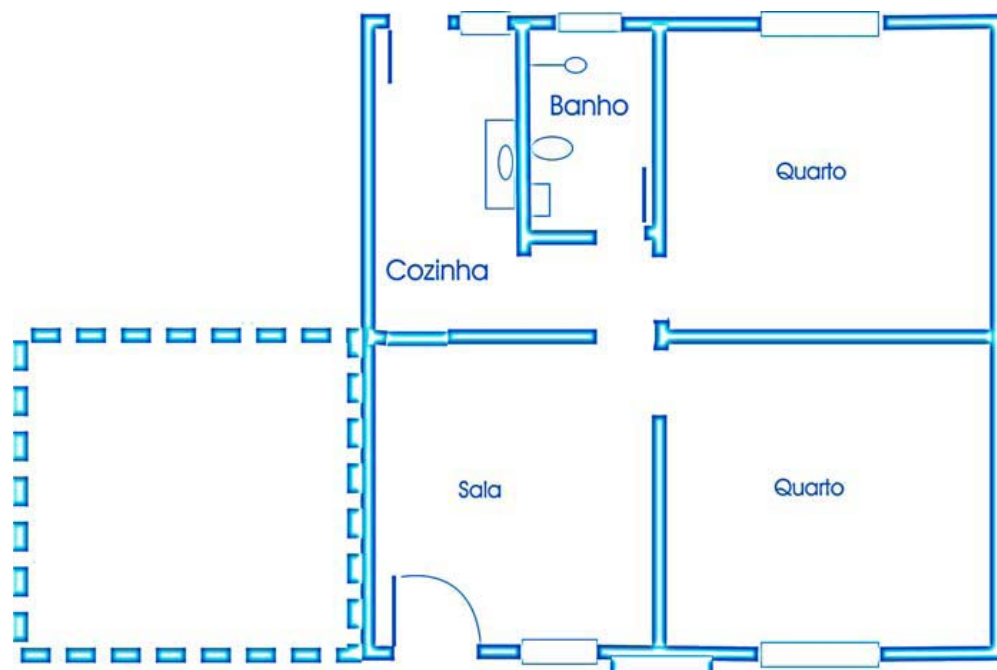
[Fig. 1]- Painéis representativos da Vila Castelo Branco confeccionados pelas participantes.

- Aqui na Castelo Branco quando a gente veio para cá não tinha nada. Assim, questão de condução, luz, essas coisas. Ainda era assim, tudo de improviso. Cada família tinha que regularizar, nós não tínhamos muro na frente, tínhamos que fazer, era tudo cerquinha de madeira, era até bonito parecia sítio. Fala de Dona Célia Ferreira Andrade Augusto, ao lembrar da sua chegada na Vila Castelo Branco, na década de 1960.

Vila Castelo Branco, antiga Vila Bela é o segundo núcleo habitacional de casas populares em Campinas entregue pela Cohab² em agosto de 1967. Localizado nas bordas da cidade, sem água, sem luz, sem escola, sem transporte, sem comércio sem nenhuma infraestrutura, estas famílias foram empurradas para

²A Companhia de Habitação Popular de Campinas - Cohab/Campinas, empresa de economia mista, foi criada em 17 de fevereiro de 1965 através da Lei 3.213, tendo como acionista majoritária a Prefeitura Municipal de Campinas. De cunho eminentemente social, tem por objetivo o planejamento, produção, comercialização de unidades habitacionais e repasses de financiamentos, especialmente destinados à população de baixa renda, obedecendo as diretrizes estabelecidas pelos governos do Município, do Estado e da União. No âmbito municipal e regional, na qualidade de agente Financeiro e promotor do Sistema Financeiro da Habitação é responsável pela aplicação da política nacional de habitação de interesse social, que opera com recursos do FGTS, além da implantação de outros programas para financiamento da moradia criados com recursos próprios e de terceiros, que objetivam a redução do déficit de habitações. (COHAB)

esta região – a Noroeste, com a verticalização do centro de Campinas. Ao todo foram entregues 1.112 casas divididas em duas etapas. Na primeira etapa foram entregues 668 unidades e na segunda etapa 444 unidades. As casas, com dois tipos de edificação, têm metragem que varia entre 30 e 45 metros quadrados e receberam famílias numerosas.



[Fig. 2]- Planta baixa das casas entregues na Vila Castelo contendo dois dormitórios. A outra edificação entregue, na época, era composta por um dormitório. A parte pontilhada era uma modificação prevista no projeto inicial. Outra possibilidade era a ampliação da cozinha³.

“Invariavelmente as famílias eram numerosas, cinco ou seis filhos, alguns muito mais, sendo esse um dos quesitos levado em conta na hora da seleção dos futuros moradores. A renda familiar girava em torno de três salários mínimos.”
(GONÇALVES, 2002, p.115)

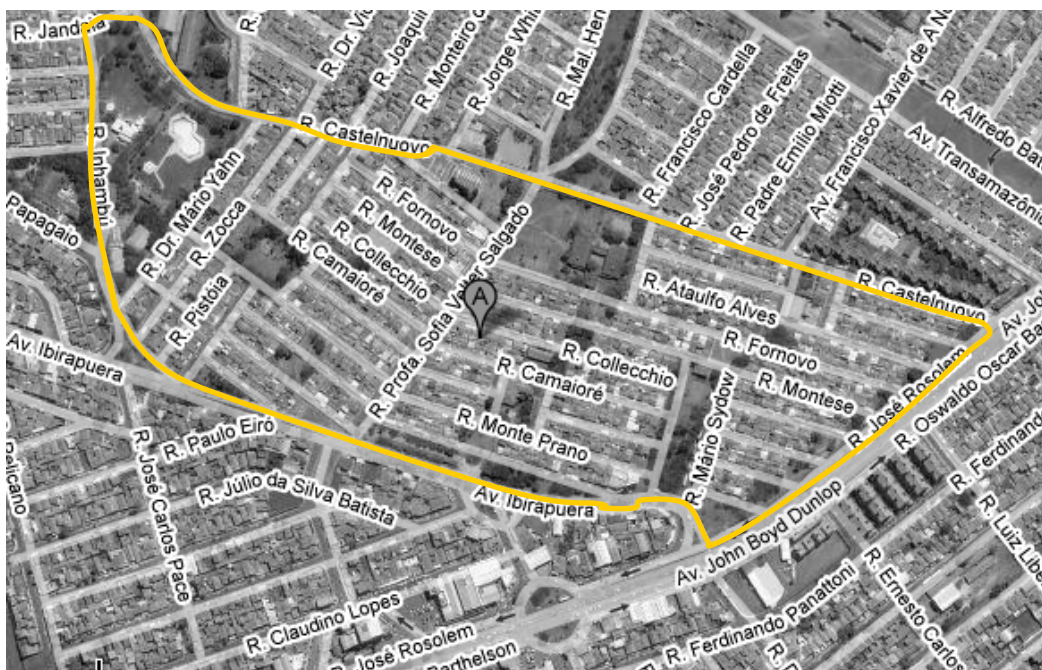
³ Planta Baixa GONÇALVES, José Roberto Gonçalves, 2002, P.113.

Formada na sua maioria por operários, donas de casa, domésticas, babás, assim foi constituída esta população que concentra na sua maioria famílias com baixo poder aquisitivo. Como aponta Gonçalves em sua pesquisa “Espaço, Tempo e Memória, Recompondo a Trajetória das Vilas Populares em Campinas”, o exemplo da Vila Castelo Branco:

“(…) as origens dos primeiros moradores são diversas, contudo uma grande maioria é oriunda de cortiços ou sub-habitações localizadas na região do Cambuí, Centro, São Bernardo e Taquaral. Outros viviam de pagar aluguéis em pequenas casas de fundo ou na casa de parentes. (GONÇALVES, 2002, p. 115)

Com esta dinâmica apresentada pelas políticas públicas se estabelece assim uma segregação espacial e social. Desde sua origem, vilas com características apresentadas pela Vila Castelo Branco foram estigmatizadas.

Mas a Vila Castelo Branco, com o passar dos anos, não é mais aquele bairro distante, à margem da cidade, sem infraestrutura, como em diversos relatos foi apresentado. Com desenvolvimento da cidade, outros bairros foram nascendo e hoje a Castelo Branco, está integrada à mancha urbana.



[Fig. 3]- Vista aérea da Vila Castelo Branco.⁴

Na década de oitenta, o jornal *Diário do Povo*⁵ trouxe, na coluna *Os bairros contam a sua história*, uma matéria destacando a marginalização presente na origem deste núcleo, mas também abordando as contribuições culturais do bairro com a formação da escola de samba Rosa de Prata⁶:

“(...) Para a cidade, a região foi-se tornando legenda de violência e medo. Aos poucos, a Vila Castelo Branco e os bairros próximos estigmatizaram-se como ‘antro de marginais’. Mas a vila é realmente o que “o povo fala? ”Se caminhando pela vila a imagem passa a ser diferente. O que antes era ‘parte integrante do submundo de Campinas’, começa simplesmente a ser um bairro proletário (...) A Vila Castelo Branco é, portanto, apenas um bairro onde os moradores não detêm o mesmo poder aquisitivo de outros bairros nobres, mas

⁴ Disponível em www.maps.google.com.br

⁵ *Diário do Povo* é um jornal de circulação diária em Campinas e região.

⁶ Criada oficialmente em 10.03.1975, tendo na pessoa do Sr. Aluísio Jeremias, o seu fundador. Criado no Taquaral e depois Cambuí, muda-se em 1968 para Vila Castelo Branco. Desde criança tinha o sonho de fundar uma escola de samba. Campeã do 2º grupo em 1980, a Escola sobe para o grupo de elite.

que – igualmente – respiram e transformam a realidade como a *Unidos da Vila Castelo Branco, que deixou legado após a sua morte, a Rosa de Prata – a única alegria do bairro, como muitos moradores lembram. E é a história da Rosa de Prata que conta também um pouco a história de cada morador, de cada homem e mulher que luta no dia-a-dia para – lema da diretoria da escola –, sempre crescer e mostrar que se pode vencer*”.

(Faria, 1982)

No que tange à formação das famílias na vila Castelo Branco, nos dias atuais, é importante ressaltar que as mulheres que outrora criaram os filhos nesta região, hoje são avós, dentro de uma das características do envelhecimento mundial, a feminização⁷ da velhice. Ressaltando que são mulheres que aposentadas ou não continuam trabalhando, sendo provedoras de suas famílias.

Recentemente, em entrevista a Agência Fapesp, denominada “Um país mais velho”, o demógrafo Luiz Antônio Oliveira, coordenador de população e indicadores sociais do IBGE fala sobre esta questão e traz um outro elemento que intensifica esta feminização da velhice na região da Castelo Branco – a violência.

A mulher tem sobrevida maior e isso se deve a uma série de fatores. Em nosso país, essa situação é ainda mais agravada pela mortalidade de jovens do sexo masculino entre os 18 e 30 anos por causas associadas à violência. Para se ter uma idéia, a incidência da mortalidade masculina no grupo etário entre os 20 e 24 anos é quase quatro vezes superior à feminina. Se isso não ocorresse, a esperança de vida dos homens seria de dois a três anos maior do que é hoje. Portanto, se não houver uma mudança nesse padrão, em 2050 o Brasil terá 7 milhões de

⁷ Dentre os estudos sobre envelhecimento populacional, uma área que tem recebido bastante atenção é a “feminização da velhice”. Dada a menor mortalidade feminina, as mulheres predominam entre a população idosa, principalmente, entre a muito idosa. (...) A predominância da população feminina entre os idosos é comprovada internacionalmente e é maior nos países desenvolvidos. Em 2000, a razão de sexos do Reino Unido e do Japão foi de 77% e a da população brasileira de 81,6%. Em outras regiões, tais como no sul da Ásia, essa relação não é tão clara, talvez, devido ao viés masculino na população como um todo. (Lyod-Sherlock, 2002).

De acordo com Lyod-Sherlock (2002), mesmo que a velhice não seja universalmente feminina, ela possui um forte componente de gênero. Como apresentou no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004, a coordenadora de pesquisa do IPEA e professora do mestrado em Estudos Populacionais da ENCE, Ana Amélia Camarano.

mulheres a mais do que homens. Elas, na verdade, já são maioria. Para cada 100 meninos nascidos, nascem em média 105 meninas, é uma constatação biológica. Outro fator é que a mortalidade infantil dos meninos é maior que a das meninas. (OLIVEIRA,2008)⁸

Para estas mulheres, cumpre ou ainda vem cumprindo em muitas famílias a função de responsável pela criança substituindo ou completando o papel dos genitores.

No que se refere à estrutura familiar, há dois modelos distintos que englobam avós e netos nessa situação de cuidado e papéis expandidos. Na primeira, temos os lares compostos por três gerações que tiveram considerável aumento a partir da década de 80, em que ambos, os pais ou ao menos um deles reside com avós e netos. Já na segunda, mais comum a partir da década de 90, os pais estão ausentes do lar e cabe aos avós todo cuidado dos netos.

Goodman&Silverstein apud Lopes, Neri e Park, 2005.

Razões para essa nova estruturação familiar são apontadas pelas as autoras citadas acima, em virtude das causas mais comuns relacionadas às alterações nos valores da sociedade: Inserção das mulheres no mercado de trabalho dificultando-lhes o cuidar integral dos filhos; dificuldades econômicas como desemprego dos pais e necessidade de ajuda financeira por parte dos avós; divórcio do casal com retorno para casa dos pais juntamente com os netos; novo casamento de pais separados e, não aceitação das crianças por parte do cônjuge; gravidez precoce e despreparo para cuidar dos filhos; morte precoce dos pais devido à violência ou doenças como a AIDS; incapacidade dos pais decorrente de desordens emocionais ou neurológicas; uso de drogas ou envolvimento em programas de recuperação para usuários de drogas; envolvimento em situações ilícitas e problemas judiciais.

⁸Ver: <http://www.agencia.fapesp.br/materia/9802/entrevistas/um-pais-mais-velho.htm>

O ato solidário de receber em suas casas os filhos, netos e em algumas situações genros ou noras exige destas mulheres um retorno as atividades remuneradas, mesmo que as mesmas aconteçam informalmente. Em alguns casos elas não pararam de trabalhar. Esta questão é abordada pela pesquisadora Clarice Peixoto (2004), quando coloca a importância dos mais velhos nesta função de prover a família, dentro de um contexto de retração do mercado de trabalho para os mais novos. Não bastando esta realidade, há um maior número de separações e de divórcios, o que intensifica o retorno dos filhos adultos para casa dos pais. Como aponta a seguir.

Desemprego, divórcio, viuvez, filhos que não saem nunca de casa: estas são razões que explicam por que, no Brasil, as gerações mais velhas coabitam cada vez mais com as gerações mais jovens – fenômeno que é ainda mais comum nas famílias das camadas populares. (PEIXOTO,2004, p.75)

Dentro de realidade semelhante se dá o envelhecimento desta 1ª geração de mulheres vivendo na Vila Castelo Branco.

1.2- Projeto Gente Nova-PROGEN



[Fig. 4]- Fachada do Progen.

-"Dona, me dá um pedaço de pão duro?"

Com este pedido, descrito acima, começa a trajetória do Progen há 24 anos na Vila Castelo Branco. O bairro, assim como o entorno estão inseridos num contexto sócio-econômico adverso: renda familiar baixa, escassez de uma rede de serviços adequados em saúde, educação, cultura, esporte, assistência social e trabalho e a presença constante do tráfico de drogas, entre outros, conforme relata a coordenadora do Projeto Gente Nova, Izabel Almeida.

Irmã Miriam, atualmente em missão em outro município, uma das fundadoras desse espaço assim registrou essa versão de fundação do Progen que é contada e recontada para as crianças e adolescentes que freqüentam as muitas atividades nelas desenvolvidas. A íntegra da mesma é apresentada a seguir:

Julho de 1984.

-"Dona, me dá um pedaço de pão duro?"

Esse, foi o pedido de um menino de rua que teve como resposta o pão pedido e a "Casa do Pãozinho".

Crianças e mães com carrinhos catando papel e sucata pela rua para sobreviver. Não era uma, mas muitas...

Esta era a realidade de alguns bairros vizinhos ao Jardim Garcia, em Campinas. O que fazer? Que resposta dar? Qual o futuro dessas crianças? Basta dar o pão?

Era preciso ir mais longe.

E a LUZ SE FEZ! Guiados por Nossa Senhora Auxiliadora o caminho, foi iluminado.

Reunir essas crianças e a partir da sua realidade ajudá-las a construir um futuro diferente: uma VIDA NOVA, era essa a meta, a missão a ser trabalhada.

Tudo começou reunindo aos sábados os catadores de papel e sucata para um encontro: um pão e uma palavra de carinho, no quintal da casa das Irmãs Salesianas.

Aos poucos a idéia tomou corpo, e neste espaço, onde se reuniam aos sábados, montou-se um Ferro Velho para evitar que essas crianças fossem exploradas no preço e no peso, na venda das sucatas. Comprava-se a sucata das crianças que chegavam com seus carrinhos carregados. Elas pesavam, faziam o cálculo do preço e recebiam o que era justo. Depois revendia-se o que fora ajuntado na semana e tudo era revertido para os novos encontros.

Do tempo da aprendizagem do coleguismo, da fraternidade, da justiça, da esperança de que um dia seria diferente.

O número de crianças aumentou e não era mais possível acolhê-las no quintal da casa das Irmãs.

No início de 1985, os encontros foram transferidos para o salão cedido pela Comunidade do Jardim Garcia. Com mais espaço foi possível dar outros passos. O grupo de jovens da comunidade organizava atividades e brincadeiras com as crianças. Mas, percebia-se logo que o caminho deveria ser outro. Ali era provisório.

O quê fazer? Onde? Com que recursos? .

E a Auxiliadora, a Mãe, "de novo" aponta o caminho. Foi solicitado à Comunidade da Vila Castelo Branco, e depois à Arquidiocese de Campinas, uma parte do terreno da comunidade para a construção de um salão para abrigar as crianças e em 24 de maio de 1985, inicia-se a construção. Era a tão sonhada "Casa do Pãozinho" que se tornava realidade. Era como a semente de mostarda - pequena, mas com muita vida, que lançada na terra, e bem cuidada, brotaria para abrigar os filhos deserdados e marginalizados.

E o milagre aconteceu.

Em dezembro do mesmo ano inaugurava-se a Casa do Pãozinho que a Mãe lhes preparara para abrigá-los.

Problemas, dificuldades, desânimos, alegrias, esperanças... tudo foi acontecendo.

Aos poucos com o auxílio de muitos voluntários, conseguiu-se organizar o atendimento diário às crianças e não somente aos sábado, como era no início.

Agora havia não só o lanche, a refeição, mas também o próprio espaço, um ambiente acolhedor para propiciar o desabrochar dessas vidas marcadas e maltratadas pela sociedade. Eles também teriam o direito de ter VIDA NOVA. Daí o nome - PROJETO GENTE NOVA. GENTE NOVA para construir uma nova sociedade.

Não sabíamos que o caminho teria tantas pedras, mas também sabíamos que haveria sempre uma "mão" a ajudar a removê-las ou contorná-las.

E a história do Projeto aconteceu assim: devagar, oculta, gradual, firme e esperançosa. E a mão de Deus esteve sempre presente. Do lanche passou-se a refeição; e daí aos dois: lanche e refeição.

Matar a fome de pão e a fome de Vida Nova.

Despertar no coração as sementes adormecidas para germinarem e florirem.

E o trabalho de conscientização da própria realidade para construir uma outra. Ajudar a descobrir os valores verdadeiros para integrá-los na própria vida, através da conversa, do diálogo, da discussão em grupo, da aprendizagem da convivência, da socialização.

E os frutos foram aparecendo. O "inacreditável" aconteceu. "Aqueles" crianças, como a sociedade dizia tornaram-se GENTE e ocuparam o seu lugar ao sol.

Hoje O Projeto Gente Nova faz parte integrante da vida delas: é a "nossa casa" como dizem. Casa que construíram aos pouquinhos, mas assentada sobre a rocha firme, como diz a Bíblia.

Esta realidade se dá, ao olharmos a história de formação desta região.⁹

⁹Texto extraído do material preparado pelo Progen em comemoração aos 10 anos da Instituição. Escrito por irmã Benedita Miriam Morotti.



Ano 1984-1986. Arquivo da Instituição

[Fig. 5]- Pequeno catador de sucata do bairro e seu carrinho.

Preconizado no seu Regimento Interno, o Projeto Gente Nova, tem como objetivo geral: formar para a cidadania, propiciar às crianças e adolescentes condições para o desenvolvimento de uma cidadania consciente e atuante, por meio da descoberta e da interiorização de valores éticos, morais e cívicos, como valorização da vida, participação ativa, diálogo, respeito mútuo, cooperação, partilha, senso crítico perante a realidade cotidiana.

A entidade, sem fins lucrativos, opera com 60% de verbas públicas provenientes das três esferas de governo Federal, Estadual e Municipal. Busca outros 40%, através de parcerias com fundações, institutos entre outros tais como: Fundação Abrinq, Feac, Instituto Bosch, Fundo Municipal do Conselho da Criança e do Adolescente¹⁰, outras fontes de recursos para viabilizar a demanda do Projeto. O Progen é reconhecida pelo trabalho desenvolvido, nestas duas décadas, no atendimento a crianças e adolescentes, sendo escolhido entre 1682

¹⁰Do Fundo Municipal do Conselho da Criança e do Adolescente recebe 1 % recurso proveniente de empresas através de isenção de Imposto de Renda

projetos inscritos um dos trinta melhores projeto do país no ano de 2005 (PREMIO ITÚ UNICEF) com atuação no campo da educação não-formal, que tem por definição:

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; (Gohn, 2006)

Três projetos desenvolvidos pelo Progen esquematizam as atividades da Instituição que a seguir são apresentados: ***Projeto dia-a-dia sem rotina*** é a base da proposta sócio educativa que atende 188 crianças e pré-adolescentes, 150 Adolescente e 194 famílias, busca a transformação da história de vida dos integrantes, por meio de oficinas e rodas de conversa. Está contemplado neste projeto as oficinas semanais e de livre escolha de: *Folias do Picadeiro, Música – Percussão e Cordas, Artesanato, Moda e Beleza, Capoeira e Danças Folclóricas, Esporte* (esta última é realizada na Praça dos Trabalhadores)¹¹ ***Projeto Construindo Cidadania*** – atende especificamente os adolescentes e as oficinas estão voltadas para possibilitar aos participantes o desenvolvimento e vivência de valores e atitudes, bem como a qualificação profissional. As atividades desenvolvidas são: Jovem Aprendiz (Projeto Jovem da Beleza) qualifica os jovens para as diversas funções na área da beleza; Jornal Conexão Jovem, integra o projeto “*Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas*”, desenvolvido pelo Centro de Memória CMU-Unicamp. O *Conexão Jovem* é realizado em parceria entre os adolescentes que participam das atividades do Progen e alunos das escolas estaduais da região; Oficina de

¹¹Praça dos Trabalhadores, espaço público localizado na confluência dos bairros Vila Castelo Branco e Vila Padre Manoel da Nóbrega.

reciclagem de papel, Oficina de Cidadania Musicalização, Folias do Picadeiro e Capoeira. *“Propiciar esses espaços e oportunidades possibilita ao adolescente que ele possa escolher, desenvolver e vivenciar valores e atitudes que desenvolva a própria personalidade e favoreça a superação dos riscos presentes em seu cotidiano para se tornar agentes do seu próprio desenvolvimento pessoal e social”*- relata a coordenação.

A terceira linha de ação é voltada às famílias e é denominado **Projeto Família na Construção de sua Cidadania Vila Castelo Branco**. Através de reuniões sócio-educativas, os trabalhos são desenvolvidos com as 194 famílias, consta de encaminhamentos e acompanhamentos de situações específicas de acordo com o SUAS – Sistema Único de Assistência Social. A geração de renda é um dos eixos do projeto. Cursos de corte e costura, artesanato e informática, são oferecidos. Há na região Noroeste, um movimento de resgate das ações da “Feira” – Trabalho de Geração de Renda com a comunidade.

A instituição percebeu que estava sendo grande o número de avós nas participações do projeto **Família na Construção de sua Cidadania Vila Castelo Branco**. Essas mulheres, mães de ex-frequentes do Projeto, hoje avós e muitas estão desempenhando o papel de pais de família. Não somente no ato de trazerem seus netos de diferentes faixa-etárias para participar de atividades educacionais no Progen, mas tendo elas, muitas vezes a responsabilidade total sobre estas crianças e/ou adolescentes. Esta averiguação trouxe à tona para a instituição, esta outra realidade vivida na Castelo Branco.

Pensando de que forma poderia ser resguardado a essas mulheres, seu papel de avós, dá-se assim, a formação do grupo da Terceira Idade *Viver em Ação*, conhecido dentro do Progen como o grupo das avós. No próximo capítulo falaremos especificamente sobre esta constituição. Izabel, coordenadora do Progen fala com carinho e respeito sobre essas mulheres:

“Essas mulheres participaram do processo de formação do Progen, muitas desde seu início. Estou aqui, no Progen, a dezoito anos, uma dessas avós, a Dona Célia, conheci bem antes de vir trabalhar aqui. A conheci na escola em que eu estudava, quando fazia o antigo 1º grau, ela era a zeladora. Você pode imaginar o que é isto ? ” Diz a coordenadora Izabel. E continua: “É nossa responsabilidade olhar para este momento que elas estão vivendo.”

Com esta iniciativa, a Instituição incorporou nas suas ações o encontro intergeracional que também possui forte caráter educacional e inclusivo, abrindo e descobrindo novos caminhos dentro da Instituição. Os programas intergeracionais são espaços que oferecem oportunidades para a troca de experiências e aprendizagem das diversas faixas etárias para benefícios individuais e sociais, considerando a aproximação de gerações como um instrumento eficaz, com efeito, de inclusão social e o desenvolvimento da comunidade Como aponta o documento da Unesco apud LIMA, 2007.

A importância desse encontro de mulheres na terceira idade com outras faixas etárias, traz benefícios aos dois grupos. Primeiramente de um modo mais amplo quebrando os preconceitos existentes com relação ao envelhecimento. No tocante ao grupo das idosas eleva sua auto-estima, traz a valoração do indivíduo pertencente a este grupo etário, desperta-o para um novo olhar sobre o envelhecimento, oportunizando a transferência dos seus conhecimentos de vida para as novas gerações. A sua participação nestes grupos, serve de exemplo para as crianças e jovens, no entendimento sobre o envelhecer com participação na vida do bairro. Quanto aos indivíduos das faixas etárias mais novas lhes é dado a oportunidade de ampliar o conhecimento através do compartilhamento da memória dos fatos vividos pelas gerações anteriores, sejam eles de caráter histórico ou não.

Programas intergeracionais podem trazer enormes benefícios aos jovens e aos mais velhos que aprenderão juntos, através da experiência, do lazer e do prazer, dos processos reflexivos ou, simplesmente, ao conviverem e assistirem-se mutuamente. (FRANÇA e SOARES, 1997,p.162)

A sociedade tem grande ganho nestes encontros intergeracionais, pois deixa de ter monólogos produzidos por faixas etárias únicas, e desta maneira, permite a existência do diálogo e constrói uma comunicação rica e profícua para todos. Como nos aponta LIMA (2008)...a segregação geracional tem sido vista pelos estudiosos da literatura social como um fator altamente negativo para a sociedade.

A mesma autora em sua obra intitulada - Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações e complementa:

Os programas e atividades intergeracionais são grandes incentivadores para as diversas gerações participarem significativamente, na sua comunidade e no seu mundo; os participantes aprendem a ser sensíveis, compreensivos, respeitosos e podem crescer confortavelmente com diferenças e semelhanças individuais entre eles e, ao mesmo tempo, enfraquecer qualquer tipo de discriminação. (LIMA, 2007: p. IX)

Há alguns anos o Progen resolveu valorizar, nas suas atividades, as relações entre grupos etários diversos. Com esta nova diretriz - o encontro intergeracional – tendo em vista que o escopo da entidade era o atendimento a crianças e adolescentes e a presença dos movimentos populares, além da participação da comunidade em todo o processo histórico da constituição do Progen. Esses foram os principais norteadores para a criação do Centro de Convivência Inclusivo e Intergeracional, uma vez que o Progen, sempre teve como foco a família e as atividades sócio assistenciais. Ao longo dos seus 24 anos, o Projeto Gente Nova, já vem sendo apropriado pela população como um espaço

aberto para o desenvolvimento de atividades socioeducativas e de acolhimento social, como é preconizado pelo SUAS¹²

“o SUAS é modelo de gestão descentralizado e participativo, constitui – se na regularização e organização em todo território nacional das ações sócio-assistenciais. Os serviços, programas, projetos e benefícios têm como foco prioritário a atenção às famílias, seus membros e indivíduos e o território como base de organização, que passam a ser definidos pelas funções que desempenham, pelo número de pessoas que deles necessitam e pela sua complexidade, pressupõe ainda, gestão compartilhada, co-financiamento da política pelas três esferas de Governo e definição clara das competências técnico-políticas da União, Estados e Distrito Federal e Municípios, com a participação e mobilização da sociedade civil, e estes tem o papel efetivo na sua implantação e implementação.”

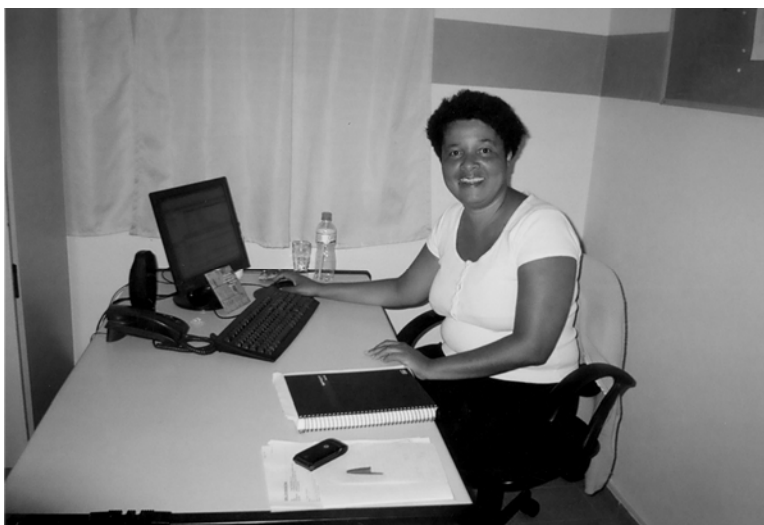
Como relata Valéria Cabral Carvalho e Luiza Maria Lorenzini Gerber.

Sob esta nova configuração, o encontro intergeracional, o Progen vem intensificando suas atividades, a partir deste ano de 2008. Assim sendo, a oficina de fotografia, proposta por esta pesquisa-ação, se integrou a essa perspectiva inovadora do Projeto Gente Nova.

¹² Sistema Único de Assistência Social (SUAS)

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS), cujo modelo de gestão é descentralizado e participativo, constitui-se na regulação e organização em todo território nacional dos serviços, programas, projetos e benefícios socioassistenciais, de caráter continuado ou eventual, executados e providos por pessoas jurídicas de direito público sob critério universal e lógica de ação em rede hierarquizada e em articulação com iniciativas da sociedade civil. Além disso, o SUAS define e organiza os elementos essenciais e imprescindíveis à execução da política pública de assistência social, possibilitando a normatização dos padrões nos serviços, qualidade no atendimento aos usuários, indicadores de avaliação e resultado, nomenclatura dos serviços e da rede prestadora de serviços socioassistenciais. O SUAS foi a principal deliberação da IV Conferência Nacional de Assistência Social, realizada em Brasília (DF), em 2003, e se inscreve no esforço de viabilização de um projeto de desenvolvimento nacional, que pleiteia a universalização dos direitos à Seguridade Social e da proteção social pública com a composição da política pública de assistência social em nível nacional. Esse novo modelo de gestão supõe um pacto federativo, com a definição de competências e responsabilidades dos entes das três esferas de governo (federal, estadual e municipal). Está sendo implementado por meio de uma nova lógica de organização das ações, com a definição de níveis de complexidade do sistema: Proteção Social Básica (PSB) e Proteção Social Especial (PSE) de média e alta complexidade, com a referência no território, considerando as especificidades das regiões e portes de municípios e com centralidade na família. É, finalmente, uma forma de operacionalização da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que viabiliza o sistema descentralizado e participativo e a sua regulação em todo o território nacional.

Vale ressaltar que o Progen conta ainda com um Projeto Comunidade Educativa: Pesquisando, Formando e Informando que tem como principal objetivo fortalecer o vínculo entre as crianças, os adolescentes com suas famílias e com as escolas da região. Este projeto nasce da necessidade de (re) significar a identidade individual e coletiva dos sujeitos envolvidos no processo, promovendo a centralidade no protagonismo infanto-juvenil neste território, como traz o relatório da Instituição. Dois programas estão inseridos nas atividades desenvolvidas pelo Projeto Gente Nova: um voltado a formação do estagiário, proporcionando momentos de reflexão teórico e prático que é o *Programa sócio-educativo de atendimento à comunidade* e o segundo tem por meta o acompanhamento de crianças, adolescentes e famílias com histórico de violência doméstica. Agressões físicas, negligência, abandono, abuso e exploração sexual, maus tratos psicológicos são atendimentos realizados por este programa.



[Fig 6]- Izabel Cristina dos Santos Almeida, coordenadora do Progen.

1.2.1- Viver em ação: as avós do PROGEN



[Fig.7]- Integrantes do Grupo Viver em Ação, participantes da pesquisa em pauta. Da esquerda para a direita na primeira fila. Maria do Carmo Martins, Vera Lucia Ferreira Luiz, Célia Ferreira Andrade Augusto, Carmem Bueno Oliveira Fogaça, Ana Clemente, Maria Reis Garbini, Regiane Carminitti (coordenadora do grupo) e Maria Aparecido Bento. Na segunda fila, na mesma ordem, Adeliza Braz dos Reis (conhecida por Dê), Joana Jeanete Bento Correia (conhecida por Jane), Izabel Cristina dos Santos Almeida (coordenadora do Progen) Maria da Conceição Altino, Generosa Oliveira Brito e Aparecida Afonso.

O grupo foi constituído em 2002, formado grande parte pelas primeiras moradoras, que migraram da região central para esta localidade, na década de 1960, com aquisição da casa própria. Reúnem-se semanalmente, sob a imagem de Nossa Senhora Aparecida, das 13h às 16:30, tendo a participação média de 20 mulheres. Dona Célia protagonizou a fundação do grupo e conta como foi seu início:

C. Olha este espaço a gente começou assim,,, uma das assistentes, não foi a Regina, foi a Elizandra, ela já saiu daí, que colocou pra nós: - “Olha nós vamos ter uma verba para avós E aí a gente precisaria de umas senhoras para estar participando? Teria como a senhora conseguir alguém? A senhora conhece alguém que fica em casa, alguma avó que não tem o que fazer no caso (risos) que queira participar.” Eu respondi: Ah, eu tenho bastante conhecimento. A gente vai conversar, vai perguntar. E nisso começamos. Eu, inclusive, comecei a ir e ajudar a fazer aqueles jacarezinhos, né; depois fizemos uns colarzinho de bijouteria e agora a gente está fazendo mais artesanato, No início eram outras pessoas, pessoas de fora do Progen. Agora são mesmo do Progen. É melhor porque elas já sabem o horário que tem que estar ali e o que é preciso, né.Cada vez está aumentando o nosso grupo porque o pessoal gosta. São horas gostosas que a gente está ali aprendendo, conversando enfim...

L.Qual é o número de participantes hoje, Dona Célia?

C. Olha tem mais ou menos, até....uma média mais o menos de 15 a 20 mulheres.

L. Todas as quartas?

C. Todas as quartas.

A abertura do Progen para grupos etários diversificados tem o intuito de proporcionar a essas mulheres idosas, além do acolhimento social, um espaço para o exercício da cidadania, programa este chamado *Descobrimos novos caminhos: Espaços e Construções*, com a participação no Conselho Municipal do Idoso.

Não há uma representante oficial do grupo, mas com certeza Dona Célia, com sua postura de líder nata e sua voz forte é a pessoa de referência dentro do grupo.

No trecho a seguir ela fala das conquistas da Terceira Idade, não somente no Progen, mas na Vila Castelo Branco e da importância da rede social e o encontro de gerações. Ela, como praticamente todas as participantes do Grupo Viver em Ação, integram outros grupos de Terceira Idade na Castelo Branco.

C. Olha eu vejo esta conquista assim com braço bem forte, né. Porque na realidade muitas pessoas ficam dentro de casa sem saber o que fazer ou muitos ficam só assistindo televisão. E esta questão aí, de Terceira Idade é uma coisa boa. Boa porque as pessoas podem ter sua atividade, uma vez que elas não tem. Muitas delas não tem capacidade para pagar uma academia, por exemplo. Além de você fazer sua física, você tem aquela amizade com as pessoas, você conversa, você fica sabendo das coisas, muitas vezes você até conversa sobre sua família, um que está desempregado, outro já indica alguma coisa. Então é uma coisa gostosa, né... e faz bem pra gente também. Não é só pessoa de idade que faz a nossa física. Tem pessoas novas também Eu já coloquei para o grupo essa questão. A nossa coordenadora uma vez falou: "Ah! o nosso grupo está muito devassado, está tendo muita moça. "Aí eu falei:" Olha, nesta questão de moça, eu acho que a gente tem que compreender o seguinte: Às vezes o moço tem mais necessidade de fazer...de estar no nosso meio porque, eles, não sabem resolver as questões deles, dentro de casa, algum problema que está tendo. Aí, a pessoa, vindo aqui, ela conversa, conversa com, um conversa com outro e ela passa a clarear um pouco mais a sua mente. Hoje o nosso grupo está assim, realmente misturado. Tem bastante pessoas de idade e tem bastante moça também.

L. Isto a sra está falando do grupo Reviver, né?

C. Nosso grupo Reviver.

Grupo Reviver, são aulas de alongamento e fortalecimento muscular, com um profissional da área de Educação Física, mantido pela Prefeitura Municipal de Campinas. A atividade é realizada na Praça dos Trabalhadores, há mais de dezesseis anos, com uma média de 90 participantes por aula, numa quadra coberta conquistada pelo grupo, depois de anos fazendo a referida atividade em espaço aberto. O grupo se reúne duas vezes por semana, no horário matutino.

O educador físico, Carlos, a frente do grupo a quase seis anos fala da sua percepção em relação ao grupo: “ *O que chama atenção, aqui na Vila Castelo Branco, por ser um bairro de classe média baixa e não ter sido educado para atividade física como em outras classes sociais que possuem um poder aquisitivo alto é o descobrimento da importância da atividade física. São ex-domésticas, donas de casa, faxineiras, diaristas que freqüentam regularmente as aulas. Isto que é legal, a democratização da atividade física. Elas dão valor a prática da atividade física.*” Como ele frisa muita alegria e entusiasmo; Maria Reis, participante do Grupo Reviver e do Grupo Viver em Ação; mostrou para mim este espaço, quando a Caminhada Fotográfica¹³ foi desenvolvida.

¹³Atividade desenvolvida por mim, durante o processo de coleta de dados. Ela será apresentada nas fases do trabalho de campo.



[Fig.8]- Grupo Reviver. Rua Mário Yahn, Nº 83 - Vila Castelo Branco.



[Fig. 9]- Em 1º plano, Célia Ferreira Andrade Augusto.



[Fig. 10]- Maria Reis Garbini, ao centro.



[Fig.11]- Generosa Oliveira Brito

Além deste espaço, elas desfrutam do Grupo Giravida, os encontros acontecem às terças-feiras, à tarde, no salão paroquial cedido pela Igreja Católica Nossa Senhora de Guadalupe. a adesão masculina é um pouco maior. As reuniões são voltadas para o lazer. Bingo, bailes estão entre as atividades planejadas.



[Fig. 12]- Dona Maria da Conceição Altino, no baile organizado pelo Giravida.



[Fig. 13]- Maria Reis Garbini, baile organizado pelo Giravida.

Outro espaço freqüentado por algumas integrantes do Viver em Ação é a Casa das Oficinas. Mantida pela Secretaria Municipal da Saúde, funciona de segunda a sexta-feira das 8h às 17h, sob a coordenação de Andréa Barreiro Hahon de Souza, no Jardim Garcia, bairro vizinho a Vila Castelo Branco. É conhecido por este nome desde março de 2004, quando houve a junção entre os serviços da região Noroeste de Campinas, que experimentavam o trabalho de geração de renda com os usuários da Saúde Mental.

A Casa das Oficinas é um projeto de geração de renda que desenvolve suas oficinas dentro dos princípios de cooperativismo, economia solidária e cidadania. Proporcionando aprendizado, produção e comercialização. Voltado primeiramente só para os usuários da saúde mental, no intuito de reabilitar e possibilitar a re-inserção destas pessoas na sociedade. Hoje a Casa é freqüentada não somente por usuários da saúde mental, mas é aberta a todos da comunidade, desde que sejam maiores de idade. Continuam com o foco nos usuários da saúde mental, mas a re-inserção, o convívio do seu público alvo, já inicia-se dentro da Casa, através das atividades desenvolvidas em conjunto.



[Fig.14]- Oficina de bijouteria e giramundo realizada na Casa das Oficinas, em 25/02/2008. As participantes registradas a diretita são Dona Maria Conceição Altino e Maria do Carmo Martins, respectivamente. Integrantes do Grupo Viver em Ação.

O ingresso no Grupo Viver em Ação vem acompanhado do desejo de trocas de experiência, aumentar o círculo de amizade, aprender artesanato, participar de eventos culturais e a busca de socialização, conforme elas relataram em conversas informais com esta pesquisadora. São dedicadas nas oficinas, mesmo as que possuem alguma dificuldade – visual ou motora. O bate-papo é constante e descontraído. Uma das colocações do grupo era o desejo de ampliação do conhecimento.

Atualmente o grupo Viver em Ação, dispõe de uma sala reservada para os seus encontros. Neste ambiente, acontece as oficinas de artesanato, visando uma atividade rentável extra-muros da Instituição, bem como discussões relacionadas ao grupo, as questões cotidianas, tais como: direitos, aposentadoria, atividades de lazer. A postura do grupo sempre é muito positiva diante da vida. Muitas vezes, durante o trabalho de coleta de dados, pude ouvi-las falando sobre o bairro, sobre a vida.

“Eu gosto muito daqui, só saio daqui para ir pro cemitério.”
Falou Generosa.

“A vida ta aí pra ser vivida”. Comentou Maria Reis.

Abaixo, foto do Grupo Viver em Ação durante uma das oficinas de artesanato. O encontro se dá num espaço de múltiplo uso destinado também a outras atividades tais como a Oficina de corte de cabelo e manicura.



[Fig.15]- Reunião do grupo Viver em Ação, em 24/07/2005. Dentre as participantes presentes no registro fotográfico da época, três integram a atual pesquisa. A primeira à esquerda – Dona Célia Ferreira Andrade Augusto, e do lado direito Dona Maria da Conceição Bueno de Oliveira e Joana Jeanete Bento Correia, na segunda e terceira posição, respectivamente.

Oficina de artesanato na atual sala, reservada para os encontros da Terceira Idade, dentro do Progen.



[Fig.16]- Em pé, estão Célia Ferreira Andrade Augusto e Maria Reis Garbini. Com turbante Ana Clemente e sentada na cabeceira da mesa Dona Maria Aparecida Bento. Arquivo Progen



[Fig.17]- Grupo Viver em Ação com as rosas confeccionada por elas durante a oficina. Mai-2008. Arquivo

Elisa T. O. Da esquerda para a direita: Neusa Alves Aurora. Maria da Conceição Bueno de Oliveira, Joana Bento Correia, Maria de Belém Santos de Assis, Maria do Carmo Martins, Maria Reis Garbini, Maria da Conceição Altino, Aparecida Fidélis, Vera Lucia Ferreira Luiz, Generosa Oliveira Brito e Hilda de Almeida

Finalizando esta apresentação trago, abaixo, o pensamento sobre envelhecer daquela é considerada a porta-voz do Grupo Viver em Ação, o qual reflete também o modo de pensar e agir do referido grupo.

“Olha, para mim não tem envelhecer acho que velha é quem quer ser, se a pessoa se julga incapaz de fazer alguma coisa. Eu, por exemplo, estou com 66 anos, não vejo nada que eu não possa fazer ainda, a não ser vamos supor: Hoje eu estou com uma dor de joelho, então, subir escada eu não subo; mas amanhã estou bem eu volto a subir. Só não subo em árvore, pois aí não dá, já estou pesada, não é...(risos). Senão fica feio. Mas o que posso fazer eu estou sempre fazendo. Porque se você está bem com você mesmo, não porque ficar chorando pelos cantos. Então vamos sair, vamos conversar, vamos fazer nosso serviço, vamos fazer nossas atividades, vamos caminhar, se alguém precisa da tua ajuda você também. Ajuda no que for possível e assim...Ter bastante comunicação. Não ficar isolado. Eu acho que o isolamento deixa a pessoa mais velha, porque ela se sente sozinha, sem ninguém e então fala para si mesma: Oh! Meu Deus o que eu sou? Envelhecer não é a idade. Envelhecer é você deixar de ser aquilo que você é, não é? Não é porque eu estou com 70, 80 anos que eu sou velha...independente da idade...

CAPÍTULO 2- O TEMA: ENVELHECIMENTO, CURSO DE VIDA E TEMPO PRESENTE

2.1- Envelhecimento: Uma visão Panorâmica

Não me pergunte sobre a minha idade, porque tenho todas as idades; eu tenho a idade da infância, da adolescência, da maturidade e da velhice". Cora Coralina.¹⁴

Com as baixas taxas de fecundidade existente atualmente, o Brasil, por exemplo, atingiu em 2006, de acordo com PNDS – Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde, a taxa de fecundidade de 1,8 filho por mulher, quando a estimativa oficial do IBGE realizada em 2004 previa que este patamar seria atingido somente em 2043. Essa queda abrupta nas taxas de fertilidade se dá em todo mundo. Segundo dados da OMS é estimado que, até 2025, 120 países terão alcançado taxas de fertilidade total abaixo do nível de reposição (média de fertilidade de 2,1 crianças por mulher). Isso representa um aumento substancial se comparado a dados de 1975, quando apenas 22 países possuíam uma taxa de fertilidade total menor ou igual ao nível de reposição. O número atual é de 70 países. Concomitante a esta realidade se dá também o aumento da longevidade das pessoas. Pensar em envelhecimento populacional não é meramente um fenômeno brasileiro, mas mundial. Envelhecer é um processo dinâmico e progressivo como nos coloca Papaléo.Netto, 2002

Mas, dir-se-á, o tempo da juventude é um tempo sem envelhecimento. Engano. O ser humano envelhece desde seu nascimento. Viver é envelhecer. O paradoxo e o enigma da vida e, talvez de todo o universo é que, ao mesmo tempo, é uma evolução, uma expansão e um recesso, uma força que não pode se manifestar sem desgastar-se, sem degradar-se. (Bastide, 1999, p. 7)

¹⁴Resposta de Cora Coralina quando questionada por uma jovem jornalista sobre a sua idade durante o I Encontro Nacional de Idosos promovido pelo SESC.

Como traz uma publicação da Organização Mundial de Saúde

“O envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade e também um dos nossos grandes desafios. Ao entrarmos no século XXI, o envelhecimento global causará um aumento das demandas sociais e econômicas em todo o mundo. No entanto, as pessoas da 3ª idade são, geralmente, ignoradas como recurso quando, na verdade, constituem recurso importante para a estrutura das nossas sociedades. (OMS, 2001)

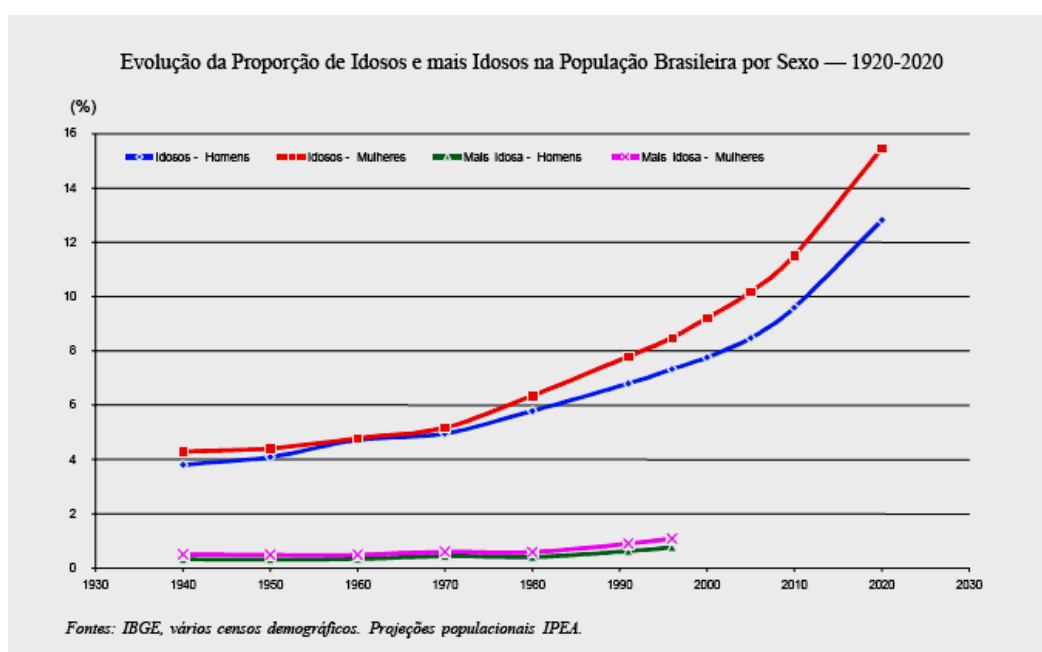
Vale lembrar, no caso brasileiro, que a população maior de 60 anos no total da população nacional em 1940 era de 4% em 1996, aumentou para 8%. (Camarano, 2002)

Os dados apresentados no Perfil Sociodemográfico dos Idosos Brasileiros demonstram, em novembro de 2007 o retrato do envelhecimento no Brasil. A amostra composta por não idosos, homens e mulheres idosos quando questionados em que local passaram a maior parte da vida em área urbana ou área rural, traz um Brasil onde 77% da dos pesquisados passaram a maior parte da vida em área urbana. Entre os idosos do sexo masculino 79% passaram a maior parte da vida na cidade e entrevistando as idosas verificaram que 81% viveram na cidade, isto é em área urbana, a maior parte da vida. Quando voltamos o olhar à área rural, os dados coletados apresentam um percentual 17% da amostra, incluindo todos os entrevistados – não idosos, homens e mulheres idosos. A apresentação desses dados permitem inferir que a crise do envelhecimento se mostra acentuada nas áreas urbanas quando comparadas com às áreas rurais (roça, colônia, sertão, floresta).

Realidade esta, apresentada também por Papaléo Neto, 2002 quando ele afirma que $\frac{3}{4}$ da população brasileira vivem em áreas urbanas, acarretando problemas sociais ainda mais graves para os idosos e para toda população, em virtude do rápido processo migratório e de urbanização.

Outro dado trazido pela pesquisa está relacionado à feminização da velhice. Os indicadores apresentam entre os idosos um percentual de 57% para mulheres e 43% para os homens. Mesmo entre os não idosos, prevaleceu esta configuração, apesar da diferença ser menor. 52% para as mulheres e 48% para os homens.

No gráfico abaixo, apresentado por Camarano temos a visão da evolução da população brasileira por sexo dentro de um período de 100 anos.



[Fig 18]- Fonte CAMARRANO, 2002, p.60

Envelhecimento, portanto é pensar além do declínio físico, é olhar este cidadão no tocante às questões psicológicas e sociais. Sob esta perspectiva a Gerontologia estuda o envelhecer embasado nas Teorias biológicas, sociológicas e psicológicas.

Envelhecer é um processo natural e a definição assumida para os biólogos é uma série de mudanças letais que diminuem as probabilidades de sobrevivência do indivíduo. (Caldas, 2006). O estudo do envelhecimento, da longevidade por muito tempo não era o enfoque principal. À medida que a população por meio de políticas públicas de saúde, aumentou a expectativa de vida e o avanço das pesquisas nesta área foram fatores que levaram a Biologia a se voltar e intensificar os estudos desenvolvendo a Biologia do Envelhecimento. Isto se dá já no século XX.

As teorias biológicas mais conhecidas são as seguintes: Teoria do Envelhecimento Celular (Weismann, 1882), Teoria do Uso e Desgaste (Pearl, 1928), Teoria dos Radicais Livres (Harman, 1956), Teoria da Mutação Somática (Curtis, 1961), Teorias Hormonais – relógio biológico (Denckla, 1975) e Teorias Imunológicas (Walford, 1969; Finch & Rose, 1995). CALDAS, 2006.

Em 1995, ao renomear seu “Programa de Saúde do Idoso” para “Envelhecimento e Saúde”, a OMS sinalizou uma importante mudança de orientação. Em vez de compartimentalizar os idosos, o nome novo abrangeu uma perspectiva de curso de vida: todos estamos envelhecendo e a melhor forma de garantir uma boa saúde para os futuros grupos de pessoas mais velhas é através da prevenção de doenças e promoção da saúde durante a vida. Inversamente, a saúde dos atuais idosos só pode ser completamente entendida se considerarmos os eventos que experienciaram na vida.

Com relação as teorias psicológicas, elas são divididas em três abordagens: Paradigma de Mudança Ordenada (Buhler, 1935; Jung, 1930; Erikson, 1950), Paradigma Contextualista (Neugarten, 1969; Havighurst, 1951) e Paradigma do Desenvolvimento ao longo da vida – Life Span Development de orientação dialética (Riegel, 1973, 1975, 1976) Caldas, 2006.

Neste âmbito, o envelhecimento é parte do processo de desenvolvimento humano.

De uma teoria do desenvolvimento ou do envelhecimento se espera que descreva e explique as mudanças comportamentais que acontecem ao longo do tempo, e que caracterize as diferenças existentes entre indivíduos e grupos com relação a como e por que se desenvolvem e sobre como e por que envelhecem desta ou daquela maneira (Baltes, 1987) apud Néri, 2002.

Sistematizadas em três gerações, as teorias sociológicas impulsionaram a pesquisa gerontológica juntamente com as teorias psicológicas do envelhecimento: Teoria do Desengajamento ou Afastamento, formulada por Cumming e Henry, 1961; Teoria da Atividade (Havighurst, 1968), Teoria da Modernização, baseada no estruturalismo funcional, apresentada por Cowgill e Holmes, 1972 e em 1965, Rose formula a Teoria da Subcultura. Elas compõem a primeira geração das teorias sociológicas elaboradas entre 1949-1969, que tinham como foco da análise o indivíduo.

A segunda geração das teorias sociológicas, compreendida entre 1970-1985, ressaltando as estruturas sociais, traz as seguintes teorias: Teoria da Continuidade (Atchley, 1989); a Teoria do Colapso de Competência, formulada por Kuypers e Bengston (1973); Teoria da Troca (Dowd, 1975), Teoria da Estratificação por Idade, proposta por Riley, Johnson e Foner (1972) e na década de 80 a Teoria Político-econômica do Envelhecimento (Walker, 1981 e Minkler, 1984).

Eles criticam e sintetizam as proposições das gerações anteriores, aliando os níveis micro e macrosocial da análise. Assim é estruturada a terceira geração das teorias sociais, apresentadas na década de 90. Segundo Siqueira as teorias desta geração enfocam os aspectos estruturais do envelhecimento, como as restrições sociais e a distribuição desigual dos recursos econômicos de que o idoso é objeto. E complementa: os idosos não são atores passivos desse processo, mas criam significados sobre o próprio envelhecimento.

Nesta terceira geração das teorias sociológicas estão presentes: a Teoria do Construcionismo Social, Perspectiva do Curso de Vida, Teorias Feministas do Envelhecimento, e a Teoria Crítica.

Talvez a transição mais importante tenha sido o reconhecimento de que envelhecimento é um processo baseado em experiências, não ocorre isoladamente e é altamente influenciado pelas condições do entorno. Caldas, 2006.

Para a autora Guita Debert a velhice não é uma categoria natural, a velhice é uma categoria socialmente produzida a revelia do ciclo biológico que envolve o nascimento, crescimento e morte de todo ser vivo. Para provar esta afirmação são citados os estudos etnográficos que mostram as diversas formas de envelhecimento em sociedades ditas primitivas. Um exemplo é dos velhos Suyá cujo envelhecimento é a expressão de sentimentos e comportamentos culturalmente definidos, adequados a determinada categoria de pessoas e para os Jê setentrionais que têm classes de idade, em que as pessoas são agrupadas e classificadas a partir de sua posição no ciclo da vida. Classes de idade aqui equivalem aos estágios do ciclo vital do indivíduo em relação a sua vida familiar, elas são hierárquicas. Os membros das classes de pessoas mais idosas têm maior prestígio. Os velhos têm uma classe de idade própria e homens e mulheres atingem um status novo, quando ingressam na “classe de idade dos velhos”.

Também com base nos estudos etnográficos é demonstrado que toda sociedade possui categorias de idade, estas categorias são construções históricas e sociais. Como exemplo temos o trabalho de George Duby sobre a França do Séc.XII na qual a sociedade aristocrática introduz uma nova etapa na vida como estratégia para conservar poder e patrimônio. Assim ser jovem, era pertencer a uma classe cronológica ampla, como era uma espécie de cavaleiro errante a espera do momento em que poderia se casar e assumir o patrimônio da família. Como levanta Bourdieu, as divisões por idade são uma criação arbitrária que deve sempre ser lembrada. Haja vista o nosso Estatuto do Idoso onde consta que a

partir dos 60 anos o indivíduo é considerado idoso, mas para a Previdência Social o indivíduo só tem direito a se aposentar, por idade, ou seja, ser considerado institucionalmente velho, a partir dos 65 anos.

“são construções culturais mutáveis que refletem realidades culturais específicas e que servem como mecanismos de distribuição de poder e prestígio. Categorias e grupos de idade são assim uma imposição de uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos”. (Debert, 1998)

A pesquisa do envelhecimento, com base na diversidade cultural tem duas linhas principais: uma que busca características universais em diversas culturas que possam definir o que é velhice. Elas têm sido levantadas por Simmons, e outra defendida por Geertz que acredita que as particularidades de cada cultura é que definiriam a velhice. As duas abordagens são de difícil implementação, pois segundo a autora quando a categorização é feita a partir da data do nascimento ou pela aparência do indivíduo acabam por se perder as diversas formas pelas quais o curso da vida é concebido nas diversas sociedades.

Nas sociedades não ocidentais e ditas primitivas a idade geracional é que prevalece, pois há uma importância das relações familiares e de parentesco para determinar a posição do indivíduo na sociedade. Na nossa sociedade, entretanto, a idade cronológica tem maior relevância porque o quadro político e jurídico é que tem preponderância na definição do indivíduo na sociedade. A Revolução Industrial criou na sociedade ocidental uma necessidade de padronização do tempo, por extensão se tornou natural separar o curso de vida em idades cronológicas: infância, adolescência, idade adulta e velhice.

Na modernidade o conceito de idade geracional não fica restrito à família – pais, netos, avós. Ele se define como um grupo de pessoas que viveram a mesma experiência, independente da idade e da família.

Perspectiva do curso de vida-o social

O critério idade cronológica não é, porém, o único usado pela sociedade para organizar o curso de vida. Há também critérios de classe social, etnia, profissão e educação, que se entrelaçam com o de idade para determinar a posição dos indivíduos e dos grupos na sociedade. (NERI, 2005, p 48)

Sabendo-se que os aspectos sociais, emocionais, cognitivos configuram o processo de envelhecimento, além das questões biológicas, os aspectos físicos do corpo, debruço-me sobre a perspectiva do curso de vida. Teoria Sociológica que estrutura seu conceito na Sociologia e na Psicologia.

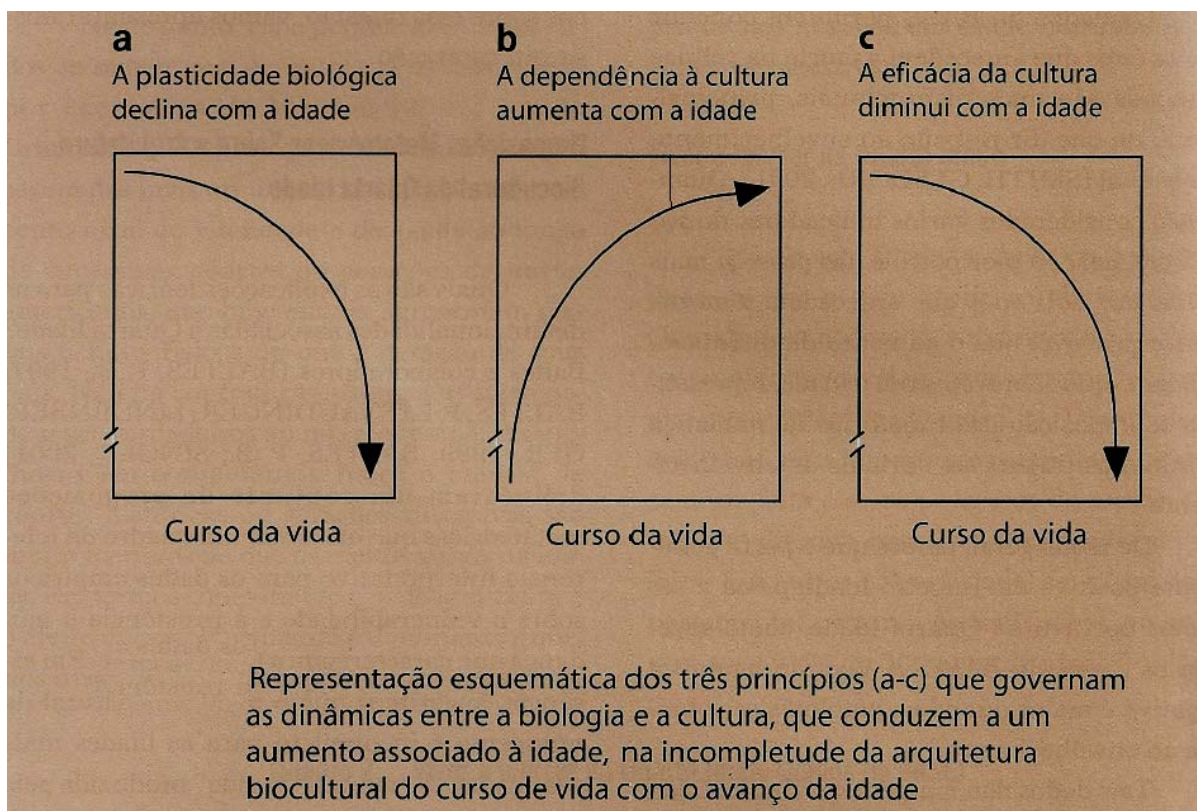
É desafiador trabalhar com esta perspectiva, pois englobando na sua análise o indivíduo e populações ao longo da vida, em seus níveis micro e macrossocial, traz um caráter amplo e difuso, dificultando sua caracterização como teoria, dificulta incorporar as diversas variáveis identificadas em uma análise, são dados que não são capazes de testar os efeitos das variáveis idade, período e coorte sobre o comportamento de indivíduos e grupos ao longo do tempo, estas críticas, as principais levantadas a respeito da perspectiva do curso da vida. Contudo a riqueza da mesma reside no fato de poder ver o indivíduo inserido no seu contexto. Dentro de uma característica inovadora, o paradigma do curso de vida beneficia o estudo do envelhecimento por interligar o âmbito pessoal e estrutural, incorporando os efeitos históricos e da estrutura social aos significados sociais do envelhecimento, em modelo analítico único; por utilizar de princípios e métodos multidisciplinares, buscando nas diferentes abordagens antropológicas, sociológicas, históricas e psicológicas pontos de convergência no estudo do curso de vida bem como ressaltam pontos que se complementam entre si e incorporando uma visão dinâmica, focaliza o curso de vida sobre dois aspectos: na sua totalidade e na heterogeneidade das trajetórias de vida individuais. No decorrer desta pesquisa observar a influência deste paradigma foi de fundamental importância para uma compreensão mais ampla do envelhecimento dentro desta coorte.

Na perspectiva do curso de vida o envelhecimento é pensado como um processo social, biológico e psicológico. Não tendo a velhice como foco, mas sim visto do nascimento para a morte, o que a distingue das perspectivas que focam unicamente a velhice. Os fatores coorte-históricos¹⁵ moldam as experiências do envelhecimento. Nestas proposições, a perspectiva do curso de vida tem sua fundamentação.

Relembro aqui um fenômeno que se manifesta quando uma sociedade é incapaz de assegurar papéis sociais que permitam a seus membros mais velhos saudáveis e ativos continuarem engajados socialmente ou terem acesso às oportunidades e gratificações sociais disponíveis para outros estratos etários, Como aborda NERI (2005) citando o trabalho de Riley, Kahn & Foner, (1995).

No esquema apresentado abaixo pela a psicóloga Anita Néri, mostra a incompletude da arquitetura biocultural do curso de vida com o avanço da idade.

¹⁵O conceito de coorte é reservado para um agregado de indivíduos ancorados no tempo histórico. É usado como base para a busca ou a afirmação sobre propriedades compartilhadas pelos membros, justamente porque se pressupõe que, ao longo de sua trajetória, eles viveram os mesmos fatos e eventos históricos (Settersten Jr. & Mayer, 1977). Assim as pessoas não avançam isoladas em suas trajetórias de desenvolvimento, mas compartilham experiências socioculturais com seus semelhantes. Néri, 2005



[Fig 19]- Esquema extraído da Revista da Terceira Idade (jun-2006)

Com a idade a plasticidade biológica declina. Este declínio do potencial biológico vai exigir mais das práticas culturais que desempenham um papel de compensação e dessa forma, dá-se a importância das políticas sociais nesta área, voltadas para o indivíduo que envelhece.



[Fig 20]- Henri Cartier-Bresson - México 1963

2.2- Portraits

O verdadeiro retrato não sublima nem o suave nem o grotesco, ele reflete a personalidade. Cartier-Bresson, p23.

Desenvolvido pelas próprias participantes, os *portraits* foram assim idealizados por esta pesquisadora para dar voz ao grupo. Propus para o grupo o seguinte exercício: Como elas gostariam de serem vistas. Como escolher um fotografia para colocar num porta-retrato assim era para elas pensarem na feitura dos *portraits*. Algumas escreveram na mesma hora e me entregaram, outras preferiram levar para casa e me trouxeram num próximo encontro, em envelopes enfeitados. Algumas ditaram para mim e uma participante pediu para eu escrever sobre ela.



[Fig 21]- Adelisa Braz dos Reis

Filiação: Filha de Benedito Braz e Maria Antônia Floriano Braz

Idade: 68 anos (nasceu em 24 de junho de 1940)

Estado Civil: Viúva

Escolaridade: 4ª série

Profissão: Serviço de enfermagem

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 41 anos.

“Me chamam carinhosamente de Dê, desde menina. Eu gosto muito de encontros, reuniões da igreja, da comunidade. Gosto de fazer caridade, ajudar o próximo e ir a bailes também. Tenho cinco filhos e doze netos. Até hoje lavo roupa pra fora e passo, mesmo estando aposentada. Trabalhei doze anos no Laboratório Centro de Patologia Cervical aqui da cidade, com o

Dr. Ademir Cubero Ruano. Ele me ajudou muito! Ele me ensinou a trabalhar porque teve paciência comigo. Ele é falecido, a sua esposa Sônia não. Ela é comadre da minha filha.

- Sabe de uma coisa, gosto de ter amigos. Sou muito comunicativa.

E sorridente como sempre disse:

- Escreve aí: É tão bom poder ajudar alguém!

E saiu.



[Fig 22]- Ana Clemente

Filiação: Antônio Clemente e Rita Clemente

Idade: 85 anos (nasceu em 20 de junho de 1923)

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: 4ª série

Profissão: Doméstica

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 43 anos

Dona Ana é extremamente quieta. Embora tenha uma voz belíssima é muito difícil ouvi-la. Contudo é muito participativa, sempre está presente às reuniões e aos eventos realizados pelo grupo, com seu sorriso discreto e seu turbante



[Fig 23]- Aparecida Afonso

Filiação: Filha de José Antônio Afonso e de Maria Juliano Afonso.

Idade: 59 anos

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: 4ª série incompleta

Profissão: Montadora e serviços gerais.

Religião: Congregação Cristã no Brasil

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 31 anos.

“Gosto de participar do grupo da Terceira Idade.

Gosto das pessoas e do lugar e de ir à igreja. Vim de Tupã-SP para esta região em fevereiro de 1969. Lá era uma cidade boa, pequena, mas não tinha serviço. Vim com a minha família. Hoje meus pais faleceram e moro com um irmão. A perda de uma pessoa que eu gostava me marcou muito. Gosto de fazer compras, mas devido à falta de dinheiro não tenho como fazer. Eu gosto muito da música do Milionário e José Rico – Estrada da vida e desta poesia:

Passarinho preso canta, mas é triste o seu cantar,

Passarinho preso canta, porque não sabe chorar.

Pombos e abelhas voam contentes

Brilham as plantas resplandecentes”.



[Fig 24]- Aparecida Fidelis

Filiação: Arthur Fidélis e Alice de Oliveira Fidélis

Idade: 67 anos (nasceu em 02 de julho de 1941)

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: 8ª série

Profissão: Tecelã e Pranchadeira

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 20 anos

Gosta de samba. Trouxe para o grupo a sua foto feita junto com integrantes da Escola de Samba Rosas de Prata, realizada no domingo de Carnaval de 2008.

Fala com orgulho do trabalho realizado como tecelã e pranchadeira, sem esquecer o curto período que estagiou na Fábrica de Seda. Mora com a irmã e sobrinha.

Fez questão que a entrevista fosse realizada lá, na casa da minha irmã, como ela frisa. Mostrou com carinho o seu quarto. E ficou me espiando quando dela me despedi, até eu dobrar a esquina.



[Fig 25]- Carmem Bueno Oliveira Fogaça

Filiação: Filha de Benedito Olesio Bueno Oliveira e Anna Barreto de Oliveira

Idade: 72 anos (nasceu em 06 de novembro de 1936)

Estado Civil: Casada

Escolaridade: 7ª série

Profissão: Dona de casa e vendedora de cosméticos.

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 43 anos

Vim para esta região porque nós conseguimos uma casa própria. Morei 18 anos no Cambuí, na Maria Monteiro, 892. Depois fui para o Jardim das Oliveiras, morei lá 9 anos, e de lá para cá, para minha casa. Vim com a família, esposo e os 5 filhos. Agora resido com meu esposo, dois filhos e um casal de netos. Ele com 19 anos e ela com 13 anos. Há 8 anos participo de atividades para terceira idade. O que mais gosto de fazer é aprender a fazer mais coisas do que já sei.

Me lembro do tempo de criança, a ouvir mamãe cantando esta canção quando estava a fazer suas obrigações. Muitas saudades de mamãe.

“Um gentil Beija-Flor
que voava sobre as flores de um lindo jardim
ao beijá-las assim murmurava
o teu beijo é um prazer para mim.
Elas a responder – Beija-flor, Beija-flor,
eu também certa vez fui feliz
e hoje choro de saudades por alguém que não me quis.”

Um acontecimento que me marcou muito foi os 50 anos de meu casamento – Bodas de Ouro. Foi dia 19 de maio de 2008. Somos em dez irmãos, sete mulheres e três homens. Consegui reunir sete deles em minha casa. Eu e meu esposo não tivemos dinheiro para fazer a festa, mas com minha simplicidade convidei-os para vir em minha casa tomar um chá da tarde com torradas. Uma das minhas sobrinhas, filha do meu irmão mais velho, me trouxe de presente um bonito e gostoso bolo, feito por ela com muito carinho.

A namorada do meu neto Mateus que é muito prendada fez 50 bem-casados e mandou pra mim de presente.

A nossa reunião foi bem simples, mas de muita satisfação para todos nós. Muita alegria, abraços e querer bem uma à outra. Não só eu que achei que foi um dia feliz, mas até hoje eles falam para mim que foi um dia inesquecível, porque em toda a nossa vida fomos aprendendo a conhecer os verdadeiros valores que Deus nos deu que é amarmos e respeitarmos a todos nós e ao próximo. Se pudesse escreveria muito mais, pois minhas raízes “culturais” são muito ricas, de valores imensos.

“Especial é eu estar sempre livre para estar preso em vocês.”



[Fig 26]- Célia Ferreira Andrade Augusto

Filiação: Filha de José Ferreira e Elizia F. Andrade Alcântara

Idade: 67 anos, (nasceu em 25 de março de 1941)

Estado Civil: Viúva

Escolaridade: 4ª série

Profissão: Auxiliar de Serviços Gerais

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 42 anos.

“Vim para esta região em 66, pagávamos aluguel. Vim do bairro Proost de Souza com marido e cinco filhos, na época. Sou mãe de oito filhos, hoje com seis. Hoje resido com dois netos uma com 11 anos outro com 17. A minha participação em atividades começou pela PUC-Campinas, através da médica Marilda, ela era pequenininha, mas era exigente tanto quando fazíamos a educação física na PUC-Campinas como na Praça dos Trabalhadores em 1987. Fazia porque tinha muitas dores nas pernas e joelhos e estava acima do meu peso. Gosto de fazer de tudo um pouco: artesanato, passear, bailar, participar de pesquisas, palestras, viajar. Adoro fotografar por onde eu passo – paisagens, pessoas, casas, prédios. Gostaria muito de ter

participado da montagem do nu artístico¹⁶. Já participei de coral, quadrilha. Em 94 participei de caminhada e física na Unicamp com uma professora que estava defendendo uma tese. Levou o conhecimento pros Estados Unidos, ficou de mostrar o resultado quando voltar mas eu vi ela várias vezes, mas nem nos procurou pra dizer nada. Lucia você é diferente. Tem nos dado o máximo de você, atenção, compreensão e alegrias. Obrigada por sua capacidade infinita. Deus lhe abençoe em todas suas caminhadas da vida. Sou uma pessoa alegre, apesar das turbulências da vida, mas agradeço a Deus o meu dia a dia. Aqui vai uma letra de Milton pra meu neto, assassinado no dia do meu aniversário – 25 de março de 2008.

Lembro um lugar

Lembro um olhar

Teu vulto amado

Lembro um sorriso

De um

Que tive ao seu lado.

Lembro a saudade

Que hoje invade

Os dias meus

Para o meu mal

Lembro afinal

Teu triste Adeus.

Aqui termino na esperança de dias melhores. Não esqueça de nós do Grupo Viver em Ação do Progen. “

¹⁶A participante está referindo-se a Exposição **RETRATO DELAS COM SUAS FOTOS** resultado da Oficina Lambe-Lambe Contemporâneo realizada no SESC Consolação, coordenada pela fotógrafa Tika Tiritilli e pela atriz Mônica Sucupira. Apresentada no Sesc Campinas de 10/abr-04/maio de 2008



[Fig 27]- Generosa Oliveira Brito

Filiação: Manuel José de Brito e Geralda Oliveira Brito

Idade: 61 anos (nasceu em 22 de julho de 1947)

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: 4ª série

Profissão: Montadora de Peça

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 43 anos

“Nasci em Minas Gerais. Na Singer, trabalhei 13 anos e antes tinha trabalhado, 13 anos também, de doméstica. Agora sou aposentada. Eu não via a hora de me aposentar. Agora, procuro trabalho mais não encontro.

Fui uma das primeiras moradoras da Vila Castelo Branco. Não tinha água e nem luz. A gente tinha que buscar água lá na biquinha. Daqui não pretendo sair nunca. Só depois da minha morte.

Moro com minha madrasta. Meu pai casou com ela eu era nova, agora ele também já é falecido. Eu cuido dela e ela cuida de mim. Gosto de viajar e adoro as músicas do Amado Batista, elas me marcaram muito. Lembram muito meu passado. Tenho atividades durante a semana toda."



[Fig 28]- Hilda de Almeida

Filiação: Torquato de Almeida e Ema Pasqualina de Almeida

Idade: 76 anos (nasceu em 11 de setembro de 1932)

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: 2ª série

Profissão: Dona de casa.

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 15 anos

“Vim da Proença para cá, há 15 anos. Minha mãe me levava Para o Externato São Domingos, mas eu fugia. Fugia mesmo. O que mais gosto é de praia e de ser fotografada. Sendo foto minha eu gosto de ver.”

Apesar de não ser afro-descendente Dona Hilda se sentiu marginalizada, desde a infância, por apresentar problemas de crescimento, não se desenvolvendo a contento. Fugia da escola, talvez pela discriminação que sofria.

Sua integração ao Grupo Viver em Ação foi completa e ela se sente a vontade entre as avós do Progen.



[Fig 29]- Joana Jeanete Bento Correia

Filiação: Antônio Erbetto e Leonor Revilio Erbetto

Idade: 69 anos (nasceu em 12 de setembro de 1939)

Estado Civil: Viúva

Escolaridade: 4ª série

Profissão: Dona de casa.

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 41 anos.

“Sou pensionista do INSS. Tenho dois filhos Maurício e Márcia. Trabalhei na Tecelagem Auriverde do Sr. Serafim, dos 13 aos 24 anos. Meu casamento na Igreja Nossa Senhora de Fátima, foi muito bonito. Eu não esqueço. Gosto de ficar em casa e vir no Progen. Gosto também de fazer ginástica e de passear. Já fui para Bahia e Santa Catarina, adorei este Estado.”



[Fig 30]- Maria Aparecida Bento

Filiação: Francisco Bento e Maria do Carmo Germano

Idade: 70 anos (nasceu em 02 de novembro de 1937)

Estado Civil: Casada

Escolaridade: Sei escrever meu nome.

Profissão: Dona de casa.

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 40 anos.

“Em 03 de setembro de 2008, vou fazer 42 anos de casada. Vim de Borda da Mata-MG para Itapira. Eu sempre quis estudar. Quando eu pude entrar na Escola, tinha uns 13 anos e já trabalhava de babá. Assim que comecei a estudar a patroa mudou para Santo Amaro, pertinho de São Paulo e eu fui junto para cuidar das crianças. Morei lá 7 anos.

Vim para Campinas com 19 anos, naquela época a cidade era paradinha, dava para contar os prédios. A gente andava de bonde, era uma delícia.

A formatura do meu filho em Engenharia Mecatrônica eu nunca vou esquecer. Ele se formou, em 2003, lá em São Paulo.

Fé, tenho bastante. Quando não venho aqui é que estou na missa na Igreja Nossa Senhora do Carmo e quinta vou ao Encontro de Oração na Catedral. Eu adoro! A oração que mais gosto é a do Pai Nosso. A gente levanta de manhã tem que agradecer. Pra mim é uma oração forte que Jesus ensinou. Adoro cozinhar, fazer bolo. Aprendo com facilidade. É só me ensinar uma receita, uma vez.”



[Fig 31]- Maria da Conceição Altino

Filiação: Filha de Gercília de Moraes e José Altino Batista.

Idade: 73 anos (nasceu em 04 de janeiro de 1935)

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: 4ª série

Profissão: Doméstica

Religião: Católica

Tempo de residência na Vila Castelo Branco: 41 anos.

“Recebo benefício por idade. Não tenho filhos. Mudei para a Vila Castelo Branco em 29 de junho de 1967. Vim para o bairro com a família porque a casa em que morava, na Vila Sampainho, era antiga e estava estragada. Eu gosto de fazer tricô, gosto de ouvir música romântica e também gosto de filosofia. O que me marcou foi a morte do meu irmão caçula.”



[Fig 32]- Maria da Conceição Bueno de Oliveira

Filiação: Joaquim Bueno e Antônia da Conceição

Idade: 69 anos (nasceu em 30 de agosto de 1939)

Estado Civil: Viúva

Escolaridade: 4^a série

Profissão: Dona de casa.

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 41 anos.

“Quando criança estudei na Escolinha da Fazenda Palmeira, próximo a Singer, saindo para Indaiatuba pela Estrada Velha. Não gosto de cozinhar, mas gosto do serviço de casa. Sou caseira e quieta. Gosto de passear, me alegra bastante. Um passeio que não me sai da memória é o que fiz para Bom Jesus da Lapa. Já agendei para voltar de novo.”



[Fig 33]- MARIA DE BELÉM SANTOS DE ASSIS

Filiação: Manoel João de Oliveira e Maria José dos Santos

Idade: 62 anos (nasceu em 12 de agosto de 1946)

Estado Civil: Casada

Escolaridade: 4ª série

Profissão: Depiladora

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 42 anos

Eu, até certos tempos atrás, não aceitava a minha idade. Hoje não. Completei o ano passado 60 anos, convivo bem com a minha velhice agora.

Trabalhei como depiladora, e vi meninas crescerem, casarem e, terem seus filhos e vi muitas avós, clientes de anos, não quererem ser chamadas de vó. Só contavam a idade pra mim. Pra mais ninguém. E se alguém perguntava a idade brigavam feio.

Mesmo aposentada eu continuo fazendo depilação. Você sabe, quando saio correndo daqui é porque tenho horário marcado com as clientes. Também voltei a estudar.



[Fig 34]- Maria do Carmo Martins

Filiação: Filha Pedro Martins e Luiza Morandi

Idade: 59 anos (nasceu em 28 de dezembro de 1949)

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: 8ª série

Profissão: Cabeleireira

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 12 anos.

“Não tenho filhos, não sou aposentada, vim sozinha de São Paulo para cuidar da minha mãe. Mesmo com a morte dela eu quis continuar aqui em Campinas, na Vila Castelo Branco. Moro sozinha. Gosto de trabalhos manuais e de fazer passeios.

Para viver bem tenha AMOR-FÉ-ESPERANÇA.”



[Fig 35]- Maria Reis Garbini

Filiação: Filha de Alberto Reis e Angelina Patrício Reis

Idade: 69 anos, nasceu em 22 de setembro de 1939

Estado Civil: Casada

Escolaridade: 4ª série

Profissão: Dona de casa.

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 28 anos.

“Sou aposentada. Trabalhei 16 anos na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Tenho uma filha, vim para esta região por causa do meu marido, viemos de São Paulo com a família toda. Resido com minha filha, marido e netos. Eu participo das atividades há 6 anos. Gosto de tudo que é artesanato. Uma música que marcou muito é a música Diana.

Diana

Não te esqueça meu amor

De quem mais te amou fui eu

Sempre foi o teu calor que minha alma aqueceu

E num sonho para dois

Viveremos a cantar, a cantar Diana.”



[Fig 36]- Neusa Alves Aurora

Filiação: Antério Aurora Alves e Olívia Lucinda de Jesus.

Idade: 68 anos (nasceu em 25 de setembro de 1939)

Estado Civil: Viúva

Escolaridade: 5ª série

Profissão: Serviço de enfermagem

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 2 anos (morava perto no Parque Industrial).

“De dia trabalhava na roça, de noite estudei”. Baiana, veio para São Paulo com 16 anos, na companhia de uma tia, para trabalhar em casa de família.

Casei com 18 anos e depois vim para Campinas. Três coisas que eu gosto: é de cozinhar, passar roupa e bordar.

Depois que separei criei meus filhos bordando. Bordava até as duas da manhã.

A minha patroa era muito exigente, mas ela me ensinou muito. Sou agradecida a ela. De primeiro não tinha roupa pronta, a gente precisava passar tudo pelo avesso e abrir a costura. Roupa de cama era só branca, tudo lençol santista, tudo branco, tinha que ser tudo branquinho. Não gosto de serviço mal- feito. Sabe, até hoje adoro ver uma roupa bem-estendida no quintal. Estudei na escola de culinária da Catedral. Lá aprendi a fazer doces e salgados. Até hoje me interessa em aprender. Adoro viajar para conhecer lugares novos, mas gosto de ficar em hotel não em casa de parente.”



[Fig 37]- Vera Lucia Ferreira Luiz

Filiação: Filha de Antônio Ferreira da Silva e Maria Pereira de Alcântara

Idade: 59 anos (nasceu em 03 de outubro de 1949)

Estado Civil: Casada

Escolaridade: 7^a série

Profissão: dona de casa e vendedora

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 18 meses.

Sou aposentada, tenho quatro filhos – Maria Helena, Edson, Patrícia e Valquíria. Cheguei em Campinas em 20 de fevereiro de 2007, vinda de Patrocínio-MG. Gosto de artesanato em geral, de fazer atividade física e passear. O que me marcou foram as belas amizades que encontrei, professores em geral muito legais. São pessoas maravilhosas. Atualmente eu e meu marido moramos com minha filha, meu genro e neto.

Noites Traíçoeras é uma música que eu gosto muito e quero deixar esta mensagem para você Lucia.

"Noites Traíçoeras

Jesus está aqui neste momento

Sua presença é real em meu viver

Entregue sua vida e seus problemas

Fale com Deus, Ele vai ajudar você.

Deus te trouxe aqui

Para aliviar os teus sofrimentos

É Ele o autor da fé

Do princípio ao fim

De todos os seus tomentos

E ainda se vier, noites traíçoeras

Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo

O mundo pode até

Fazer você chorar

Mas Deus te quer sorrindo (bis)

Seja qual for o seu problema

Fale com Deus, ele vai ajudar você

Após a dor vem a alegria

Pois Deus é amor e não te deixará sofrer."



[Fig 38]- Zilda Pereira Colombo

Filiação: Filha de Marcolino Pereira e Maria Graciano Pereira

Idade: 73 anos (nasceu em 29 de setembro de 1935)

Estado Civil: Casada

Escolaridade: 8ª série

Profissão: tecelã e dona de casa

Religião: Católica

Tempo de residência na região da Vila Castelo Branco: 39 anos

“Fui a primeira moradora do Jardim Garcia.

Participo há muito tempo do grupo *Viver em Ação*, que se reúne às quartas-feiras das 14:00 às 16:30 horas. Sempre quis estudar. Fui aprendendo com minhas filhas e consegui eliminar matemática, física e química. Estou pensando em entrar numa Escola, o Kumon para começar a matemática desde a 4ª série.

O meu sonho é fazer um curso de línguas. Francês, Inglês, em uma faculdade e para fazer tenho de ter o ensino médio. Quero fazer faculdade para ter conhecimento e não só para aprender artesanato.”

CAPÍTULO 3- METODOLOGIA: PESQUISA-AÇÃO

3.1- Pesquisa-ação: A construção da proposta e a justificativa metodológica

O impulso de nosso conhecimento exige relacionar a ordem do universo com Deus.

Max Planck (1858-1947), prêmio Nobel de Física em 1918, pela descoberta do quantum de energia.

Ao pensar o envelhecimento de um grupo de mulheres que foram, na sua maioria, as primeiras moradoras da Vila Castelo Branco, segundo núcleo da Cohab inaugurado na cidade de Campinas, considerando que esta população é a primeira geração a envelhecer nesta região, se quer buscar como se dá este envelhecimento dentro de um bairro, onde as relações sociais foram construídas no decorrer de décadas, pelo compartilhamento de objetivos e lutas comuns contrapondo-se às existentes em outros locais da metrópoles construídas, estas outras de forma efêmera e transitória.

Uma vez percorrido este caminho, questionou-se qual seria para elas o resultado destes anos de formação de uma rede de suporte informal. Sempre almejou-se uma pesquisa onde a rede de informantes não fosse apenas uma fonte de dados para a investigação acadêmica. Era importante e preciso trilhar outro rumo, outro encaminhamento para esta problematização. Vinha-se de outros momentos de pesquisa, com crianças e adolescentes que haviam se apoiado na educação não-formal. Agora estava-se, diante de um grupo de senhoras, dentro de uma instituição onde vigora esta educação não escolarizada.

Outro ponto fundamental para estabelecer a metodologia a ser usada no trabalho de campo foi sem dúvida a postura adotada pela a coordenação do Projeto Gente Nova. Antes mesmo de qualquer explanação da idéia de se ter um grupo de pesquisa, ou melhor, uma pesquisa sendo desenvolvida nas entranhas da instituição percebeu-se uma abertura positiva para tal proposta. A abertura facilitadora expressa na fala acolhedora e norteadora da assistente social Izabel Cristina Santos de Almeida, coordenadora do Projeto Gente ficou expressa por ela desta maneira: “É sempre muito enriquecedor ter a universidade próxima,

para juntos ampliarmos o olhar.” Assim o delineamento da metodologia a ser assumida diante deste grupo teve neste acolhimento o seu nascedouro.

Assim sendo o trabalho de campo desenvolvido foi desenvolvido segundo a metodologia da pesquisa-ação, por encontrar nela a força motriz que a pesquisa necessitava.

Em geral, a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável, quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. (THIOLLENT, 2008: p.18)

Esse mesmo autor exemplifica a participação dos pesquisados na pesquisa-ação de maneira clara no texto a seguir:

...a pesquisa-ação é organizada para realizar os objetivos práticos de um ator social homogêneo dispondo de suficiente autonomia para encomendar e controlar a pesquisa. O ator é freqüentemente uma associação ou um agrupamento ativo. Os pesquisadores assumem os objetivos definidos e orientam a investigação em função dos meios disponíveis. (THIOLLENT, 2008: p.19)

Queria-se então ouvir mulheres que desde o primeiro contato com o pesquisador já pontuaram o que pensam da velhice. “Velho é quem quer.” Esta frase refletia-se no delineamento da pesquisa a ser executada. Definir o envelhecimento feminino por um trabalho de campo que contempla uma metodologia que tem no seu bojo uma postura prática e participativa, foi um processo natural através da pesquisa-ação.

“A pesquisa-ação compreende uma rotina composta por três ações principais: observar para reunir informações e construir um cenário; pensar para explorar, analisar e interpretar os fatos; e agir, implementando e avaliando as ações”. Conforme coloca Stringer 1996.

Thiollent nos apresenta o processo de pesquisa-ação dividido em quatro fases: fase exploratória, fase principal, fase da ação e avaliação.

A primeira – a fase exploratória, é a fase que consiste em diagnosticar a situação, os problemas prioritários, e eventuais ações, bem como formatar neste momento juntamente com os atores, no caso da presente pesquisa, as atrizes sociais as propostas e o fundamental o consentimento e comprometimento do grupo a ser pesquisado, estabelecendo-se desde o início uma parceria. Esta fase é crucial para o bom andamento da pesquisa, pois além da identificação das expectativas, o levantamento das características do grupo – (sociais e culturais) e o delineamento do perfil dos indivíduos que compõem este universo, suas alegrias e aflições compõem esta fase rizomática que é a que vai sustentar as etapas subseqüentes.

Primeiro passo dentro desta fase foi o agendamento de uma entrevista com a coordenadora do Progen. Levar ao conhecimento dela a proposta do trabalho de pesquisa dentro da Entidade, fazendo a apresentação pessoal da pesquisadora e concomitantemente coletar junto a esta profissional, que convive na região há quase duas décadas, informações para embasar o primeiro contato com o grupo Viver em Ação. Estes foram os objetivos deste encontro.

Como vimos a pesquisa tinha como objetivo primeiro levantar o processo de formação de identidade do velho, num espaço de vivência relações intergeracionais, através do ensino da técnica da fotografia baseada na história de vida das educandas na metodologia da história oral.

Desde agosto de 2007, a pesquisadora participava todas as quartas-feiras, das 14h às 16h, do grupo das “avós”, como são chamadas carinhosamente pelos integrantes do Progen, as oficinas do Viver em Ação. Este é o nome oficial

do grupo que é formado por senhoras, moradoras do bairro, em geral há mais de quatro décadas, com grande percentual de mulheres afro - descendentes.

Ao finalizar a experiência de pesquisa que me levava à Vila Castelo Branco, no primeiro encontro, o grupo externou sua maneira de pensar em relação à representação social dada a esta fase da vida, o envelhecimento, através da seguinte frase: “Velho é quem quer”.

O conteúdo da frase que me recepcionou, dimensiona uma visão do que é ser velho, de maneira passiva levando a aceitação de ser excluído da nossa sociedade, de viver à margem, é não ter uma identidade pró-ativa.

Se a identidade de velho, não se quer aqui negar, se define como um fenômeno biológico, defini-se assim em parte e, com certeza, se cai em uma postura equivocada ao se extrapolar essa parte, ou essa condição biológica, para explicar a totalidade – comportamentos, atitudes, pensamentos dos indivíduos. Em outros termos, erra-se ao priorizar a condição biológica como sendo a conformadora do comportamento psicossocial do indivíduo. Sempre se é velho em algum lugar e num determinado tempo histórico. (MERCADANTE,1996:p.74)

A literatura também nos ajuda a desmascarar a discriminação etária existente na nossa cultura.

Nada menos exacto do que supor que o talento constitui privilégio da mocidade. Não. Nem da mocidade, nem da velhice. Não se é talentoso por se ser moço, nem genial por se ser velho. A certidão de idade não confere superioridade de espírito a ninguém. Nunca compreendi a hostilidade tradicional entre velhos e moços (que, aliás, enche a história das literaturas); e não percebo a razão por que os homens se lançam tantas vezes reciprocamente em rosto, como um agravo, a sua velhice ou a sua juventude.

Ser idoso não quer dizer que se seja

Necessariamente intolerante e retrógrado; e

Engana-se quem supuser que a mocidade, por si só, constitui garantia de progresso ou de renovação mental. (Julio Dantas, in Páginas de Memórias)¹⁷

Sentadas em volta de uma grande mesa, conversavam entre elas, enquanto desenvolviam as tarefas de artesanato propostas. A princípio, a pesquisadora ficava observando o desenrolar das atividades e principalmente o que conversavam. Histórias particulares, receitas, questionamentos, aflições....Percebia que era um grupo muito solidário e companheiro. Quando dirigia a palavra a elas eram sempre polidas, porém breves. Todas as quartas-feiras, lá estava a pesquisadora. Elas recebiam a intrusa com carinho, mas ao mesmo tempo, percebia-se um ar de surpresa, com a chegada e com a persistência do comparecimento da pesquisadora às reuniões semanais.

Entendi que elas estavam buscando compreender o real interesse da pesquisadora em estar lá. Continuamente, por dois meses o exercício maior foi observar e ouvir. Ouvir e registrar. Registrar sem invadir o espaço físico e o espaço emocional daquelas mulheres.

Numa dessas tardes, ouvi-se de uma das integrantes, Dona Célia, falar do seu tempo de trabalho na Unicamp, percebeu-se então que este seria o momento para uma aproximação e perguntou-se a ela em que local da Unicamp ela havia prestado serviços. Prontamente ela respondeu: “No IFCH, na Biblioteca, eu fazia faxina. E frisou: “Todo tempo trabalhei lá. Limpei muito aqueles livros.”

Depois de diversas quartas-feiras conseguiu-se entabular pela primeira vez uma conversa mais longa. Primeiramente perguntou-se há quanto tempo ela morava na Vila e “quebrado o gelo” prosseguiu-se levantando onde havia nascido e como tinha vindo pra cá.

É necessário descrever alguns aspectos da estrutura de raciocínio subjacente à pesquisa-ação. A dificuldade está no fato de que não se trata de uma estrutura lógica simples,

¹⁷<http://lendosempre.blogspot.com/2008/08/juventude-e-velhice.html> - Juventude e Velhice 28/08/2008

enquadrável em poucas fórmulas conhecidas. Tal estrutura contém momentos de raciocínio de tipo inferencial (não limitados às inferências lógicas e estatísticas) e é moldada por processos de argumentação ou de “diálogo” entre vários interlocutores. O objetivo da análise (ou descrição) dessa estrutura cognitiva não é mero jogo formalista. (...) O principal objetivo consiste em oferecer ao pesquisador melhores condições de compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese do “material” qualitativo gerado na situação investigativa. Esse “material” é essencialmente feito de linguagem, sob forma de simples verbalizações, imprecisões, discursos ou argumentações mais ou menos elaboradas. (THIOLLENT, 2008: p.31)

Assim, enquanto ia fazendo sua peça de artesanato, Dona Célia falava, orgulhosamente, do passado. Registrava-se sua fala rapidamente e assim o conteúdo da conversa se avolumou. As outras também começaram a falar. A partir deste momento a pesquisadora também entrara na roda. A conversa já fluía naturalmente entre elas.

Dona Célia iniciou assim sua fala:

“Meu nome é Célia Ferreira Andrada Augusta. Moro há 41 anos na Vila Presidente Castelo Branco. Desde 67. Na minha infância não conheci meus pais, fiquei primeiro no Hospital Mandaqui, depois fui para Bragança Paulista, Colégio Preventório. Eu não sei porquê. Era de freira. Tinha meninos e meninas. Dia de fazer consulta era todo mundo. Dia de cirurgia na garganta era todo mundo. Depois fui para São Paulo, tinha uns 10 anos. Uma senhora me adotou. Fiquei no Hospital Mandaqui porque diziam que minha mãe e o meu pai – (diz que eu tinha irmã) e eu tínhamos tuberculose. Fui trabalhar de empregada. Em Campinas trabalhei lá no centro. Tinha uns 14 anos uma patroa que servia o café. Um copinho de café, um pãozinho. Onze horas estava morrendo de fome. Peguei alguma coisa pra comer na geladeira, a outra empregada viu, contou e ouvi de tudo. A patroa me pôs abaixo de zero. Depois

casei, rodei muitas casas. Quem mora de aluguel você já sabe... do Proost de Souza vim pra cá e fiquei. Não sou muito de ficar mantendo amizade com ex-patroa. Tive uma filha quando solteira. Um dia peguei a menina e fui visitar a patroa. Quando cheguei lá a cozinha estava cheia. De repente ficou só eu e minha filha. Isto me marcou muito. Jamais vou na sua casa sem ser convidada. Não vou não. Sou meio tímida sim. Aprendi a costurar sozinha.

Neste momento Dona Maria da Conceição que estava perto falou: Eu também trabalhei lá na Rua Luzitana, naquelas casas de assoalho, com porão. A patroa contava as bananas. Jogava fora e não dava. Outra coisa que me arrepia é lembrar que ela revistava a bolsa da gente todas noites, quando a gente saía. Nesse momento os olhos se encheram de lágrimas (pausa). Naquela época não pedia recomendação não. A gente saía para pedir emprego, ela olhava pra cara da gente e falava – Você é honesta – a gente conhece nos olhos. Mas revistava a bolsa da gente. Tinha 13 anos. Eu morava no Cambuí, depois da Coronel Quirino – Vila Sampainho. Você conhece? Hoje vou lá e até me perco.

“A velhice é bom. Pra mim não tem velhice” – entremeou Dona Adeliza, também chamada de Dê. A Bel – Maria Belém – emendou: “ Eu, até certos tempos atrás, não aceitava a minha idade. Hoje não. Completei o ano passado 60 anos, convivo bem com a minha velhice agora.”

Dê entra de novo na conversa: “Eu já convivo com todo mundo, meus netos, jovens, todo tipo de gente.”

“Trabalhei como depiladora,” retomou Bel, “e vi meninas crescerem, casarem e, terem seus filhos e vi muitas avós, clientes de anos, não quererem ser chamadas de vó. Só contavam a idade pra mim. Pra mais ninguém. E se alguém perguntava a idade brigavam feio. Cheias de pelanca, usando shortinho, se colocando no ridículo.”

Na outra ponta, falou Maria do Carmo, adicionando a categoria classe social ao assunto envelhecimento: “Terceira idade há eu acredito sim. Ah! A juventude passa tão rápido a velhice é longa! Esse negócio que escuto de velho falando que faz de tudo. Ah! Eu não acredito não. A mente pode ter 20 anos, o corpo não. A não ser aquelas pessoas que fizeram ginástica desde novinhas. Ah! Essas até pode ser.”

Dois meses haviam se passado no trabalho de construção da relação com as participantes do Grupo das Avós. A vivência dessas situações permitiam enxergar com novos olhos a bibliografia que se vinha explorando nesse período.

Ao conhecer o grupo Viver em Ação em agosto de 2007, observando-o no seu cotidiano ao longo de quase três meses, pode-se, além de diagnosticar a realidade local em que vivem, perceber nas suas falas a força e como a fragilidade dessa fase de envelhecimento. Eram mulheres acostumadas a lutar. Haviam comprado na década de 60 sua casa, mas situada em um local sem infra-estrutura necessária ao bem morar. Venceram uma longa e dura luta, para construir as condições mínimas de qualidade de vida na Vila Castelo Branco e agora enfrentam um envelhecimento, igualmente sem estrutura adequada para vivê-lo com plenitude.

Mediante a realidade observada no intenso período da fase de exploração, partiu-se do princípio norteante da pesquisa-ação vista como uma:

“pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.”
(Thiollent, 1996, p.14)

O desejo explícito, nas palavras e nas atitudes das idosas de ter a possibilidade de aprender, foi outro ponto observado neste período. O posicionamento distanciado do referido grupo, diante da pessoa da pesquisadora, no período supra mencionado, foi um fator marcante para repensar e reestruturar a proposta da pesquisa.

“A partir do momento em que reconhecemos a velhice como uma categoria social, podemos desconstruir muitos dos preconceitos atribuídos à pessoa idosa pelo contexto sócio-cultural atual, como é o caso da idade cronológica e as conseqüências de natureza social que advêm dela. Esta desconstrução se faz através do uso da linguagem.”
(SCHARFSTEIN,1999:p.5)

A argumentação, no contexto da pesquisa-ação, como escreve Michel Thiollent, é aquela que:

“...designa várias formas de raciocínio que não se deixam enquadrar na regras da lógica convencional e que implicam um relacionamento entre pelo menos dois interlocutores, um deles procurando convencer o outro ou refutar seus argumentos. Esta discussão adquire uma forma de diálogo, que pode ser de caráter construtivo quando os interlocutores buscam conjuntamente as soluções.” página 32

E o mesmo autor completa essa idéia dizendo que por ser muito mais dialógico do que o dispositivo de observação convencional, o dispositivo da pesquisa-ação pode parecer menos preciso e menos objetivo.

Um outro autor ressalta a importância do sentimento de pertencimento ao grupo:

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, mas sobre tudo no campo simbólico. (KESSEL,p.2)

A conversa conjunta durante a feitura do artesanato em que todas se colocavam com suas visões pessoais aconteceu já no final de setembro e colocou para a pesquisadora a importância da construção das relações entre envelhecimento e memória nos grupos populares quando há um espaço coletivo propício à reflexão conforme traz (NEVES, 2000). “Memória e história são processos sociais, são construções dos próprios homens que têm como referências experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade.”

Maurice Halbwachs, teórico da memória social, colocava:

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. Como transmitiríamos a nossos filhos o que foi a outra cidade, soterrada embaixo da atual, se não existem mais as velhas casas, as árvores, os muros e os rios de outrora? “

A metodologia utilizada neste trabalho contempla várias técnicas de coleta de dados. Optou-se por utilizar os relatos orais e as entrevistas para obtenção das informações necessárias a esta pesquisa. Com suas particularidades, é preciso escolher a técnica que permitirá enriquecer a contribuição do depoente para o trabalho do pesquisador, mas levando-se em conta, ela trará benefícios também a ele, ao permitir uma revisão do seu passado perante um ouvinte interessado:

A experiência tem mostrado que as pessoas de mais idade são participantes valiosos no processo de coleta de dados e que, por sua vez, se beneficiam psicologicamente e socialmente ao desempenhar o papel de informantes. (SIMSON E GIGLIO 2001)

Ao narrar sua história de vida ou um período extenso da sua vivência ou ainda trazer somente uma fatia dela, isto é: ao construir o seu relato o pesquisado participa da narrativa, deixando de ser um narrador onisciente¹⁸.

...a história oral muda a forma de escrever da história da mesma maneira que a novela moderna transformou a forma de escrever da ficção literária: a mais importante mudança é que o narrador é agora empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história. (PORTELLI, 1997: p. 38)

Como afirma Portelli, esta modalidade de narrativa, o pesquisado acaba se tornando parte da história, portanto passamos a trabalhar também com a sua auto-estima, com o sentido de cidadania, com o sentido de pertencimento, valorizando as informações adquiridas durante a sua vida e que ele agora nos transmite.

Do ponto de vista psíquico, afetivo, emocional, a pessoa que envelhece só poderá ter a noção de que as informações *de* que dispõe são preciosas, e não um fardo inútil, se o seu meio social interessar-se por elas, ou seja, as acolher como interessantes ou úteis; só terá a noção de que suas informações são únicas porque têm sido guardadas na sua memória individual, original, se tiver a oportunidade de partilhá-las com outros detentores de lembranças dos mesmos fatos e épocas. Assim as pessoas de mais idade dentro de um grupo sociocultural podem afirmar a sua própria identidade, expandir as fronteiras de seu valor, reconhecerem-se como participantes da vida atual do grupo, através da memória compartilhada, porque a identidade individual é uma instância que depende do Outro". (SIMSON E GIGLIO, 2001)

¹⁸ Segundo a Gramática da Língua Portuguesa, narrador onisciente é aquele que relata os eventos dos quais não fez parte, e que domina inteiramente e de cima (acima da consciência dos próprios participantes), na terceira pessoa. Parece ser imparcial e desligado, nunca entrando na narrativa, exceto para fazer comentários paralelos.

Focalizando um tempo mais reduzido, o relato oral, busca obter dados informativos e factuais da vida de um depoente ligados a um determinado tema e época. Assim é possível entrevistar um número maior de depoentes, por conseguinte colhendo-se uma quantidade maior de dados para a pesquisa. Podemos permear os encontros com os depoentes com perguntas elaboradas previamente, mesclando este momento indagativo com outros onde a fala do depoente ocorre de maneira mais livre, dando espaço para considerações, sobre o passado, julgadas importantes pelos narradores.

Observando o grupo Viver em Ação, no seu cotidiano pode-se, portanto, além de diagnosticar a realidade local em que vivem, perceber nas suas falas tanta força do passado reconstruído em contraposição à fragilidade do envelhecimento.

Mediante esta realidade partiu-se do princípio norteante da pesquisa-ação que diz:

Consideramos que a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação e participação. Com ela é necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para discussão ou fazer avançar o debate a cerca das questões abordadas. (THIOLLENT,2008:p.24)

Segundo Kincheloe apud Franco, p. 486:

a pesquisa-ação, que é crítica, rejeita as noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade e deve pressupor a exposição entre valores pessoais e práticos. Isso se deve em parte porque a pesquisa-ação crítica não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas transformá-lo.

É reafirmado por Thiollent, o novo patamar alcançado com a pesquisa-ação que apresenta:

...um grande desafio metodológico consiste em fundamentar a inserção da pesquisa-ação dentro de uma perspectiva de investigação científica, concebida de modo aberto e na qual “a ciência” não seja sinônimo de “positivismo”, “funcionalismo” ou de outros “rótulos”. (Thiollent, 2008, pág 22)

Toma-se aqui, como corolário, o conceito elaborado por Paulo Freire sobre práxis – definida como uma prática transformadora ao proporcionar uma contribuição importante na reflexão do homem e seu compromisso com a sociedade quando ele diz: (...) *a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo* (1983: p. 40).

E ainda nas palavras de Paulo Freire:

É preciso que fique claro que é, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente. (1983: p. 149)

Foi neste ritmo dual que se realizaram as várias fases desta pesquisa que se descreve a seguir:

**CAPÍTULO 4- MULTIMEIOS E OUTROS ESPAÇOS DE
CONSTRUÇÃO DO OLHAR - AS FASES DO
TRABALHO DE CAMPO**

4.1- Fotografia: O desenvolvimento da Oficina

A verdadeira imagem não está na obra, mas sim na memória, ou mais exatamente, nas memórias diferenciadas de todos. FRANCASTEL, p.31

O que é fotografia? Pergunta sempre presente nas aulas de fotografia. A idéia que se tem da fotografia é a da instantaneidade. – “Clic”! Tira-se uma fotografia. Cada dia mais o mercado tenta quebrar o próprio recorde na devolução do filme processado. Sem falar dos equipamentos digitais. Não gostou – deleta. Mas, o que é fotografia¹⁹? É só um ato mecânico? É interessante, neste momento, lembrar a origem da palavra, utilizada pela primeira vez por Hercules Florence em Campinas/Brasil.

Fotografia, para mim, é isto – escrever com a luz. É um momento que pode ser de reflexão, de entrega ou de busca... Por que se escreve? Não é para se evitar o esquecimento? Ao “escrever” um determinado registro, você deposita nele, o seu desejo de lembrança. Este “texto”, na minha opinião, funciona como uma sinopse, que serve, de ponto de partida, para o desenrolar de uma narrativa, ainda maior. Ao pensar nisso, quem teria um acúmulo maior de informações sobre estas “sinopses imagéticas” se não os idosos.

Sob esta ótica a Oficina de Fotografia foi a primeira atividade executada, junto ao grupo Viver em Ação, após o período de observação participante e algumas entrevistas. Ao iniciá-la eu já conhecia um pouco mais do bairro, da instituição e dessas mulheres. Tinha percebido durante os encontros no decorrer dos segundo semestre do ano de 2007, a dúvida existente entre elas, em participar da Oficina de Fotografia.

Algumas falaram claramente que não gostavam de fotografias. “*Esse negócio de tirar fotos. Sair caminhando por aí.*” Outras se mostraram reticentes, mas a proposta não era tão estranha assim. Deixei claro que eu estaria à

¹⁹ Foto = luz; Grafia = escrita

disposição para tirar qualquer dúvida e que estaria no Progen na data escolhida por elas. Isto já era começo de dezembro. Pedi para elas pensarem, durante o recesso de final de ano, qual roteiro, dentro do bairro, elas gostariam de fazer.

Saímos de férias.

No início da segunda quinzena de janeiro entrei em contato com elas, conforme havíamos combinado, retomando assim as atividades do trabalho de campo. Na data agendada, dia 29 de janeiro, começamos a oficina, apesar da chuva forte que caía. Boa parte do grupo compareceu. Fiquei sabendo que uma das integrantes do grupo, não iria participar, pois estava nas atividades da Casa da Oficina.

Pois o trabalho realizado lá, lhe rendia algum dinheiro.

Um casal que estava na instituição naquele momento, quis também participar. O grupo foi muito receptivo e brincaram “o senhor é o representante dos homens aqui do bairro” falou dona Célia. Realmente, nestes três dias de oficina, foi a única vez que houve um participante do sexo masculino presente.

No primeiro dia falei sobre a fotografia, mas da fotografia conhecida por eles, isto é: aquela que registra e marca os rituais que constituem a trajetória de vida das classes populares - Fotografia de casamento, fotografia de batizado, fotografia de primeira comunhão e das dificuldades da maioria dos brasileiros em ter a máquina fotográfica para fazer suas próprias fotos. A fotografia, o registro no papel é ponto de partida, o sentido das imagens estão vinculados com a nossa emoção, com o peso afetivo que a ela depositamos. Os registros fotográficos que são mostrados a seguir ilustram esta narrativa.



[Fig. 39]- Célia Ferreira Andrade Augusto e sua família em visita a Basílica Nacional de Aparecida- Aparecida do Norte - SP.



[Fig.40]- 1ª comunhão de um dos filhos Célia Ferreira Andrade Augusto, na Igreja Guadalupe Vila Castelo Branco – Campinas – SP



[Fig. 41]- Foto de Casamento Vera Lucia Ferreira Luiz – Patrocínio-MG.



[Fig.42]- Batizado de uma das filhas Vera Lucia Ferreira Luiz.



[Fig.43]- Formatura do filho de Maria Aparecida Bento, em Engenharia. Ela não participou da Oficina de Fotografia, mas me mostrou com muito carinho e emoção este registro fotográfico, quando retornou às atividades do grupo.

“Oh! Lucia, a gente não tem muita foto porque era muito caro para gente essas coisas.” Falou Dona Adeliza, empunhando orgulhosa a máquina que o filho lhe emprestara. *“Essa aqui – referindo a máquina fotográfica reflex Cannon, com uma teleobjetiva – meu filho adquiriu numa troca. Vou aprender a tirar fotos com ela, para poder ensiná-lo.”*



[Fig.44]- Adeliza Braz dos Reis e sua Cannon.

O grupo começou a falar como eles tinham reunido as fotos do passado trazidas para a oficina.

“Pedíamos para o fotógrafo que vinha na igreja tirar a foto.” Comentou Maria Reis.

Uma delas, a Maria do Carmo, lembrou que isso acontecia agora, de uns 20 anos para trás. Que naquela época, em que ela era menina, lá em São Paulo, a mãe a levava no estúdio para fazer a foto. Dona Vera, há menos de dois anos morando aqui em Campinas, vinda de Patrocínio, Minas Gerais, contou que lá também era difícil, tirar foto, mas disse que tinha uma máquina velhinha, que não sabia usar e nem sabia se estava funcionando e queria muito aprender a tirar fotos.

Com as informações que eles me traziam, através de lembranças e das fotos ali presentes, eu ia falando da história da fotografia, de enquadramento, do foco, da luz, flash, o que torna uma fotografia mais atraente do que outra, da importância da fotografia, da fotografia e seus estilos, da profissão de fotógrafo e principalmente dos registros feitos pelas famílias. Que esse dia-a-dia registrado pelo cidadão compunha a história da família, do bairro, da cidade e do país -As Imagens do Meu Mundo.

Imagens porque através das fotos e dos relatos dos participantes vai se tecendo, reconstruindo a história pessoal, a história do bairro, da cidade. Do Meu Mundo porque parte do acervo fotográfico é familiar, provém do registro pessoal.

Esse poder das fotografias de família dá conta de sua capacidade reveladora, dando origem a terapias fotográficas – em que o observador é levado a desenterrar as fotografias arquivadas na memória, reconstruindo-as ou até reinventando-as para se ajustarem às suas fantasias ou projetos -, mas também a sua utilização como auxiliar na técnica de obtenção das histórias de vida, tão corrente hoje na Psicologia e na sociologia. LEITE (1992: p.47)

Dona Carmem, fala com entusiasmo, sobre a foto preto e branco, já amarelada, lembrando seu tempo de vivência na região central de Campinas.



[Fig.45]- Foto da família de Carmem Bueno Oliveira Fogaça, quando residiam na Rua Maria Montero, Cambuí. Bairro central de Campinas-SP

Ah! Está aqui é na Maria Monteiro. Morei quase vinte anos lá, no número 892. Depois fui para o Jardim das Oliveiras e hoje estou aqui, desde o início. Menciona D. Carmem ao mostrar, com saudosismo, uma fotografia em preto&branco da sua mãe e irmãs.”

E emenda:



[Fig. 46]- Foto da família de Carmem Bueno Oliveira Fogaça, quando residiam em Amparo- SP.

“Papai morreu e mamãe nos criou, dez filhos, com muitas dificuldades.”

E fala do tempo de fartura, lá em Amparo-SP, ao ver a fotografia acima.

“Esta aqui é a minha cabritinha. O leite que eu tomava vinha dela.”

Kossoy pesquisador na área da fotografia, revela:

“Os homens colecionam esses inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando essas imagens “descongelam” momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida. Acrescentando, omitindo ou alterando fatos e circunstâncias que advêm de cada foto, o retratado ou retratista têm sempre, na imagem única ou no conjunto das imagens colecionadas, o “start” da lembrança, da recordação, ponto de partida, enfim, da narrativa dos fatos e emoções”. KOSSOY (2003: p.45)

A Dona Adeliza, no seu jeito calmo e pausado de falar, comentou:

“Aqui era muito diferente do que é hoje, não tenho fotos daquela época quando vim para cá morar na minha casa, a gente não tinha dinheiro, sabe! O ônibus ia só até lá em cima, próximo do Supermercado Enxuto, descíamos a pé da Anhanguera para cá.”

Deste passado, tão vivo na memória e que se faz o presente. a fotografia, com a sua simplicidade e multiplicidade de registro fornece esta ligação permitindo o ir e vir das lembranças.

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios. (HALBWACHS, 2004: p.55).

Para além da formação da memória, Halbwachs aponta que as lembranças podem, a partir desta vivência em grupo, ser reconstruídas ou simuladas.

Podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica (HALBWACHS, 2004: p. 76-78).

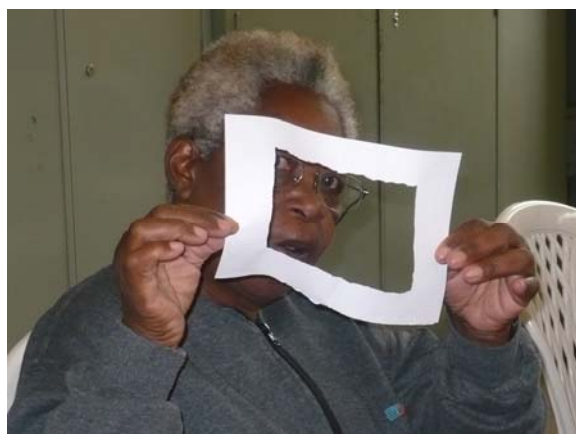
Halbwachs nos mostra que nossa visão sobre um fato passado é formada por informações que recebemos de reconstrução anteriores:

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (HALBWACHS, 2004: p. 75-76).

Propus um exercício prático. Com um retângulo de papel, em forma de moldura, assemelhando-se ao visor da máquina fotográfica eles saíram em busca das imagens que mais lhes agradavam o olhar, o que lhes chamava atenção, dentro da própria instituição e proximidades. E assim, duma forma simples e lúdica eles estariam introjetando os conceitos de composição e enquadramento. Esse era na verdade, o segundo objetivo. O primeiro objetivo era quebrar o bloqueio de fotografar, bloqueio este imposto por anos de dificuldades financeiras, distanciando-os desta possibilidade.



[Fig. 47]- Aparecida Fidélis e Adeliza Braz dos Reis realizando o exercício de enquadramento enquanto eram observadas pelo grupo.



[Fig. 48]- Aparecida Fidélis



[Fig.49]- Adeliza Braz dos Reis



[Fig.50]- Hilda de Almeida

No segundo dia de oficina, dia 30 de janeiro, começamos o trabalho com as “imagens” feitas com o retângulo de papel. Ei-las:

“A máquina de costura. Costurar para a família é a nossa (inteligível). É a primeira vez que eu fotografei, aqui na sala, eu gostei da experiência. Foi bom.” Disse dona Leonor.

Ela e seu esposo, o Seu Waldemar só participaram neste momento da pesquisa. Só na oficina de fotografia.

“Eu, disse Célia, fotografei os instrumentos de percussão, a escada, também a máquina de costura, a sala que tem um quadro com uma paisagem com árvores. De todas as fotos a da máquina de costura é muito importante pra mim, por ser antiga. Já tive várias experiências em fotografar.

“Ah! Eu fotografei uma criança sorrindo, um vaso com planta, a Regiane grávida – uma nova vida, uns garotos fazendo peraltices e minhas amigas. Achei bom. Nunca tinha feito antes. É uma experiência nova. Foi estranha e boa.” narrou Maria do Carmo.

Seu Waldemar, quase não falava, e quando falava, o fazia baixinho:

*“Nossa Senhora Aparecida, linda! A menina, linda!
A Regina, linda! Achei o fotografar ótimo.”*

Neste dia falei sobre filmes. Das diferenças existentes – sensibilidade, definição, contraste, granulação; filmes coloridos e filmes P&B e seu uso. O que eles mais ansiavam era aprender como colocá-lo no equipamento. Após este momento da oficina, eles começaram a manusear o equipamento, ali, no próprio Progen, explorando este ambiente, bem conhecido.



[Fig.51]- Célia Ferreira Augusto e Adeliza Braz dos Reis.



[Fig. 52]- Célia Ferreira Augusto e Waldemar Puertas

Como precisávamos definir o roteiro da caminhada fotográfica para o próximo e último dia da oficina, levei um mapa da região com este intuito. Decidiram o roteiro, sem olhar o mapa. Já tinham o bairro mapeado na memória. Sabiam que queriam fotografar uma área que pertencia ao bairro, mas não aos moradores. Iriam fotografar a parte lá debaixo - A Praça dos Trabalhadores. Na fotografia a escolha é feita antes. Elas já tinham o seu ponto de vista definido.

Este espaço ficou conhecido jocosamente por Pinicão, nesta localidade. Uma das participantes, moradora mais recente no bairro trouxe o apelido à baila. Ela não queria fotografar ambientes feios.

“Quero fotografar coisas bonitas. Tô cheia de ver feiúras.”

As moradoras mais antigas não gostam que este espaço seja lembrado desta maneira, por entender que este fato denigre o bairro. Uma delas colocou.

“Aí sim é que temos que fotografar. Quanto mais abandonado ele fica, mais feio vai ficar.”

Passada a celeuma, o roteiro foi mantido.



[Fig.53]- Piscina situada na Praça dos Trabalhadores. Foto de Maria do Carmo Martins



[Fig. 54]- Área de lazer para as crianças, situada na Praça dos Trabalhadores
.Foto de Maria do Carmo Martins

O processo da pesquisa-ação não deve ser concebido em um universo fechado, parametrizável e definível do início ao fim da experiência. Inscreve-se em uma problemática social concreta que se procura desenvolver. O papel do pesquisador consiste em assegurar a abertura da pesquisa-ação não só dentro do respeito aos valores éticos, como também dentro do contexto e dos ritmos próprios a cada parceiro, como o intuito de permitir a participação de todos e a emancipação de cada um. (Andaloussi, 2004:p. 137)

Dia 31 de janeiro, à tarde, depois de dois dias chuvosos e com frequência de 100%, saímos pelo bairro. O clima reinante envolvia sentimentos de alegria, contentamento, orgulho e curiosidade.



[Fig.55]- Participantes da Oficina de Fotografia em frente ao Progen. Foto tirada apedido do grupo antes de iniciarmos a saída fotográfica. A frente, da esquerda para a direita: Leonor da Silva, Maria Reis, Maria do Carmo Martins, Daniele, Hilda de Almeida e Adeliza Braz dos Reis. Na 2ª fila: Waldemar Puertas, Vera Lucia Ferreira Luiz, Célia Ferreira Andrade Augusto e Aparecida Fidélis.

Logo no início da caminhada, o grupo encontrou uma moradora do bairro que brincando perguntou se éramos turistas? Dona Célia respondeu com sua voz forte e imponente. *“Não. Estamos fazendo um curso de fotografia para aprender a fotografar e registrar nossas memórias.”* E Maria Reis, uma outra fotógrafa em formação, completou: *“Vem você também.”*

Os sentimentos de união, companheirismo, solidariedade e participação eram percebidos a todo momento dentro do grupo. Sentimentos que foram sendo formados junto com a construção da Vila Castelo Branco. Sou um, mas juntos somos mais fortes.

Tal sentimento de persuasão é o que garante, de certa forma, a coesão no grupo, esta unidade coletiva, concebida pelo pensador como o espaço de conflitos e influências entre uns e outros (HALBWACHS, 2004: pp.51-2).

Mas também de lembranças comuns de membros do mesmo grupo:

As lembranças podem ser simuladas quando ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo *grupo*. (HALBWACHS, 2004: p.78).

Por outro lado, afirma Halbwachs:

não há memória que seja somente “imaginação pura e simples” ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito (HALBWACHS, 2004: p.81).

Assim diz ele:

A memória individual não está isolada. Frequentemente, toma como referência pontos externos ao sujeito. O suporte em que se apóia a memória individual encontra-se relacionado às percepções produzidas pela memória coletiva e pela memória histórica. A vivência em vários grupos desde a infância estaria na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal. (HALBWACHS, 2004: pp. 57-9).

No nosso passeio pelo bairro fomos até a Casa de Cultura Tainá²⁰.

Algumas comentaram que nunca haviam ido lá. Que lá eles tinham este cuidado com a cultura afro-brasileira.

²⁰ A **Casa de Cultura Tainá**, localizado na Vila Padre Manoel da Nóbrega, é uma entidade cultural e social sem fins lucrativos. Fundada por moradores da Vila Castelo Branco e região em 1989 sob a denominação de **Associação de Moradores da Vila Castelo Branco**. Posteriormente, através de um concurso, foi escolhido o nome de Casa de Cultura Tainá que significa *caminho das estrelas* em tupi-guarani. Única referência cultural em uma região onde se registram todos os tipos de carências. Atende em média 450 crianças e adolescentes por mês e atinge indiretamente 1350 pessoas por meio de oficinas, shows e projetos. Tais como: Nação Tainá - Maracatu de Baque Virado e Cultura Popular; Fábrica de Música - Estudo de Música / Gravação / Produção Musical; Lidas e Letras - Bibliotecas / Literatura; Projeto Tambor Menino - Música / Dança / Produção de Artesanato; Projeto Orquestra Tambores de Aço - Formação de Orquestra de Steel Drums; Projeto Mocambos - Laboratórios de Informática e Pesquisas Digitais; Tambor dá Saúde - Prevenção contra DST/AIDS Obtido em "http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_de_Cultura_Tain%C3%A3"Categorias: Cultura de São Paulo | Campinas

Dona Adeliza chegou bem próximo de mim e com um sorriso maroto comentou:

“Nunca tinha vindo aqui. Tão pertinho de casa e eu não conhecia. Que local bonito. Que instrumentos diferentes.”

Essa fala se refere aos tambores de aço. O som é forte e envolvente, mesmo no tocar descompromissado de algumas participantes. A equipe da Casa Tainã se prontificou em gravar um CD com sons dos tambores de aço, para presentear o Grupo.



[Fig.56]- Tambores de aço. Instrumentos musicais vistos na Casa de Cultura Tainá.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, p.26)

Permeados pelo sentimento de ter vencido o receio de sair fotografando o bairro, terminamos a caminhada e a oficina com um piquenique. A proposta era para realizarmos o piquenique, na praça localizada em frente à igreja Nossa Senhora de Guadalupe, mas o grupo não aceitou. Elas preferiram o espaço cedido no próprio PROGEN. Os motivos alegados foram que a área era muito isolada e cheirava a urina de animais domésticos.



[Fig.57]- Frutas, sanduíches e panetone servidos ao Grupo da Terceira Idade Viver em Ação. Foto Adeliza Braz dos Reis

A foto acima-dos alimentos do piquenique foi feita por Dona Adeliza. Baixinho ela me pediu a foto para levar para a família, dizendo:

“Quero levar esta foto para a família ver como eu e todas as minhas amigas são bem tratadas no Progen.”

Aos poucos elas foram conquistando o saber fotográfico, desenvolvendo um olhar mais atento para captar a imagem. Além de conhecer e reconhecer a sua Vila



[Fig. 58]- Foto feita por Vera Lucia Ferreira Luiz.



[Fig.59]- Vera Lucia Ferreira Luiz. Foto feita por Maria Reis

4.1.1- Exposição

Sentido de Pertencimento



[Fig 60]- Painéis da exposição²¹

Após essa primeira experiência concreta de registro fotográfico aconteceu a exposição que teve um tom particular - contribuir para recuperação de trajetórias pessoais. Reconstruir situações e vivências que podem não ter sido relatadas pela história oficial delineando histórias outras da cidade, no recorte da Vila Castelo Branco, como também, legitimando a função social dos velhos entendida como o ato de lembrar. Como nos mostra Park:

A auto-estima é constantemente trabalhada através de tal metodologia, pois sujeitos históricos são requalificados como tal. Velhos assumem sua função social de portadores de memória privilegiados, todos imbuídos do desejo de escrever uma história que ocorreu às margens, que restou em memórias e vozes e que, dessa maneira, através de um discurso polifônico assumem sua historicidade, não mais latente e particular mas, sim, coletiva e pública. Dividida e geradora, aliciadora de novas vozes/memória que ao dialogarem com os materiais coletados expandem as redes, alargando fronteiras e transformando espaços em lugares de pertencimento. (PARK, 2001: p.43)

²¹ Os painéis da exposição da página 121 a 128 desta tese, estou considerando com [Figura 60].

Ficou decidido no grupo que faríamos uma exposição em março. Na discussão sobre a montagem elas ficaram apreensivas. Como iria acontecer? Perguntou Dona Aparecida Fidélis, pessoa muito reservada que participava de tudo, mas muito pouco falava. Quando falei da exposição, de como poderíamos montar ela argumentou:

“A gente veio pra cá, pra Castelo Branco, por causa da casa, da nossa casa. Com a minha irmã foi assim.” O grupo parou e concordou. Assim começaram a ser concebidos os painéis que iriam expor as fotos feitas por eles, em forma de casas recortadas em cartolina colorida. Impingiam no papel a imagem da Vila Castelo Branco que elas tinham guardado na memória. Casas sempre coloridas, alegres, floridas, portas e janelas abertas. A concepção da denominação anterior da vila estava presente naqueles painéis -Vila Bela. É dessa forma que elas vêem este local. É esta imagem que trazem consigo na memória. Ao andar pelo bairro reconhecendo-o e conhecendo-o, percorreram também as suas memórias e trajetórias dentro da Castelo Branco, como elas mesmas chamam o bairro.

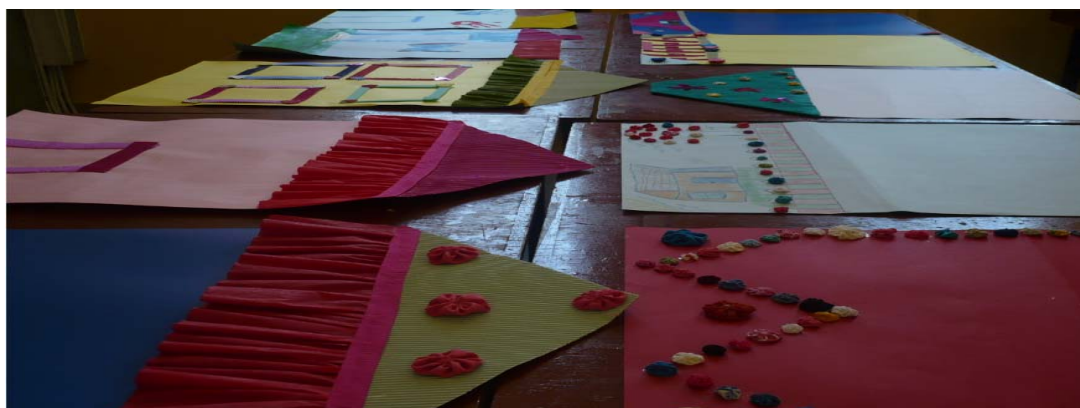


[Fig.61]- Painéis elaborados pelas integrantes do Grupo Viver em Ação.

Fotografia é Memória e com ela se confunde. O estatuto de recorte espacial/interrupção temporal da fotografia se vê rompido na mente do receptor em função da visibilidade e “verismo” dos conteúdos fotográficos. A reconstituição histórica de um tema dado, assim como a observação do indivíduo rememorando, através dos álbuns, suas próprias histórias de vida, constitui-se num fascinante exercício intelectual onde podemos detectar em que medida a realidade anda próxima da ficção. (KOSSOY, 2002, p.132).

Algumas idosas que não participaram do registro fotográfico, quiseram participar desta fase de montagem da exposição porque a casa talvez constitua um tema forte e significativo para todas elas.

Com a feitura dos painéis, coloridos e enfeitados com fuxicos, com palitos, formando cerquinhas, pintados ou não, foi o momento de “reler” a produção fotográfica feita pelo grupo. Um momento importante para a pesquisa, pois marcou o encontro entre o grupo que participou da oficina e as pessoas que não haviam participado.



[Fig.62]- Painéis para a montagem da exposição confeccionados pelas integrantes do Grupo Viver em Ação.

Segundo Bachelard:

“a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (1974, p. 26).

Vemos, com isso, que a casa é um das maiores representações coletivas que permite interligar os pensamentos, lembranças, os sonhos do homem e os seus devaneios. A casa é vista, segundo Bachelard, como o grande berço, o aconchego e proteção, desde o nascimento do homem; é o paraíso material.

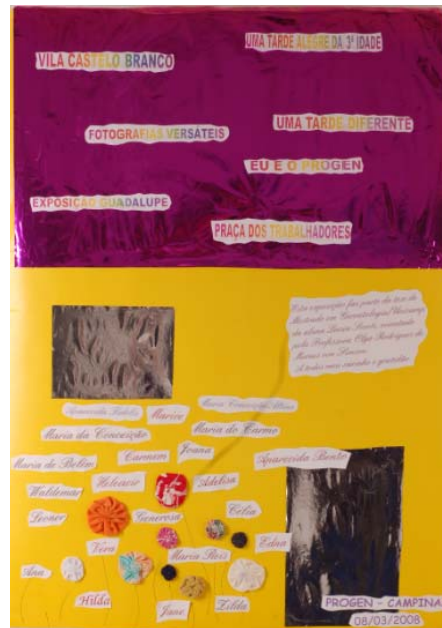
As lembranças da casa estão guardadas na memória, no inconsciente e acompanham-nos durante toda a vida e, sempre nós voltamos a elas nos nossos devaneios.

Dar nome a exposição que responsabilidade comentou uma das participantes. Elas sugeriram diversos nomes. Percebi que ao nomear a exposição, estava sendo colocado junto um sentido de pertencimento. Tinham aguçado o olhar e este aguçar propiciou um encontro com os sonhos que as trouxeram aqui. Nomes não que não poderiam ser descartados, pois na verdade refletiam a identidade delas. Não eram meramente nomes para uma exposição, eram sonhos, lutas, conquistas. Resolvi presenteá-las com todas as sugestões. Os nomes sugeridos para a exposição teriam a função das telhas para uma casa. Juntas fazem o telhado da casa que abriga as pessoas. Morar na Castelo Branco, não era mais uma etapa de constantes mudanças de residência, de pedidos de favor. Não era mais um contrato de aluguel que consumia boa parte do rendimento. Era a propriedade, a casa tão sonhada! Entendi porque elas por unanimidade concordaram com o pensamento de dona Aparecida Fidélis.

“A gente veio pra cá, pra Castelo Branco, por causa da casa, da nossa casa. Com a minha irmã foi assim.”

Assim os títulos, na função de telhas, foram colocados:

Vila Castelo Branco, Fotografias Versáteis, Exposição Guadalupe, Eu e o Progen, Uma Tarde Alegre da Terceira Idade, Uma Tarde Diferente, Praça dos Trabalhadores.



[Fig.63]- Painel usado como aberturada exposição. Elaborado por esta pesquisadora.

Os títulos puderam ser observados no desenho formando a imagem do telhado das casas que abrigam as imagens fotográficas.

A questão seguinte foi:

Onde expor estas fotos? Estes painéis? Este trabalho? Esta memória?

Este relato visual?

Dona Célia, prontamente argumentou: “*Vamos colocar lá fora, no pátio para que as crianças possam ver.*” E assim se deu. As fotos não foram feitas para elas, para serem guardadas viam no registro imagético a possibilidade de levar informações aos mais novos, dados construídos por elas. Em dois momentos: No

trabalho de anos para trazer infra-estrutura à região e agora a construção da imagem Estes fatos não poderiam ficar num ambiente restrito. Pertenciam a todos. Como aponta:

Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação, do contrário povos nômades não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constróem com estes espaços. Os lugares são importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.” (KESSEL, p.4)

A fala da Dona Célia demonstra a preocupação em transmitir a essas crianças informações, não só em palavras, mas também em imagens captadas por elas.



[Fig. 64]- Berinjela. Fotografada por Célia Ferreira Augusto, no pátio da Casa Tainá.



[Fig.65]- Galinha. Fotografada por Célia Ferreira Augusto, no pátio da Casa Tainá.

Ao fazer as fotos acima, dona Célia teceu a seguinte argumentação ao tirá-las:

“Tenho que fazer estas fotos para mostrar para essa garotada como é a natureza. Eles pensam que galinha só se encontra no supermercado. berinjela acho que muitos nem conhecem.” Ao ver uma construção inacabada e abandonada, ela questiona imageticamente e verbalmente como podem ter qualidade de vida se bairro fica esquecido dessa maneira. *“Tenho que registrar isso.” Ela conclui.*



[Fig.66]- Construção abandonada nas proximidades da Praça dos Trabalhadores.
Foto: Célia Ferreira Andrade Augusto.

O que nos mostra uma preocupação pedagógica dessa fotógrafa em formação. As três autoras já citadas nos falam que:

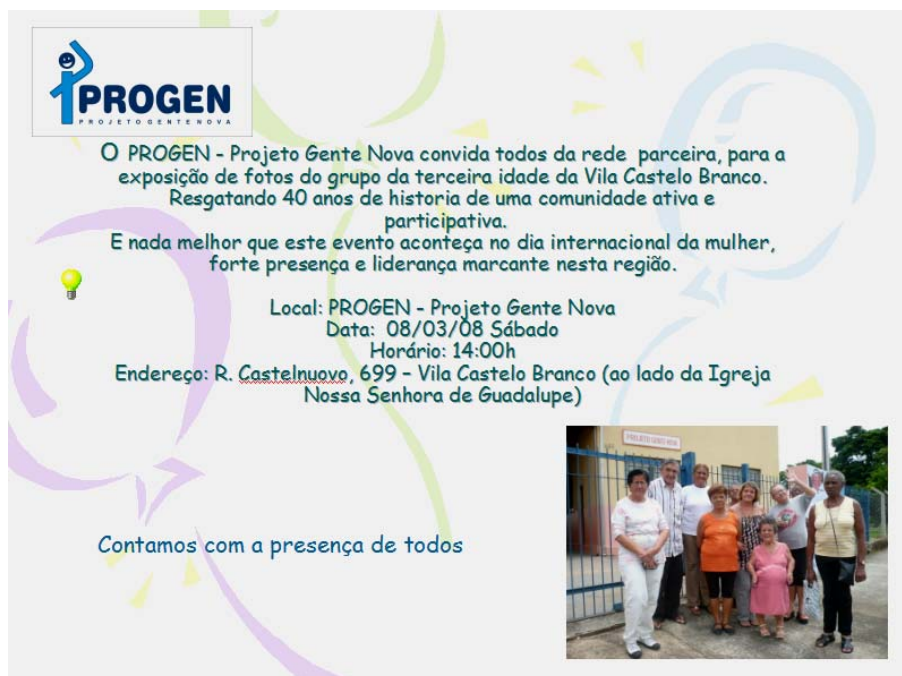
Os idosos podem cuidar, transmitir informações culturais resgatadas de suas memórias e conhecimentos adquiridos através da experiência. A criança, dotada de agilidade e avidez por conhecer, pode impelir o velho a movimentar-se para acompanhá-la, a revirar suas memórias e saberes para oferecer-lhe o que anseia. Diante da criança que transborda a vivacidade que lhe é própria, o velho sente-se preencher pelo desejo de viver. Essa proximidade pode ser vista com maior facilidade na relação entre avós e netos. (...) Tornar-se avô/avó é um fato marcante na vida do indivíduo. Em algumas sociedades, conforme estudos antropológicos, tal fato chega a determinar o status social dos adultos. (Lopes, Park e Néri, p.2)

E no que tange a imagem aponta Boris Kossoy:

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública (...) As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram esteticamente congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. (KOSSOY , 1993, p13 e 14)

Essa relação tão forte vivida pelo grupo das avós definiu o lugar da exposição como aquele em que são vivenciadas diariamente as atividades de educação não-formal das crianças e adolescentes do bairro.

E assim foi realizado. A exposição se deu no dia 08 de março de 2008, no período da tarde. O Dia Internacional da Mulher, uma data pensada e escolhida conscientemente. Era uma forma de homenageá-las. Mulheres que na sua trajetória de vida, recebem com muito maior freqüência em sua grande maioria encargos, raramente homenagens.



[Fig.67]- Convite da exposição elaborado e distribuído pelo Progen

No mesmo dia o grupo recebeu o convite para expor na Sede da Escola de Samba Rosas de Prata²², na própria Vila.

²² Escola de Samba Rosa de Prata foi fundada em 1975, por Aluizio Jeremias ex- integrante da Estrela D'Alva, juntamente com Paulão, Paulo Roberto Vieira.

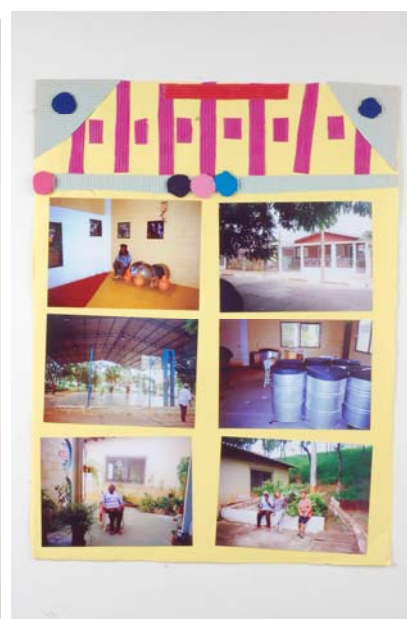
A EXPOSIÇÃO



















4.1.2- Exposição Impactos

A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes “leituras” que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações. (KOSSOY, 2002, p.38)



[Fig. 68]- Primeiros visitantes da exposição no pátio coberto do Progen

O lugar recebeu a marca da criação visual do grupo.

“Nossa! Eu nunca tinha visto isto, uma exposição. Nunca tinha visto” Dona Vera.

“Isto que é bacana, a gente não tem isto aqui.” Segredou Maria do Carmo.

“Essa aqui é a minha sogra” fala a nora de Dona Adeliza.



[Fig.69]- A participante da Oficina Maria Reis (blusa azul) analisando o resultado do trabalho do grupo. Sendo observada por Regina Espogino, assistente social do Progen

No meu planejamento inicial, após a montagem da exposição fotográfica e a coleta de dados, através de entrevistas, a serem colhidas partiria para a transcrição, análise deste material. Mas na prática percebia que havia ficado uma lacuna. Era necessário oportunizar a ampliação do olhar deste grupo para justificar seu nome: Viver em Ação. De diversas formas as idosas haviam me pedido isto, ao longo do processo de trabalho, a oportunidade de continuar ampliando seus olhares sobre o mundo que as cerca.

O trecho da fala de uma das participantes, Maria do Carmo, que ao ver sua foto tirada durante a caminhada fotográfica, que foi por ela intitulada. O PARAÍSO.

“Nunca tinha olhado pra esta alameda assim. Ela mudou muito. Mudou minha imagem. Representa outro lugar, não aquele que está abandonado.”



[Fig.70]- Alameda na Praça dos Trabalhadores fotografada por Maria do Carmo Martins.

Nos aponta como uma primeira ampliação do olhar já havia sido conseguida. Mas era necessário ir além,

Como esse autor nos indica:

A ação na pesquisa-ação é, diferente de um plano de ação ou de um programa em que são estabelecidas as etapas e submetidos os recursos (humanos, logísticos e financeiros) às exigências dos objetivos e do calendário. É da ordem da estratégia e não do objetivo programado, é de natureza paradigmática e não programática. (Andaloussi, 2004: p. 146)

Ele ainda reafirma:

Os conhecimentos se constroem à medida que atores e o pesquisador avançam na resolução dos problemas. A ação é, simultaneamente, fonte de conhecimento e meio de impulso para a renovação desse conhecimento. (...) Ao participar das discussões, reflexões e avaliações múltiplas possibilitadas pela pesquisa-ação, os atores adquirem conhecimentos novos, fonte de novas necessidades de formação e de ampliação de novos horizontes. (Andaloussi, 2004: p.139)

Maria do Carmo ficara extasiada ao ver o resultado da sua fotografia. Ao encontrar em espaços tão próximos à sua casa, imagens que a tocaram profundamente. Isso nos permitiu falar de novos ângulos, de outras perspectivas ao ensinar a técnica da fotografia, pois tocamos na própria formação de do ato de ver os acontecimentos do cotidiano. Ver e rever, esta flexibilidade no exercício da feitura da imagem, nos ajuda a tirar a rigidez que impomos às nossas retinas no ato de viver. Ao perceber em si este novo olhar, ela reconstrói o olhar sobre a realidade cotidiana, abre uma brecha no quadro definido da sua vida.

“Roland Barthes e Arlindo Machado são dois autores que encaminham suas discussões sobre as imagens fotográficas como uma forma de comunicação muito particular, pois, para eles, estas estariam diretamente ligadas às estruturas do inconsciente humano. Para esses autores as fotografias

revelariam muito do universo ideológico dos indivíduos que, de alguma maneira, participaram de seu processo de produção. SOUZA (1992: p.100)

E a mesma autora complementa:

Ao trabalhar com a fotografia o pesquisador se vê diante de um objeto real passível de se transformar em objeto de conhecimento. A fotografia seria não só uma forma de reproduzir imagens, mas também uma forma de reproduzir conhecimentos, pois está a todo tempo emitindo significados, intenções. É uma forma de interpretação que os indivíduos fazem de suas relações sociais que servirá também como um instrumental de interpretação por parte do sociólogo. SOUZA (1992: p.104)

Foi com olhar semelhante que as fotografias integram esta pesquisa. Através da produção imagética das idosas que a relação com elas foi se estreitando e que o meu conhecimento sobre o envelhecimento das mulheres de classe popular, residentes na periferia de uma grande cidade brasileira, foi se construindo.

4.1.3- Fotografia sob outra ótica



[Fig.71]-ANDORINHAS²³

Portanto, discutindo esse ponto com minha orientadora, decidimos explorar com as idosas vários locais da cidade nos quais exposições, arquitetura ou trabalho com a memória permitiam construir outras visões sobre o ato de lembrar e registrar o passado comum.

O próximo passo a ser dado, era levá-las a ver uma exposição de fotografia.



23

[Fig 72] Campinas foi no passado conhecida como "terra das andorinhas". A foto acima datada 1910 mostra as andorinhas no extinto Mercado das Hortaliças - edificado em agosto de 1886, e demolido em abril de 1956, virou Casa das Andorinhas depois de perder seu uso comercial (em 1908, com a inauguração do novo mercado na Praça Corrêa de Melo). Hoje, no local, está o Largo das Andorinhas. <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2007/02/curiosidades-campinas-terra-das.html>

Neste retorno, um fato inesperado fez com que o cronograma pensado fosse reestruturado. Uma das participantes perdeu um neto adolescente de forma violenta. Houve um período de silêncio muito grande dentro do grupo. Silenciosamente elas comungavam esta dor. Ir para outros espaços geográficos era pertinente, mas visitar outros espaços da mente e da emoção se fazia necessário neste momento. A coordenação do Progen apoiou o planejamento revisitado. O primeiro momento do planejamento – ir a exposição de fotografias foi mantido.

Havia constatado durante as entrevistas realizadas individualmente antes da exposição no Progen, no período de novembro/2007 a fevereiro/2008 que elas não se aprofundavam nos assuntos relacionados ao envelhecimento, respondiam somente às perguntas e mesmo quando era deixada a oportunidade para a fala livre, elas falavam pouco em comparação ao desenvolvimento das conversas quando reunidas.

Em outubro de 2007, conheci a Exposição Retrato Delas com suas Fotos, trabalho desenvolvido com mulheres idosas, no Sesc Consolação cuja a metodologia apresentada durante a realização do Seminário Nacional "Memória, ciência e arte – razão e sensibilidade na produção do conhecimento". Promovido pelo Centro de Memória Unicamp (CMU) e o Centro de Memória da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp. Na oportunidade as idealizadoras deste projeto me falaram da próxima vinda à Campinas. O projeto com caráter itinerante circularia pelas unidades do Sesc no Estado de São Paulo. Ao entrar em contato com a unidade do Sesc em Campinas, o coordenador do núcleo de Terceira Idade, Sebastião Saga, convidou o grupo Viver em Ação para participar da abertura do evento em Campinas.

A abertura da exposição contaria com um bate-papo e intervenções composto de esclarecimento do projeto e do processo de criação da exposição Retrato Delas com Suas Fotos. As idosas que participaram deste projeto, Oficina Lambe-Lambe e de seu resultado, a exposição, Ana Paes, Laurieta Galvina

Gomes e Maria Lemes Martins estariam presentes para dialogar com o público e falar desta experiência.

O grupo foi convidado para participar de uma Vivência de Consciência corporal sob a coordenação das idealizadoras do projeto, que se daria no próximo dia, mas infelizmente as integrantes do Viver em Ação não puderam comparecer.



[Fig.73]- Foto de divulgação da exposição Lambe-lambe Contemporâneo – Retrato delas com suas fotos. Foto Tika Tiritilli

A Exposição Lambe-lambe Contemporâneo - Retrato delas com suas fotos.

A mostra consite numa montagem na qual 16 mulheres de 64 a 86 anos, foram fotografadas por Tika Tiritilli, e a projeção das imagens em seus corpos, foi embasada num trabalho corporal realizado pela atriz Mônica Sucupira. As participantes foram motivadas a percorrer suas memórias sobre a infância, revelando: sonhos, relações familiares e a cidade de São Paulo. Após de toda esta preparação elas foram convidadas a responder fotograficamente à pergunta *O que levaria da cidade de São Paulo, se tivessem que ir embora dela para sempre?* As fotografias feitas por elas mesmas são a resposta dada por cada

uma. Estas respostas foram depois projetadas em seus corpos nus ou semi-nus, surgindo o Retrato delas com suas fotos, tornando o corpo de cada participante, o veículo da sua memória.

A proposta contendo fotografia de mulheres idosas, memória e cidade eram elementos que ratificavam a nosso objetivo incluindo um elemento a mais a sensualidade, do corpo feminino.

Algumas se sentiram à vontade com a proposta apresentada, outras timidamente teceram comentários.

“Eu gostaria de ter participado do nu artístico”, relatou uma das participantes do Viver em Ação. Outra participante ficou murmurando: *“Eu não, eu não.”*



[Fig.74]- Foto Tika Tiritilli

A primeira saída do grupo com o intuito de ir à exposição do Sesc foi importante para ampliar o olhar, mas também para aliviar os corações enlutados. Focar, exercício constante do fotógrafo, era fundamental neste momento.

Como em uma teleobjetiva, outro ponto importante era fechar o ângulo, colher imagens dentro de si, deixar os revezes do cotidiano fora desse enquadramento. Dentro desta dinâmica, o trabalho de campo ia sendo retomado. Não poderia retirar-me simplesmente e voltar de quando em quando, para coletar as entrevistas, segundo a minha conveniência, após o choque vivenciado pelo grupo.

4.2- Literatura uma reflexão na castelo branco

Era necessário um momento de pausa, de conversa em grupo. Embasada nos dados das entrevistas anteriores, trouxe a proposta de criar um grupo de discussão. O intuito era coletar os dados para a pesquisa que vinha sendo desenvolvida, mas o objetivo maior era de congregá-las, possibilitar a conversa, o reencontro com elas e com a pesquisa. Antes deste reinício, busquei na poesia o respaldo que precisava neste momento de hiato dentro da pesquisa. Não era respeitoso seguir o cronograma duramente. As poesias trabalhadas com o grupo foram as seguintes: **“De Tudo Ficaram Três Coisas”** do poeta **Fernando Pessoa** e **“Retrato”** da poetisa **Cecília Meirelles**.



[Fig.75]- Fernando Pessoa

De Tudo Ficaram Três Coisas "

De Tudo, Ficaram Três Coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

PORTANTO DEVEMOS

fazer da interrupção um caminho novo...
Da queda um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura... um encontro"

(Fernando Pessoa)



[Fig.76]- Cecília Meirelles

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje
assim calmo, assim triste, assim magro
nem estes olhos tão vazios
nem o lábio amargo.
Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
-Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meirelles

A escolha dos poemas prendeu-se ao fato de levar ao grupo uma palavra de apoio e reflexão sobre a vida como um todo. Viver-envelhecer-morrer. Foi um momento único. Um bálsamo em dias tão conturbados. Era necessário olhar para frente, mas antes o grupo precisava se reencontrar com ele mesmo e com suas questões fundamentais.

Nesta tarde éramos em 15 pessoas na sala. Convidei duas participantes para ler em voz alta os poemas, deixando-as à vontade. A avó que havia recentemente perdido o neto adolescente interpretou o texto de Fernando Pessoa que fala de perdas imprevistas e da necessidade de recomeçar. A poesia de Cecília Meirelles foi interpretada por outra idosa que tem dificuldades de aceitar as perdas físicas e biológicas do envelhecimento.

Esta “parada” foi fundamental para a continuidade da pesquisa. Serviu de base para o momento seguinte da coleta de dados: As discussões de aprofundamento da relação imagem e envelhecimento.

4.3- Audiovisual idéias sobre o envelhecer

Ao perceber que durante as entrevistas realizadas as participantes da pesquisa não falavam sobre o envelhecimento da mesma forma que falavam quando conversam nos encontros do grupo, fiz a proposta a elas de inserção do audiovisual.

Na seleção do material a ser apresentado que fomentaria a discussão sobre o envelhecimento a realidade de perdas foi considerada. O audiovisual selecionado para o primeiro encontro foi vídeo elaborado pelo Sesc São Paulo chamado Umas Velhices.

Umas Velhices é uma produção que mostra o idoso e a velhice em diferentes culturas e épocas. Através de diversos pontos de vista, traz personagens reais, imaginários e literários discutindo o espaço e a sociedade à população que envelhece. O vídeo é composto por cinco curtas com duração de cinco minutos, neles são narrados vivências, sentimentos, pulsares e experiências de vidas: Rei Lear – ficção, Oscar Boz – documental, Revezamento 320 – Documental, Bobby, Simone, Walter e Lourdes – ficção, A Esperança é a Última que Morre – ficção.

A dinâmica da apresentação do vídeo foi definida com elas. Muitas colocaram que tinham dificuldade de ficar muito tempo parada. Ficou decidido ver uma parte do vídeo parar e retomar depois de um tempo possibilitando o descanso. Este material áudio visual foi escolhido por conter cinco curtas e assim poderíamos interromper a qualquer momento. No planejamento estava previsto a apresentação de todos os curtas, mas desenvolvi um planejamento paralelo, caso o grupo optasse por assistir um ou dois curtas somente.

Na primeira parte vimos três curtas. Ao iniciar a apresentação elas começaram a falar de quanto tempo não iam um filme. De quantos anos não iam ao cinema. Argumentaram que ver o filme no escurinho é mais emocionante do que assistir em casa.

Neste primeiro momento duas situações foram observadas : a primeira no tocante a sexualidade. Ao passar uma cena do filme *Chuvas de Verão* onde os personagens interpretados por Jofre Soares e Miriam Pires aparecem em uma cena de sexo, uma das participantes que é solteira coloca as mãos sobre o rosto para não ver a cena. Logo outra integrante do grupo coloca: *“Beijo faz parte da vida. Só envelhece a carcaça.”* É a primeira vez que a questão da sexualidade do idoso é citada durante todo o período do trabalho de campo. O grupo entendeu a dificuldade desta integrante e começaram de uma forma descontraída a brincar com o assunto, não permitindo que ela se sentisse deslocada dentro do grupo e inserindo-a novamente no debate.

Foi durante a apresentação do curta *Revezamento 320* , o momento mais suave, o momento que elas se expressaram mais. Expressões como: *Ah! Que gostoso. Nossa!* E você sabe nadar. Eu não nunca entrei numa piscina mas é gostoso. E também um momento de crítica. Nós que temos duas piscinas aqui bem pertinho e nem podemos usar. A outra indaga e você sabe nadar? Não sei, mas posso aprender.

A sessão pipoca como elas chamaram este encontro, fluiu muito bem. O assunto sexualidade foi retomado na fala aberta da integrante que ficou constrangida durante a apresentação.

“- Olha, Lucia, eu não gostei desta parte, pra mim foi difícil. A gente que tem uma vida diferente é difícil.”

Outra participante falou que se tivesse dinheiro faria como a Simone do curta Bobby, Simone, Walter e Lourdes. Pagaria para ter um encontro uma vez por mês.

A proposta inicial era o de fazer somente uma sessão, mas o grupo se sentiu à vontade em discutir o envelhecimento em conjunto e solicitaram mais encontros desta natureza.

A próxima apresentação foi um filme de animação em computação gráfica produzido pela Pixar Animation Studios chamado Carros. Tendo nos carros os personagens do filme, ele conta a história de um carro jovem e veloz, um vencedor que ao se perder, depara com uma cidade pequena e velha. Na ânsia de fugir desta realidade comete algumas infrações, as quais o fazem permanecer na cidade. Na obrigatoriedade de viver com estes velhos carros, com hábitos esquisitos o carro protagonista da história vai se reconstruindo neste espaço ao se relacionar com valores éticos e morais vivenciados por estes “carros esquisitos”.

A importância das relações intergeracionais, foi o primeiro ponto abordado por elas. Companheirismo e aprendizagem foram outros pontos que elas levantaram. Na discussão frisaram que elas também aprendem com os mais novos. Como falou dona Célia: *“Não é só os novos que aprendem com a gente, a gente também aprende com os novos.”* Dona Mafalda, havia dado de presente ao neto este filme, mas ela mesmo não tinha assistido.

Dona Carmem Fogaça lembrou a fala do personagem Dinoco: *“Há muito mais na corrida do que vencer.”* Trazendo a seguinte reflexão. *“A gente pensa só em conquistar e esquece que o companheirismo, a presença do amigo é*

importante na vida. A gente tem aqui esse companheirismo, me sinto bem em vir aqui, pois eu aprendo um pouquinho mais a cada dia. Aprendo com minhas amigas, e posso ajudar também.”

Nesta fala é possível perceber a preocupação em estar próximo de outras pessoas, poder ser útil. Somos seres grupais e nossas descobertas se concretizam na troca, na comunicação, no encontro.

4.4- Scrapbook memórias trabalhadas

A experiência com a confecção dos painéis para a exposição foi importante para o grupo. Fuxicos, cores, recortes e colagens, trabalhar a criatividade. Pensando nisso propus a técnica de scrapbooking, técnica norte americana agora focada nas imagens e propiciar uma fonte de renda também.

Começamos a pensar árvore genealógica

Vi no scrapbook uma forma de falar de memória e trabalhar a memória de uma forma lúdica e produtiva. Elas são dinâmicas, pensei. Falar de memória de uma forma técnica e sisuda provavelmente não atrairia a atenção do grupo. Precisava ser algo envolvente e instigante, que possibilitasse ter uma percepção mais aprofundada das integrantes mais distantes e caladas.

A primeira rodada do trabalho começou com a leitura do livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes, feita por Maria Reis Garbini.

Ler já consistia num exercício diferente e por si só já chamou a atenção do grupo. A simples pergunta: O que é memória trouxe para elas as lembranças gustativas²⁴. Dos alimentos que não podiam comer mais, de outros que sentiam dificuldades em mastigar. Memórias da infância, dos doces feitos em casa. Relataram também as dificuldades que encontram para ter acesso a esta prestação de serviço. Dona Carmem Fogaça chegou a comentar que a nossa boca é o nosso cartão de visita.

²⁴ Essa discussão despertou no Grupo Viver em Ação o desejo de aprender mais sobre o assunto saúde bucal. Entrei em contato com os profissionais Gustavo Graccioli Teixeira e Rosiene Fagundes que irão ao Progen falar sobre Saúde Bucal e Envelhecimento em 04/02/2009.



[Fig.77]- Maria Reis Garbini ao fazer a leitura do livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Ao seu lado esquerdo Ana Clemente e ao lado direito Neusa Alves Aurora.

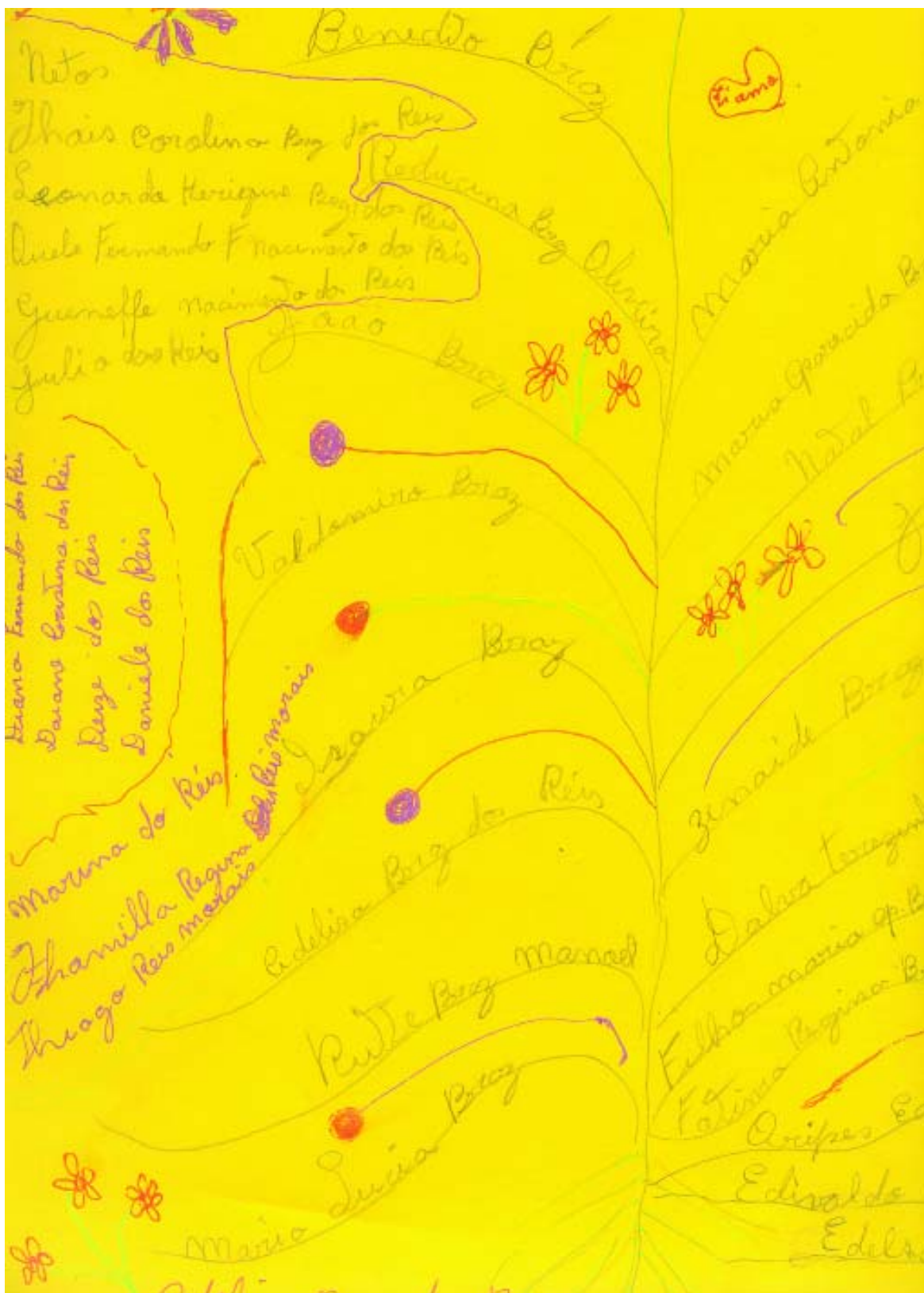
Ao falar de memórias gustativas, família, antepassados, fotografias propus para elas pensar a sua origem, sua árvore genealógica e de que forma elas gostariam de fazer esta representação. As atividades propostas tinham por base estabelecer a riqueza histórica individual que cada um de nós trazemos e mostrar qual a importância desta informação arquivadas conosco e, valendo desse acervo integrar a pessoa que envelhece na sociedade, independente do seu poder aquisitivo e classe social. Conforme a Resolução 46/91 da ONU. “As pessoas idosas deverão permanecer integradas na sociedade e compartilhar seus conhecimentos e habilidades com as gerações mais jovens.”

Neste sentido, foi centrado o objetivo desta fase do trabalho de campo da pesquisa, possibilitar para elas o conhecimento da importância que exercem na sociedade e também levá-las a espaços que tem a função de guardar memória da cidade, alargando as possibilidades culturais.

Ao tocar neste assunto, dona Carmem Fogaça lembrou de uma fotografia antiga que pertence a sua família e, imageticamente relata sua descendência. Foto a seguir. Na seqüência os trabalhos criativos e coloridos do grupo.



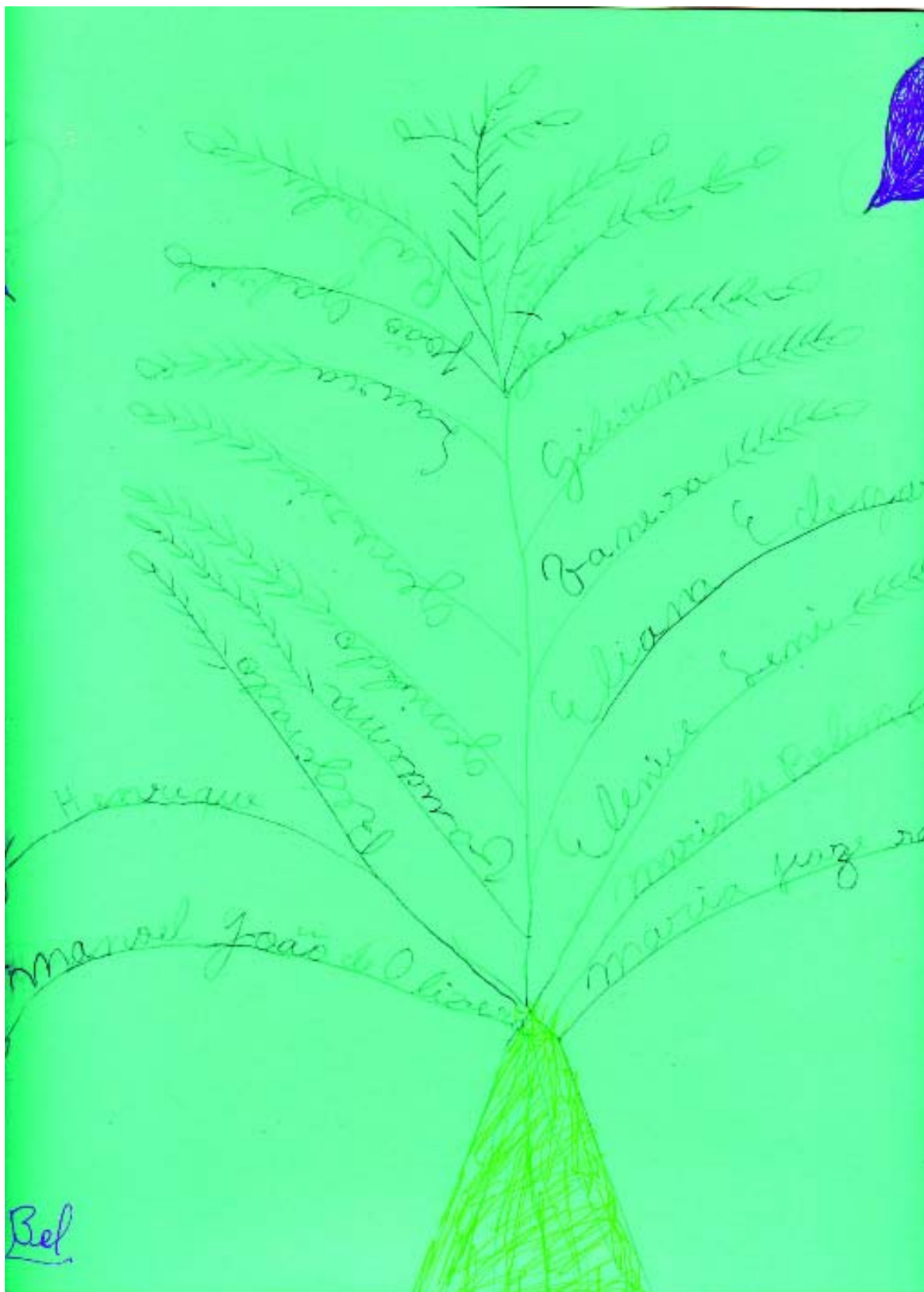
[Fig.78]- Árvore Genealógica da família de Carmem Bueno Oliveira Fogaça



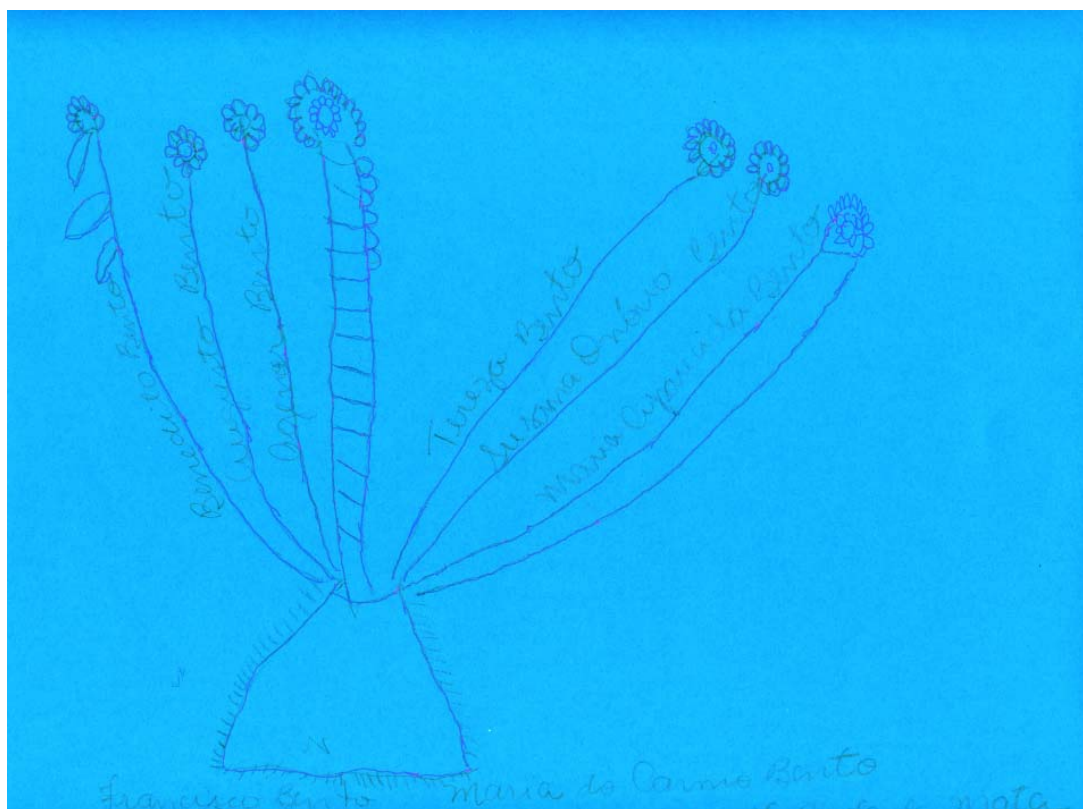
[Fig.79]- Árvore Genealógica Adeliza Braz dos Reis



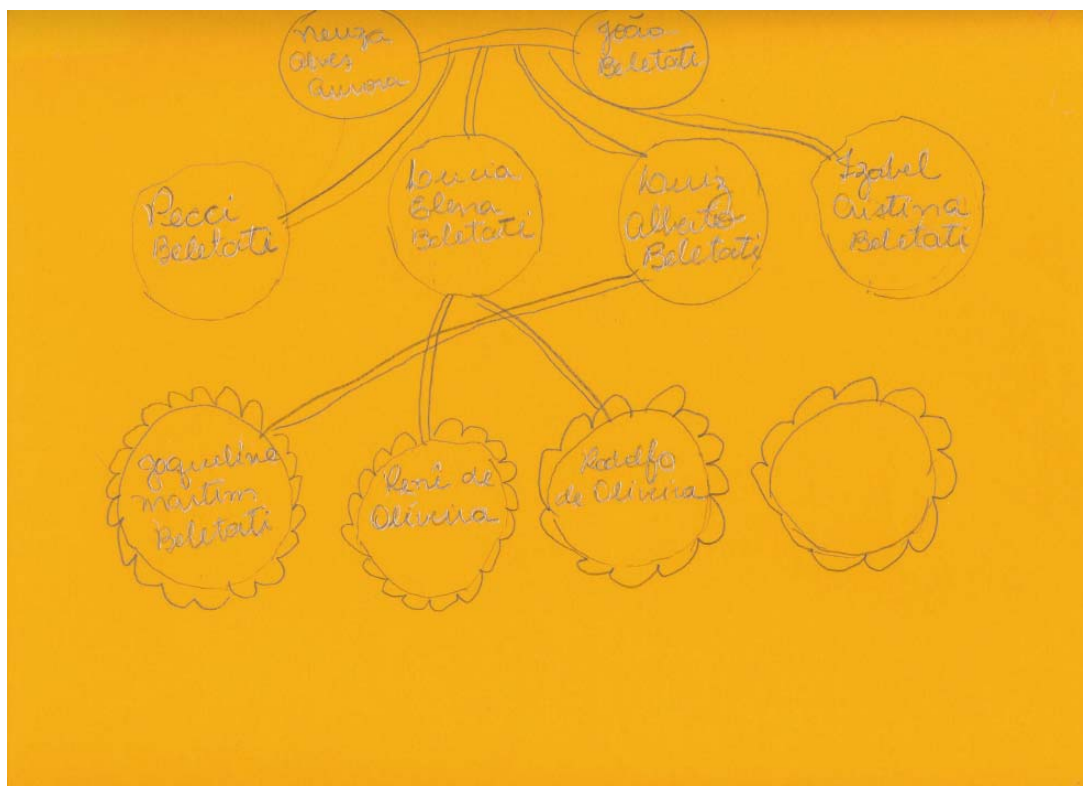
[Fig.81]- Árvore Genealógica Maria Reis Garbini



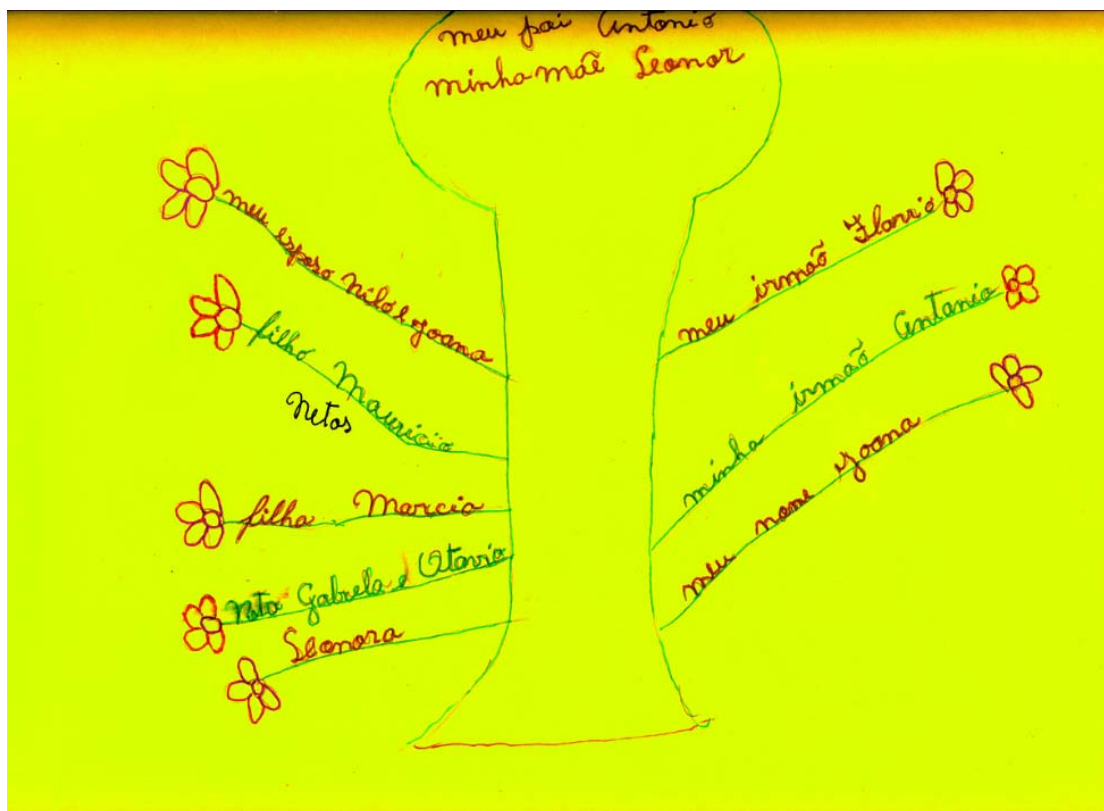




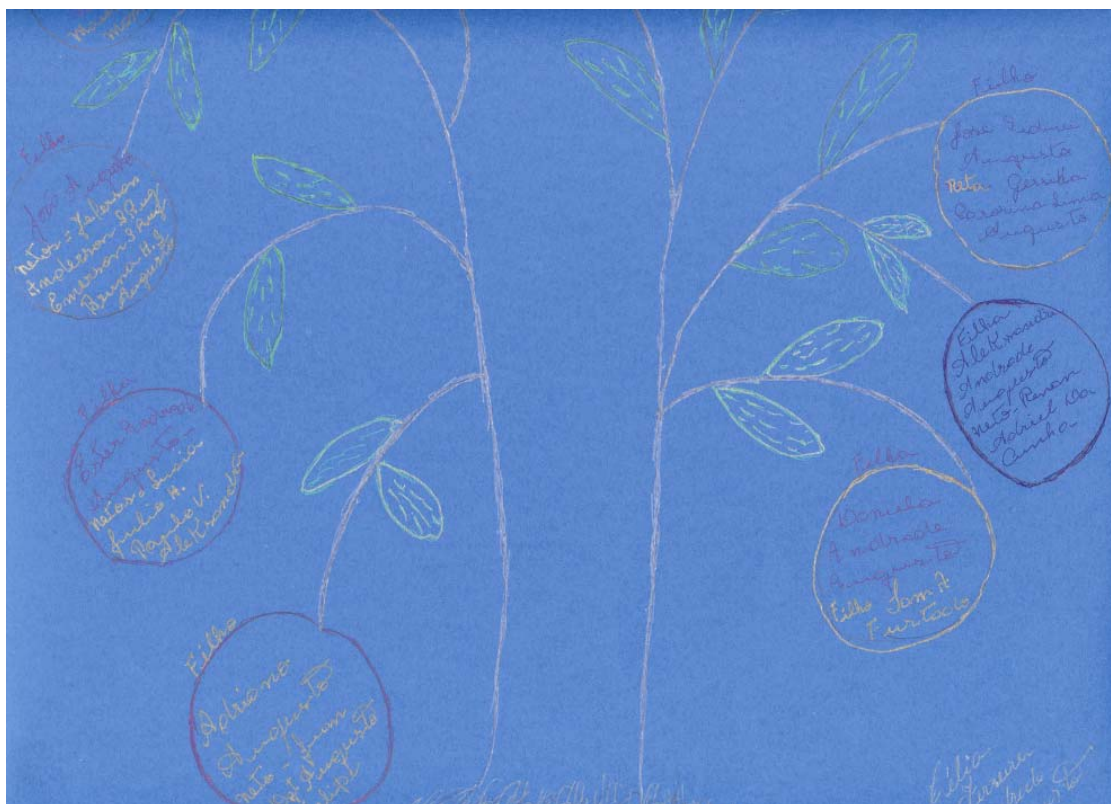
[Fig.85]- Árvore Genealógica Maria Aparecida Bento



[Fig.86]- Árvore Genealógica Neusa Alves Aurora



[Fig.87]- Árvore Genealógica Joana Jeanete Bento Correia





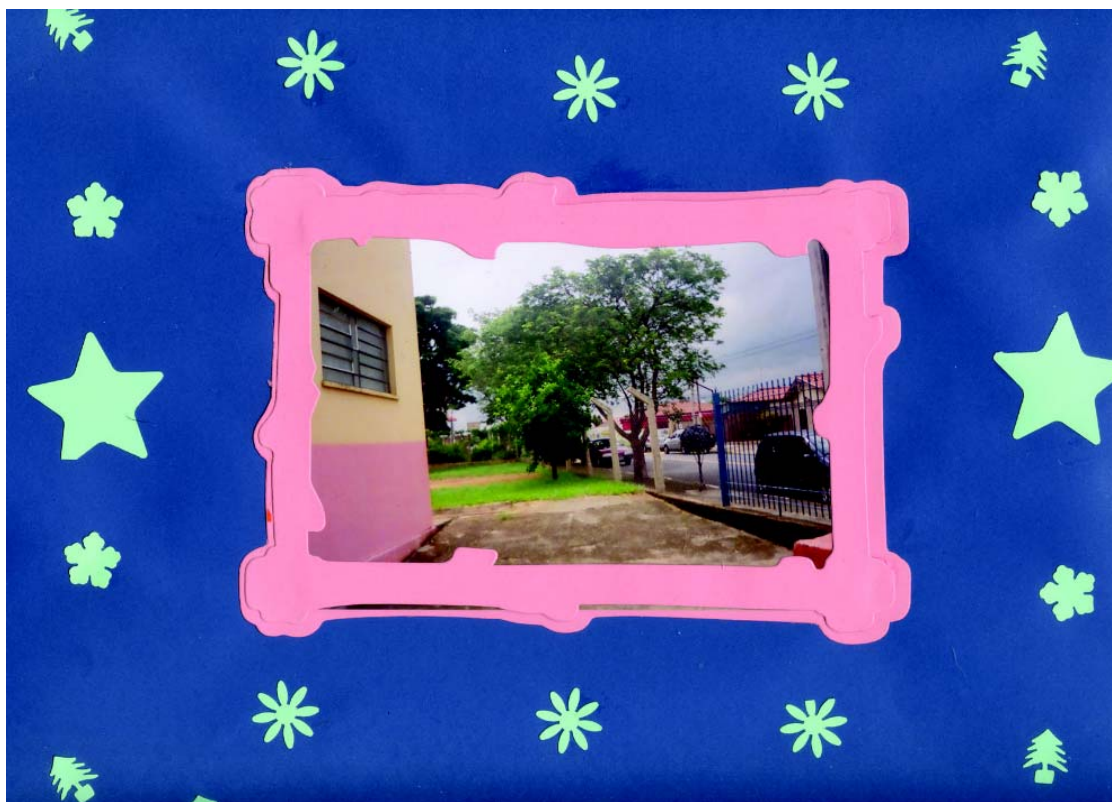
[Fig.89]- Página de Scrapbook Adelisa Braz dos Reis



[Fig.90]- Página de Scrapbook Aparecida Fidélis



[Fig.91]- Página de Scrapbook Maria do Carmo Martins



[Fig.92]- Página de Scrapbook Joana Jeanete Bento Correia



[Fig.93]- Página de Scrapbook Hilda de Almeida



[Fig.94]- Página de Scrapbook Generosa Oliveira Brito



[Fig.95]- Página de Scrapbook de uma das integrantes do grupo



[Fig.96]- Página de Scrapbook Maria da Conceição Bueno



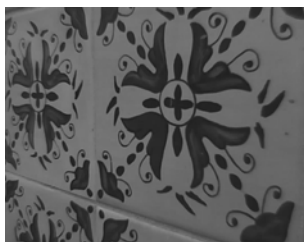
[Fig.97]- Página de Scrapbook Vera Lucia Ferreira Luiz



[Fig.98]- Página de Scrapbook Aparecida Afonso

4.5- Outros Espaços de Memória em Campinas

4.5.1- Museu da Imagem e do Som-MIS



[Fig.99]- Azulejo que compõe a fachada do MIS.

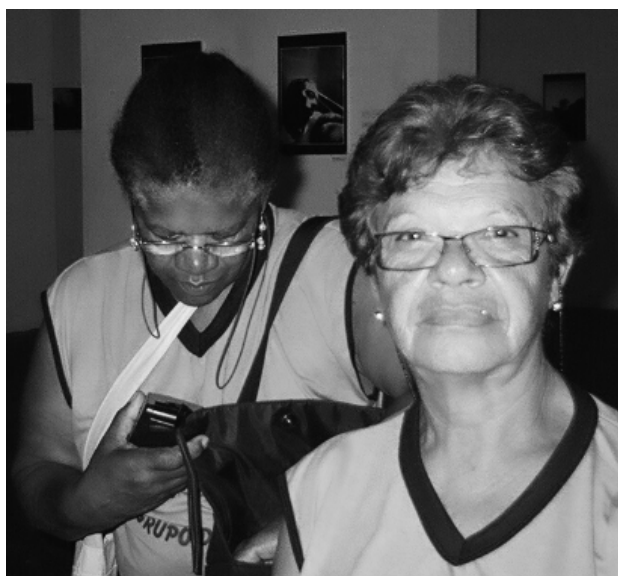
“Nossa passei ontem por aqui. Aqui do lado e não sabia que tinha tudo isso aqui.” Exclamou Adeliza. Assim foi a nossa chegada ao Museu da Imagem do Som de Campinas. Um espaço cultural desconhecido para esta população. Este local era para elas o antigo prédio da SANASA, onde muitas vezes vieram pagar a conta de água, como algumas relataram. Ou, simplesmente o prédio da Prefeitura, cuja a sede administrativa esteve lá instalada há alguns anos. Palácio dos Azulejos! Não, não conheciam por este nome.

Sobrado geminado, localizado na região central de Campinas, o Palácio dos Azulejos²⁵, como ficou conhecido em meados da década de 1930, por ter a parte superior de sua fachada revestida de azulejos do Porto. Construído para abrigar a família do Barão de Itatiba, Joaquim Ferreira Penteado. Em 1908, o prédio foi vendido para a Prefeitura Municipal de Campinas, passando a ser o Paço Municipal. Posteriormente, abrigou a SANASA. Hoje é sede do Museu da Imagem e do Som.

²⁵ Palácio dos Azulejos : de residência a Paço Municipal (1878-1968). Maria Joana Tonon. <http://biblioteca.universia.net>



[Fig.100]- Maquete do Palácio dos Azulejos



[Fig.101]- Em primeiro plano Maria Reis e logo atrás dona Célia.



[Fig.102]- Em pé, da esquerda para direita: Célia Ferreira Augusto, Maria Reis e Joana Bento Correia. Sentadas: Aparecida Fidélis e Maria Aparecida Bento. Ao lado do antigo aparelho de televisão.



[Fig.103]- Fizeram questão de fotografar o Joaquim, funcionário do Museu da Imagem e do Som-MIS ao lado de Generosa Brito, Hilda de Almeida e Adeliza Braz



[Fig.104]- Vera Lucia Ferreira Luiz e Maria Aparecida Bento, na sala que expõe os antigos equipamentos fotográficos.

4.5.2- Mercado Central de Campinas-Mercadão



[Fig.105]- Mercado Municipal de Campinas. Foto Lucia Secoti

Construído em estilo mourisco, projeto este de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, o Mercado Municipal de Campinas foi inaugurado em 12 de abril de 1908. Ao falar de espaços de memória em Campinas, o primeiro que veio a mente do Grupo Viver em Ação foi este espaço público. E como antigamente fomos lá para fotografar, ou melhor para sermos fotografados. Foi neste local que o grupo fotografou mais umas as outras e foi também o local que mais posaram para fotografias. O Mercadão, como é conhecido pela população, mantém sua característica secular de ser um ponto de congregação social. Elas se sentiram à vontade. Riram, encontraram parentes e amigos, fizeram compras de frutas, comeram milho verde, compraram feijão, falaram com o peixeiro, tomaram suco, fizeram campanha, enfim usufruíram da sua cidade. Nesse espaço de compras das classes populares houve grande facilidade de relacionamento, o que não aconteceu em espaços mais intelectualizados

A fotografia com sua capacidade reveladora propicia a essas mulheres idosas uma liberdade de expressão na fala, no comportamento, na postura diante da cidade, vista neste momento de forma intensa. Nos valem das imagens fotográficas como detonadores do processo de rememorar, como aborda SIMSON (1998, p.22), neste contexto, o ato de fotografar e ser fotografado, traz este componente detonador presente na fotografia.



[Fig.106]- Na sala da administração do Mercado. Joana Bento Correia e Maria Reis, fotografando.



[Fig.107]- Joana Bento Correia no detalhe fotografando. Uma conquista muito importante, pois no início, ela tinha muita resistência ao ato fotográfico.



[Fig.108]- Adeliza Braz posando diante da foto do Mercado.



[Fig.109]- Da esquerda para direita: Adeliza Braz, Celso Queiroz Telles Pacini (administrador do Mercado Municipal de Campinas) e Aparecida Fidélis.



[Fig. 110]- Maria Reis, Hilda de Almeida, Generosa Brito e Vera Ferreira Luiz, posando ao lado do funcionário do Mercado Municipal de Campinas que trajava a camiseta em comemoração aos 100 anos do Mercado.



[Fig.111]- Adeliza Braz, Neusa Alves Aurora e Hilda de Almeida – Mercado Municipal de Campinas. Dona Neusa ao centro estava muito feliz, muito sorridente. Diferente de outros momentos.



[Fig.112]- Fartura no Mercadão



[Fig.113]- Fartura no Mercadão



[Fig.114]- Fartura no Mercadão



[Fig.115]- Fartura no Mercadão



[Fig.116]- Célia Ferreira Augusto e Vera Ferreira Luiz., posando para a foto ao lado da fartura e diversidade encontrada no Mercadão.



[Fig.117]- Banca de temperos e condimentos localizada no Mercado Municipal de Campinas-Mercadão.

4.6- Avaliação e Reivindicações

Após a revelação das fotos colhidas nos passeios ao Museu da Imagem e do som e Mercado Municipal de Campinas – Mercadão, realizado em 06 de agosto de 2008, foi feita uma proposta de avaliação dos ganhos e surpresas que essas experiências haviam trazido para elas, a primeira feita com o grupo, sob esta denominação. Participaram desta saída as senhoras: Maria Aparecida Bento, Aparecida Fidélis, Célia Ferreira Andrade Augusto, Maria Reis Garbini, Generosa de Oliveira Brito, Hilda de Almeida, Adeliza Braz dos Reis, Vera Lucia Ferreira Luiz, Neusa Alves Aurora, Maria do Carmo Martins e Joana Jeanete Bento Correia e da avaliação somente sete participantes -Maria Aparecida Bento, Célia Ferreira Andrade Augusto, Maria Reis Garbini, Generosa de Oliveira Brito, Adeliza Braz dos Reis, Vera Lucia Ferreira Luiz, Joana Jeanete Bento Correia.

Vista do ponto de vista de grupo, discorro sobre o levantamento realizado, embasado nas seguintes perguntas:

1. Você conhecia o prédio por dentro e por fora?
2. Sabia que lá funcionava o MIS?
3. O que achou de interessante?
4. O que pra você. Ir ao MIS e Mercado?
5. Você já tinha visitado outro Museu?
6. O que você mais gostou?

▪ *Reações de Surpresa.*

Algumas respondentes demonstraram surpresa quanto aos objetos expostos no Museu “*Muito bonito, pensava que nunca mais ia ver coisas antigas*” (Maria Aparecida Bento), “*O passeio foi uma coisa muito gostosa porque conheci o museu que não conhecia, as coisas bem antigas que nunca imaginei que ia conhecer*” (Célia Augusto), “*O passeio foi uma coisa muito gostosa porque conheci o museu que não conhecia, as coisas bem antigas que nunca imaginei que ia conhecer*” (Maria Reis).

Outra reação de surpresa expressa nas respostas foi quanto ao tratamento recebido por elas no museu. Esta aparece nos comentários sobre a cortesia do guia do museu “*Também o senhor. que nos guiou e explicava tudo sobre o museu*” (Maria Reis), “*Eu gostei do apresentador do Museu e da música do fone de ouvido*” (Generosa), “*Gostei da recepção do Museu e os aparelhos antigos.*” (Vera), “*A recepção e a atenção do Joaquim eu gostei muito. Ver a foto da minha amiga Marquesa de Dona Nina, ela foi a fundadora da Associação das Empregadas domésticas, foi muito bom*” (Adeliza)

- *Reafirmação de idéias.*

Uma das participantes reiterou a idéia de distanciamento que as classes populares vivem em relação aos espaços culturais, como expresso a seguir: *“Ir ao Museu foi bom porque eu não pensava nunca em conhecer Campinas e jamais conhecer o Museu. Graças a Deus conheci e vi coisas bonitas, coisas diferentes. Pessoas para explicar o que são aquelas peças antigas.”* (Vera)

- *Fruição da fartura exposta no mercadão.*

O arrebatamento pela fartura presente no Mercadão foi mencionado por algumas idosas *“Pra mim foi muito bom ir ao mercado com minhas amigas, a gente conversou bastante vi muitas coisas interessantes. Comprei frutas, coisa que eu não fazia há muito tempo.”* (Generosa), *“A gente pode comprar peixe, pastel, queijo.”* (Jane).

- *Relacionamento no espaço.*

As opiniões sobre o espaço visitado e as relações com as pessoas no local foram outros dados levantados expressos nas afirmações a seguir: *“Amei, rever o Mercadão, irmos todas juntas com as camisetas do Progen, tudo igualzinho!”* (Maria Aparecida Bento). *“Encontrei pessoas amigas e fizemos compras, além de pousar para fotos de comemoração dos 100 anos do Mercado”* (Célia Augusto). *“Pra mim, foi muito bom ir ao mercado com minhas amigas, a gente conversou bastante vi muitas coisas interessantes.”* (Generosa). *“Para mim foi importante ir no Museu depois de 68 anos e ver a primeira televisão, o rádio, discos, máquinas de fotografia, gavetas para fotos, máquinas de escrever e com a ida ao Mercado, pude conhecer a Claudinha da Pamonha, encontrar o meu filho Edivaldo e minha prima Madalena.”* (Adeliza)

Terminada a avaliação o grupo começou a falar, fazendo reivindicações, que eu não havia anteriormente presenciado.

- Queriam ver as fotos feitas pela instituição em eventos anteriores dos quais elas haviam participado. Demonstraram a consciência da imagem fotográfica como registro de memória, bem como do seu direito de ter acesso as produções concebidas a partir das imagens. *“No começo, o pessoal do jornal do bairro daqui sempre vinha conversar com a gente. Agora nem aparecem mais.”*

- Reclamaram da ausência de notícias relacionadas ao seu cotidiano no Jornal Conexão Jovem do Progen. Querem participar não só como entrevistadas, mas também na redação de textos para o mesmo. Se sentem parte integrante da instituição e desejam deixar registrada sua produção neste órgão de comunicação.

- *“A gente precisa colocar uma plaquinha na porta da sala dizendo o dia e horário que estamos aqui. Essa criançada precisa respeitar o nosso horário.”*

Assim fizeram a próxima reivindicação pedindo para ser afixada na porta da sala designada para os encontros do Grupo Viver em Ação, uma identificação, constando nome do grupo, dia e horário em que elas utilizam o espaço. Acreditam que esta postura haverá a reafirmação do uso do espaço do Progen que lhes é de direito. Externam o desejo de privacidade e respeito a elas e a este espaço.

- Solicitaram o acesso à máquina fotográfica nas saídas do grupo. Assim elas mesmas poderão registrar seus passeios, agora que dominam as técnicas do registro fotográfico. *“Sabe, fomos à PUC, foi uma festa linda e não temos nenhuma foto desse evento”.*

- Pediram para que a pesquisadora fosse porta-voz do grupo junto a coordenadora do Progen.

Ressalto, aqui, que na verdade fiz a intermediação entre a direção do Progen e o grupo. A coordenadora da instituição foi chamada por mim e na sua chegada o próprio grupo colocou as reivindicações citadas acima, apresentando as propostas de auto-gestão recentemente elaboradas.

▪ Com a saída da profissional que acompanhava o grupo toda a quarta-feira, elas pediram o retorno da pedagoga que em anos anteriores havia estado com elas. Esta exigência é feita visando o crescimento do grupo. Presenciei em alguns momentos, durante o curto período de retorno da profissional, isto é de 24 de setembro de 2008 até dezembro do mesmo ano, a retomada do assunto por elas indicando um desejo de educação continuada para o grupo. Expresso dessa forma: *“A gente não produzia nada. Era tudo parado”*

Ou durante a oração final que o grupo realiza, o reconhecimento e o regozijo pela volta da pedagoga. *“ Quero agradecer a Deus e a Maria a volta da Regiane. Agora sim estamos aprendendo a fazer as coisas. Obrigada Regiane, você sempre traz coisas bonitas para gente fazer.”*



[Fig.118]- Sentadas da esquerda para direita Ana Clemente e Maria da Conceição Altino. Ao centro: Regiane Carminitti, pedagoga, coordenadora do Grupo Viver em Ação

4.5.2- Outros Espaços de Memória em Campinas Centro de Memória da Unicamp – CMU



[Fig.119]- O grupo Viver em Ação na entrada do Ciclo Básico I - CMU/Unicamp.

Em pé da esquerda para direita: Marice Vieira Lima Mancuso, Ana Clemente, Maria Reis,

Célia Ferreira Augusto –segurando o reservatório, Adeliza Braz, Vera Lucia Ferreira Luiz,

Joana Bento Correia, Neusa Alves Aurora, Generosa Oliveira Brito e Maria Aparecida Bento. Agachada: Maria do Carmo Martins.



[Fig.120]- Adeliza Braz no setor de Iconografia do Centro de Memória da Unicamp-CMU

Promover e integrar estudos e pesquisas interdisciplinares voltados à reconstrução da memória histórica e sócio-cultural de Campinas e região é o objetivo do Centro de Memória (CMU), órgão vinculado à Reitoria da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Conta com acervos documentais e bibliográficos, atuando na restauração, organização, conservação e divulgação dos mesmos. Através de pesquisas próprias e/ou em convênios com outras instituições (Prefeituras, escolas, organizações não-governamentais etc.) o CMU vem desenvolvendo seu trabalho. Presta assessoria a projetos ligados à memória histórica e ao patrimônio sócio-cultural, organiza e promove eventos de ordem acadêmica (seminários, conferências, exposições) cursos, treinamentos e/ou estágios voltados à preservação da memória nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Restauração de Documentos, História Oral e Iconografia.²⁶

²⁶ Centro de Memória (CMU) foi criado em 1985, através da Portaria GR-162/85, de 01-07-85, diretamente subordinado à Reitoria. Em 1990 incorpora o Núcleo de Estudos Regionais(NER). Em 1992, a Deliberação CONSU-A-06/92, 28-05-92, baixa o Regimento Interno do Centro de Memória da UNICAMP. <http://www.centrodememoria.unicamp.br>

No setor de iconografia do Centro de Memória da Unicamp, a pesquisadora Marli Marcondes fez a apresentação do referido espaço ao grupo Viver em Ação



[Fig.121]- Maria Aparecida Bento no setor de Iconografia do Centro de Memória da Unicamp-CMU



[Fig.121]- Maria do Carmo Martina, Maria Reis, Célia Ferreira Augusto e Marice Vieira Lima Mancuso no setor de Iconografia do Centro de Memória da Unicamp-CMU durante palestra de Marli Marcondes.



[Fig.122]- Um material fotográfico antigo, do início da fotografia



[Fig.123]- Dona Célia e sua imagens digitais.



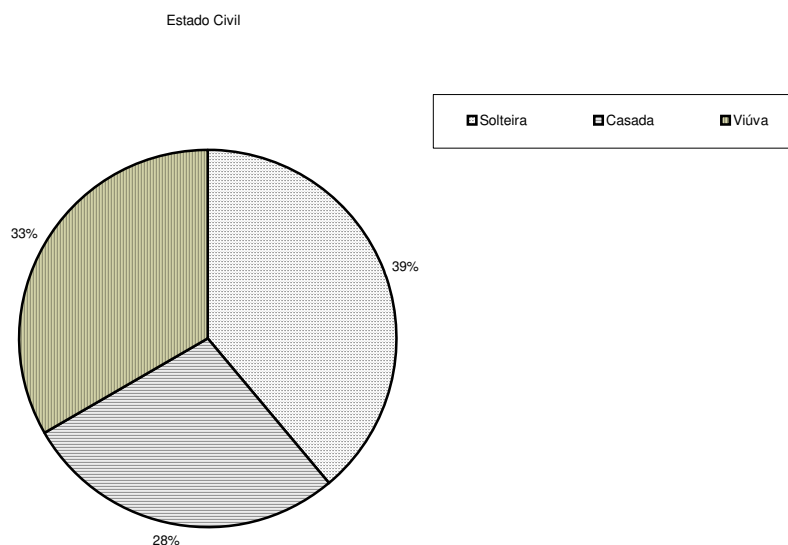
[Fig.124]- Carlos Roberto Pereira de Souza, funcionário do Laboratório de História Oral - Laho/CMU apresenta ao grupo o seu dia-a-dia. Ele foi nascido e criado na região da Vila Castelo Branco. Muitas destas idosas o conhecem desde a infância.



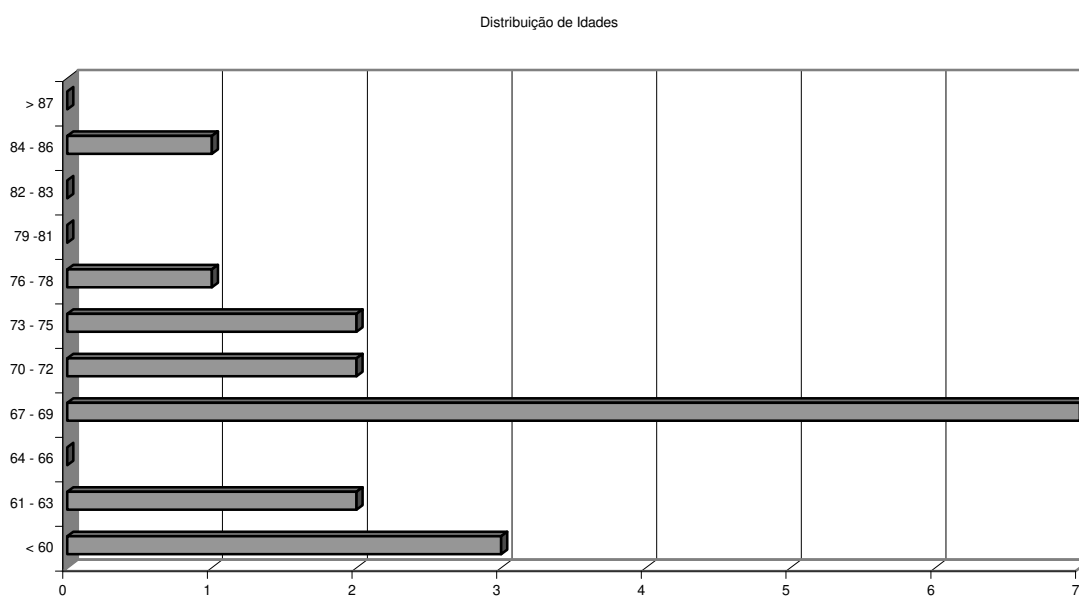
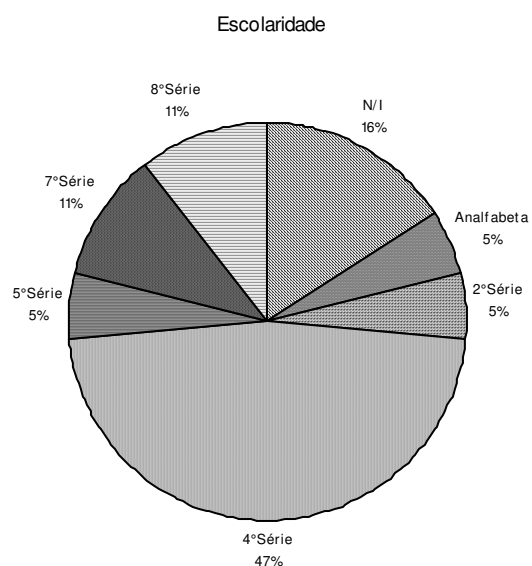
[Fig.125]- Foto do Ciclo Básico I, Unicamp. Feita por Maria do Carmo Martins.
Ficou radiante ao ver a imagem.

CAPÍTULO 5- APRESENTAÇÃO DOS DADOS

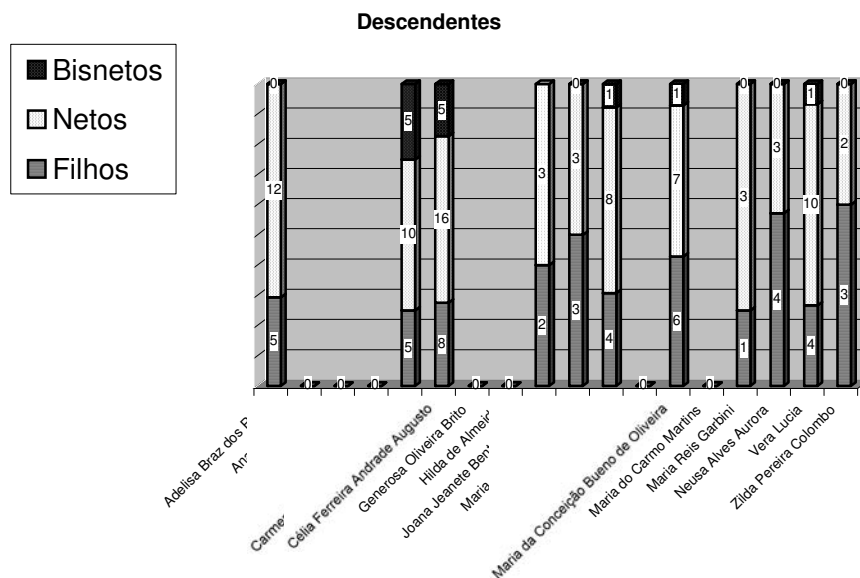
5.1- Perfil sociocultural das informantes



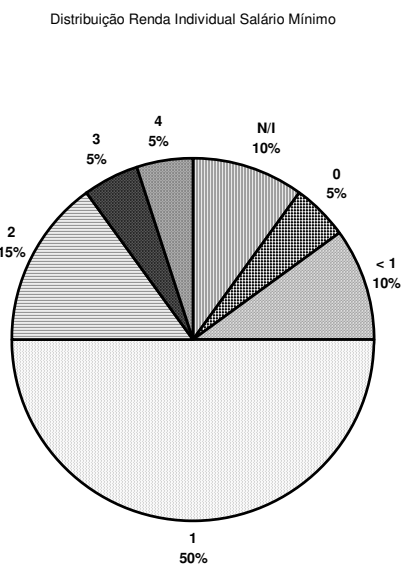
O maior percentual de idosas na Vila Castelo Branco é de pessoas solteiras e quase a metade cursou até a 4^a série.



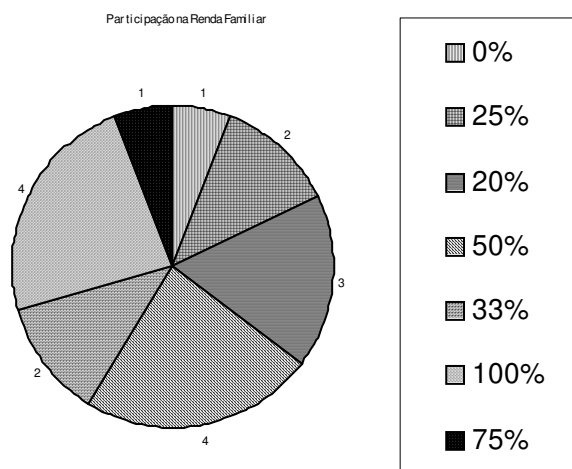
A idade que prevalece dentro do grupo é a faixa etária de 67 a 69 anos. Três participantes, mesmo não tendo completado 60 anos, participam regularmente das atividades do grupo.



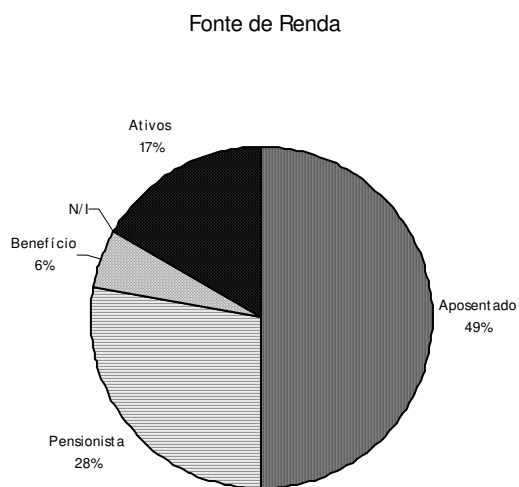
No gráfico acima, um dado chama a atenção. Entre as participantes da pesquisa, sete declararam não ter descendentes, delineando a possibilidade de vir a ter um envelhecimento solitário.



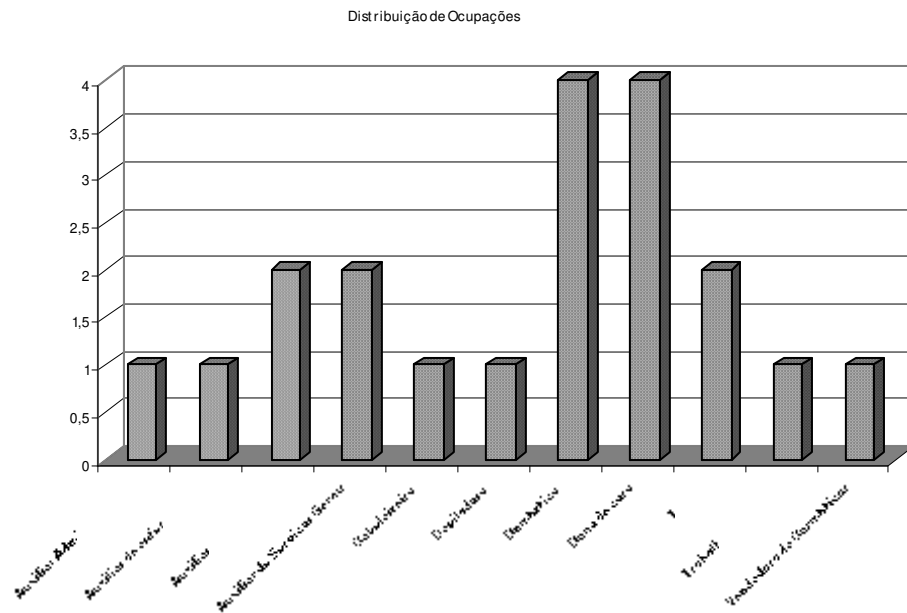
O gráfico acima traz a realidade histórica desta região. A metade do grupo tem renda mínima.



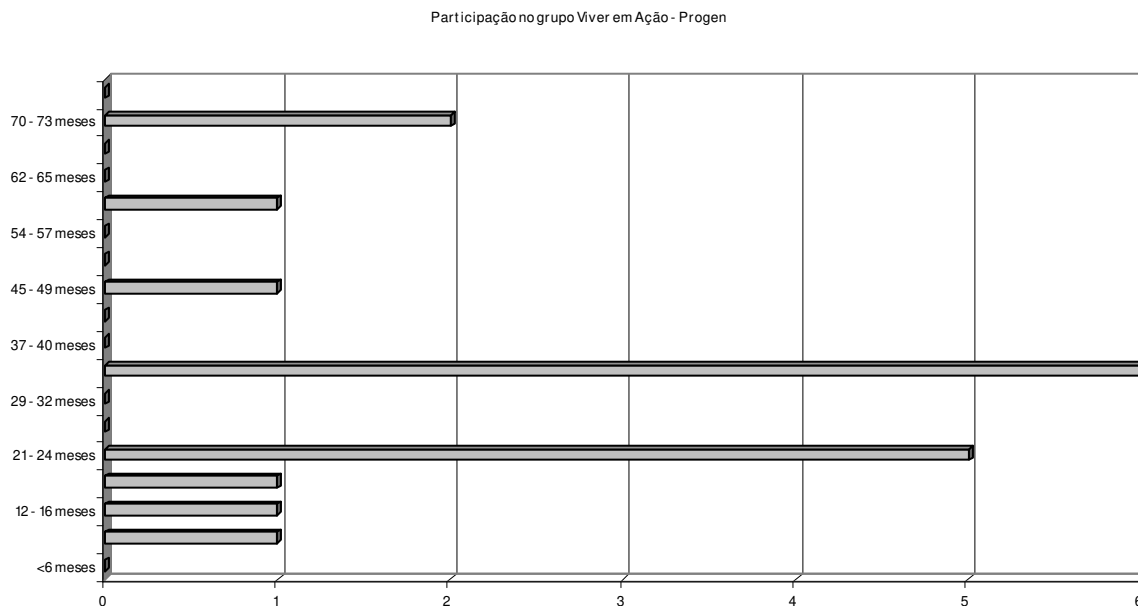
Desse grupo, 4 idosas têm o seu rendimento voltado totalmente para a manutenção da família. Seguida por outras quatro idosas que contribuem com a metade de sua renda para este fim.



Quase 50% da fonte de renda das participantes da pesquisa é proveniente da aposentadoria

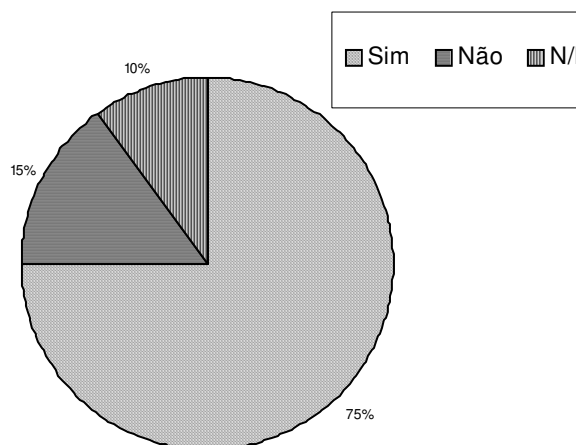


Dona-de-casa e doméstica foram as ocupações mais citadas na pesquisa.



Grande parte das integrantes do Grupo Viver em Ação freqüentam as atividades propostas há mais de 24 meses.

Participação em outros grupos de Terceira Idade



Grande parte das integrantes do Grupo Viver em Ação freqüentam outros grupos de Terceira Idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À margem da cidade, assim se dá a primeira conquista dessas mulheres: a casa própria. Região estigmatizada desde seu início, tem na figura destas mulheres, negras ou afrodescendentes em sua grande maioria, a primeira geração a envelhecer nos domínios da Vila Castelo Branco. A característica peculiar do grupo estudado é o convívio constante, através de décadas. Mesmo este envelhecimento se dando dentro de uma metrópole, elas usufruem de um envelhecimento diferenciado graças à intensidade de suas relações sociais.

São chefes de família, cuja pobreza e a baixa escolaridade, além do baixo nível ocupacional não lhe permitiram ter acesso anterior aos equipamentos fotográficos e ao conhecimento para operá-los. Mas, ao perceberem na minha proposta de oficina uma chance para aprender a fotografar a elas mesmas, ao seu entorno e ao bairro envolveram-se com alegria e entusiasmo na proposta.

Tendo dominado os primeiros passos da técnica, ao sairmos para conhecer o trabalho de outras fotógrafas entusiasmaram-se e solicitaram explorar em conjunto novos espaços ainda desconhecidos da zona mais central da cidade, como se a presença das colegas e vizinhas lhes proporcionasse maior ousadia e decisão. Conhecendo a importância do registro imagético para a construção da memória individual e social, elas resolveram deixar suas marcas na memória do Progen pela organização da exposição que reuniu seus próprios registros imagéticos enfatizando a necessidade de compartilhá-los com os jovens atendidos pela instituição.

Além dos dados mensuráveis, encontrei no grupo de idosas do Progen uma resiliência²⁷ comunitária frente às adversidades enfrentadas.

²⁷ Em Física, a resiliência (de resilio: voltar ao estado original, recuperar a forma original) se refere à capacidade dos materiais de voltar à sua forma, quando são forçados a se deformar. O estudo da energia investida na deformação sem ruptura aprofundou-se em relação aos metais e às consequências dos choques entre objetos. As ciências sociais consideram essa metáfora frutífera para descrever fenômenos observados em pessoas que, apesar de viverem em condições de adversidade, são capazes de desenvolver condutas que lhes permitem uma boa qualidade de vida. (Ravazzola, 2005).

Resiliência: “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade”. Luthar e outros (2000) apud Infante, 2005.

Durante o trabalho outra característica marcante apresentada pelo grupo foi sempre o de aprender com facilidade dada a sua abertura para o novo. Buscam nos espaços abertos à Terceira Idade não somente o lazer e o convívio social, mas a oportunidade de obter o conhecimento que não lhes foi possível obter em outras etapas da vida.

As mulheres brasileiras, especialmente nas últimas décadas, das mais diversas formas, têm afirmado a sua cidadania, constituindo-se como sujeitos sociais através dos seus movimentos e ações, ligadas ou não a instituições políticas. Esta situação não é exclusivamente brasileira. Pelo contrário, a presença feminina nos processos de mudança sóciopolítica em países como Argentina, Uruguai, Chile, Peru, Bolívia, Nicarágua e outros mais, tem-se evidenciado de forma significativa, merecendo estudos e reflexões mais detidas. Ser mulher na América Latina hoje envolve a luta pelo reconhecimento da sua posição como sujeito social presente no contexto latino-americano, exigindo dos analistas da sociedade uma atenção especial que destaque a diferenciação por gênero. (BRITO,2001)

“O caso da mulher é mais complexo.” Como diz Paul Bastide e continua: “Ela se situa, mais concretamente que o homem, no cruzamento do tempo biológico e do tempo social. Ela se defronta com dois tempos acabados: o da reprodução biológica e o da produção social. Suas funções, na sociedade e na família, são complexas e heterogêneas. Ela é particularmente sensível às conseqüências físicas do tempo.”

Assim, pelo domínio de um outro saber, o de registrar a realidade via imagem, estas mulheres se fizeram mais cidadãs e buscaram compreender sua cidade, sua vila - a Vila Bela²⁸ e a si mesmas para melhor transformá-lo em região na qual os vários grupos etários possam conviver em harmonia e lutar por um futuro mais justo e solidário.

²⁸ Denominação dada antes de ser conhecido como Conjunto Habitacional Vila Castelo Branco.

Ao caminhar com este grupo de mulheres que envelhecem na Vila Castelo Branco, pelas ruas do bairro, por espaços de memória na cidade, percebe-se o desejo de continuarem contribuindo com a sociedade e, como na feitura do retrato, oferecem o seu melhor ângulo. Apossando-me mais uma vez do pensamento de Cartier-Bresson quando ela afirma: “Uma das coisas mais fascinantes nos retratos é a maneira como nos permitem traçar a semelhança entre os homens.”. Semelhante ao retrato, pesquisar é fascinante pois permite através do conhecimento das diferenças traçar a semelhança entre os homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDALOUSSI, Khalid El. Pesquisas-Ações. Ciência, Desenvolvimento, Democracia. São Carlos, EdUFSCar, 2004.

ARCARI, Antonio. A fotografia: as formas, os objetos, o homem. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

ARCHUTTI, Luis Eduardo Robinson. Ensaios (sobre o) fotográfico – Unidade Editorial da Prefeitura de Porto Alegre, Porto Alegre, 1998.

AUMONT, Jacques. A Imagem, Campinas: Papirus, 1993.

BACHELARD, Gaston. 1884-1962. A poética do espaço. Trad. Antônio de Pádua Danesi – 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2008. Coleção Tópicos.

BARROS, *Myriam Moraes Lins de*. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. Sociologia, Problemas e Práticas, n.º 52, 2006, pp. 109-132.

BASTIDE, Paul Arbousse. A idéia do tempo e o envelhecimento. A terceira Idade SESC SP Ano X – N° 16 maio de 1999.

BAUER, Martin W., GASKELL, George. Trad. Pedrinho Guareschi. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, Editora Vozes.

BEAUVOIR, S. A Velhice. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Companhia das Letras, 1999.

_____. O Tempo Vivo da Memória, Ateliê Editorial, 2003.

BRITO, Marilza E. Memória e Cultura, Caderno da Memória da Eletricidade – Rio de Janeiro: C.M.E.B., 1989.

Cadernos do Cedes/Centro de Estudos Educação Sociedade – Filigranas da Mémória: Intercâmbio de Gerações. Vol. 26 n 68 – jan/abr 2006.

CALDAS, Célia Pereira. O desenvolvimento histórico e teórico da gerontologia. In Renato Veras e Roberto Lourenço(org) Formação Humana em Geriatria e Gerontologia: uma perspectiva interdisciplinar. Rio de Janeiro, Unati. Uerj,2006 v. p 26-30

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica. In Tratado de Geriatria e Gerontologia. FRETAS, Elizabete Viana de, PY, Ligia; NERI, Anita Liberalesso; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier; ROCHA, Sônia Maria da (Orgs), 2002.Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro.

_____ (2003). Mulher Idosa: suporte familiar ou agente de mudança in: Revista de Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, pp 35-64.

CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. A Associação da Fotografia aos Relatos Orais na Reconstrução Histórico-Sociológica da Memória Familiar. *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Coleção Textos; Série 2, n.3).

CARNICEL, Amarildo. “Fotografia e inquietação: uma leitura da imagem a partir da relação fotógrafo-fotografado”. In: Resgate-Revista Interdisciplinar de Cultura (nº11).Campinas, 2002.

CARTIER-BRESSON, Henri. Transcrito de “O Momento Decisivo”. In Bloch Comunicação. Nº6, Bloch Editores, Rio de Janeiro. P 19 a 25.

CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda (orgs). A Leitura de Imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação. –São Paulo. Cortez Editora, 2004

CUNHA, Celso- Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro:Nova Fronteira,2001.

DEBERT, Guita Grin – A Reinvenção da Velhice. São Paulo, Edusp,1999.

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CIDADANIA. O Direito à Memória. São Paulo, 1992.

DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). 26 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FRANCASTEL, Pierre. Imagem, visão e imaginação. Lisboa. Edições 70, Arte e Comunicação, 1987 (1983).

FERNANDES, Renata Sieiro. Entre nós, o sol: relações entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não-formal. Campinas, Mercado de Letras, 2001.

FERREIRA, Jerusa Pires. Armadilhas da Memória e outros Ensaios. São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.

FLICK, Uwe. Uma introdução à Pesquisa Qualitativa. Trad. Sandra Netz. 2.ed. Porto Alegre, Bookman, 2004.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-ação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez. 2005.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra., 1979.

_____. Pedagogia do Oprimido. 13.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Coleção O Mundo, Hoje, v. 21-1983.

GONÇALVES, José Roberto. Espaço, Tempo e Memória, Reconstituindo a Trajetória das Vilas Populares em Campinas; o exemplo da Vila Castelo Branco- Tese de Mestrado IA/Unicamp, 2002.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não-Formal e Cultura Política. Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo, Cortez Editora, 1999.

GOLDANI, Ana Maria. Mulheres e Envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero. IN Muito além dos sessenta os novos idosos brasileiros. Org. Ana Amélia Camarano. Cap. 3 pp 75-114 IPEA Instituto de Pesquisa Aplicada – Rio de Janeiro, 1999

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. In: NERI, Anita L. Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas, SP.: Papirus; 2001

_____. Cinedebate: cinema, velhice e cultura. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005. Coleção velhice e sociedade.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 1980-2050: Menos jovens e mais idosos. Revisão 2004, Rio de Janeiro, outubro, 2004.

KERLINGER, Fred Nichols. Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: um tratamento conceitual. E.P.U., São Paulo, 1980.

KESSEL, Zilda. Memória e Memória Coletiva, 2007. www.multirio.rj.gov.br

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo, Ateliê Editorial, 2002

_____. Fotografia & História. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003

_____. Estética, Memória e Ideologia Fotográficas. Decifrando a realidade interior das imagens do passado. Acervo, Rio de Janeiro, v. 6, n 1-2 p.13-24, jan/dez 1993.

LAPA, José Roberto do Amaral, 1929-2000. Os excluídos: contribuição à história da pobreza no Brasil (1850-1930) . Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. A Construção do Saber. Artmed, Porto Alegre, 1999.

LACERDA, Aline Lopes de. Os Sentidos da Imagem. Fotografias em arquivos pessoais. Acervo, Rio de Janeiro, v.6, n 1-2, p. 41-54, jan/dez 1993.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. História e Fotografia – in Vozes Cultura – ano 1986 – vol 86 n 3 maio/junho 1992.

_____; SIMSON, Olga R. Moraes von. Imagem e Linguagem. Reflexões de Pesquisa. *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Coleção Textos; Série 2, n.3).

LE MOS, Maria Teresa Toríbio B. ZAGAGLIA, Rosângela Alcântara. (Orgs.). A Arte de Envelhecer: Saúde, trabalho, afetividade, Estatuto do Idoso. Aparecida-SP, Editora Idéias&Letras, 2004.

LIMA, Cristina Rodrigues. Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações. Tese de Mestrado FE/Unicamp, 2007.

LOPES, Andréa. Os desafios da Gerontologia no Brasil. NÉRI, Anita Liberalesso (org.). Campinas, SP: Editora Alínea, 2000.

LOPES, Ewelline Suely de Lima, NÉRI, Anita Liberalesso, PARK, Marareth Brandini. Ser avós ou ser pais: os papéis dos avós na sociedade contemporânea. Textos Envelhecimento v.8 n2 Rio de Janeiro, 2005. www.unati.uerj.br

MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Nestor Suárez. Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas., tradução Valério Campos. Porto Alegre Artmed, 2005

MERCADANTE, Elisabeth. Aspectos antropológicos do Envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. Gerontologia. São Paulo: Atheneu, 1996. p. 73-76.

MINAYO, M. C. S; COIMBRA JR. C. E. Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MIRANDA, Danilo Santos de. Memória e Cultura: A importância da memória na formação cultural humana. São Paulo, Edições SESC SP, 2007.

MONFORTE, Luiz Guimarães, Fotografia Pensamento. São Paulo, Editora Senac, 1997.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). Desenvolvimento e Envelhecimento: Perspectivas Biológicas, Psicológicas e Sociológicas – História oral e velhice bem sucedida. Campinas, Papirus, 2001.

_____; Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC SP, 2007.

_____; YASSUDA, Mônica S.(Orgs.); CACHIONI, Meire (Colab.). *Velhice Bem-Sucedida. Aspectos Afetivos Cognitivos*. Campinas, SP, Papirus, 2004. Coleção Vivaidade.

_____. Palavras-chaves em gerontologia. Campinas, SP Alínea Editora, 2005 Coleção Velhice e Sociedade 2ª edição.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, n.3, 2000.

NETTO, Matheus Papaléo. O estudo da velhice no século XX: Histórico, Definição de Campo e Termos Básicos. In Tratado de Geriatria e Gerontologia. FRETAS, Elizabete Viana de, PY, Ligia; NERI, Anita Liberalesso; CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier; ROCHA, Sônia Maria da (Orgs), 2002. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro.

NOVELLI, A L. Terceira idade: o desafio da inclusão social. Brasília, 2003.

OLIVEIRA, Luiz Antonio. Um país mais velho- entrevista Fapesp 03/12/2008.

Organização Mundial de Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PARK, Margareth Brandini. Possibilidades de uso da Fotografia na Elaboração de Projetos Pedagógicos. In: Revista Resgate. N 10, pp 29-58, 2001.

_____; FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). Educação Não-Formal: contextos, percursos e sujeitos. Holambra, Editora Setembro, 2005.

_____; CARNICEL, Amarildo (Orgs.). palavras chaves em educação não-formal. Holambra, SP. Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007, p.294.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS. M. M. L. (org.). Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998. p.69-84.

_____; Aposentadoria: retorno ao trabalho e solidariedade familiar. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.) Família e Envelhecimento. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Revista Estudos Históricos, n.10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto História, São Paulo, n. 14, fev. 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Pesquisador, o Problema da Pesquisa. A Escolha de Técnicas: Algumas Reflexões. Reflexões de Pesquisa. *Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. (Coleção Textos; Série 2, n.3).

SALGADO, Marcelo Antonio Por uma Pedagogia do Adequado Envelhecimento. A terceira Idade SESC SP Ano X – Nº 16 maio de 1999

SAMAIN, Etienne (Org.). O Fotográfico – Fotografia e suas Histórias. São Paulo, Editora Hucitec/CNPQ, 1998.

SAMAIN, Etienne (Org.). O Fotográfico – Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. São Paulo, Editora Hucitec/CNPQ, 1998.

SESC São Paulo. O Século da Terceira Idade. São Paulo, 2003.

_____; NERI, Anita Liberalesso, CACHIONI, Meire (Orgs). As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil, Campinas, Alínea, 2003.

SCHARFSTEIN, Eloísa Adler. *A construção da identidade social de uma pessoa idosa através do discurso. Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*. Porto Alegre, v.1, p. 77-89, 1999.

SILVA, M. A. O Estatuto do Idoso. Rio de Janeiro, Saraiva, 2003.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Teorias sociológicas do Envelhecimento In Tratado de Geriatria e Gerontologia., 2002. Editora Guanabara Koogan S.A., Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, Ilka Nicéia D'Aquino Oliveira; NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. *Psicol. USP*, São Paulo, jan./mar. 2008, 19(1), 81-94

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. São Paulo. Editora Cortez, 2008.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro. Zahar, 1978, pp 36-46.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória e Identidade Sociocultural: Reflexões sobre pesquisa, ética e compromisso. In PARK, Margareth Brandini (Org.); *Memória, Formação de patrimônio e Educadores meio-ambiente*. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

VON SIMSON, Olga R.Moraes . PARK, Margareth Brandini, FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). Educação Não-Formal: cenários da criação.Campinas, Editora da Unicamp, 2001.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; GIGLIO, Zula Garcia. A arte de recriar o passado: História Oral e velhice bem sucedida. In: NÉRI, Anita Liberalesso (Org.) Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas. Papyrus, 2001, p.141-160, Coleção Vivacidade.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes; NÉRI, Anita L.; CACHIONI, Meire (orgs.). As Múltiplas faces da velhice no Brasil. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. Coleção velhice e sociedade.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento. In: Arquivos e novas tecnologias: questões para a história da educação, Faria (org) Coleção Memória da Educação, 2005.

_____; O resgate que deu samba. Entrevista concedida ao Jornal da Unicamp, ed. 305, outubro de 2005.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Carnaval em branco e preto: Carnaval popular paulistano 1914-1988. Campinas, Editora da UNICAMP, 2007.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. Sociologias. Porto Alegre, n13, p260-300, jan/abr, 2005.

ZIMMERMAN, Guite I. Velhice: Aspectos Biopsicossociais. Artes Médicas Sul,2000.

ANEXOS

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

A quem interessar possa:

Campinas, 09 de março de 2007.

Prezados Senhores.

Eu, Izabel Cristina Santos de Almeida, assistente social, coordenadora do Projeto Gente Nova-Progen (PROGEN), situado a Rua Castelnuovo, 699, Vila Castelo Branco, Campinas-SP, conheço o Projeto de Pesquisa **“Imagens do Meu Mundo: Fotografia, Identidade Sociocultural e Envelhecimento”** do(s) Pesquisador(a/es/as) Maria Lucia Secoti Filizola, sob a orientação da Prof^a. Dr^a Olga Rodrigues de Moraes von Simson e autorizo a coleta de dados nessa Instituição.

Atenciosamente,

Izabel Cristina Santos de Almeida

RG:

CPF:

Telefone:

Email: progen@feac.com.br

Carta de Cessão

Campinas, 25 de junho de 2008.

Eu, _____

_____,
portadora do documento de identidade número:
_____ e

CPF: _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha imagem bem como o da minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura, publicação e divulgação para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações desde a presente data. Da mesma forma, autorizo sua audição e o uso das citações a terceiros, ficando o controle a quem tiver a guarda das mesmas.
